MESAC ROBERTO SILVEIRA JÚNIOR

**A travessia que mancha o corpo:
imagens da imigração e a educação transitória**

Tese apresentada na Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo para obtenção do
Título de Doutor em Educação.

Área de concentração: Cultura, Organização e
Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Kátia Rubio

São Paulo
2008

FOLHA DE APROVAÇÃO

Mesac Roberto Silveira Júnior

A travessia que mancha o corpo: imagens da imigração e a educação transitória

Tese apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Doutor.

Área de concentração: Cultura, Organização e
Educação.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

À Kátia Rubio, minha orientadora.

À minha mãe Alice.

RESUMO

SILVEIRA JÚNIOR, Mesac Roberto. **A travessia que mancha o corpo: imagens da imigração e a educação transitória.** 2008. 113 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Este texto é resultado da pesquisa de campo realizada com imigrantes bolivianos em São Paulo. Relata também a experiência como imigrante do próprio autor, assim como analisa os registros imagéticos da imigração africana na Europa. Tem por objetivo reunir argumentos para defender a tese de que a educação é movimento, travessia. Semelhante transitoriedade fundamental da educação quando é tolhida, no sedentarismo torna árida, senão impossível a experiência pedagógica, pois a nega em sua dimensão dinâmica e movente. Nesse sentido, pretendo demonstrar, através de uma descrição densa, que a substância e o caráter da atividade pedagógica assenta-se mais na vacuidade, no eterno, na atopia e na utopia, como assinala Gaston Bachelard.

Palavras-chave: Educação, travessia, imigração, imagem.

ABSTRACT

SILVEIRA JÚNIOR, Mesac Roberto. **The crossing and de boddy stigmatized: immigration images and the transitive education.** 2008. 113 f. Thesis (Doctoral) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

This text analyses some conceptions that constitute a basis for defending the education as movement. Presents a field research about a manifestation of Bolivians, Brazilians, Africans immigrants in Europe and Brazil. Which basis transitorily education when renegade, we argue that the education can not be viewed as education, since it takes an urban and bodily perspective to establish a peculiar kind of atopic and utopian space. We use as references the ideas of the philosopher Gaston Bachelard.

Key-words: Education, crossing, immigration, image.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
Benazet.....	16
Os “meus” imigrantes.....	20
A Síndrome de Ulisses.....	37
1 A MIGRAÇÃO.....	46
OS QUE ATRAVESSAM.....	47
Dos altiplanos à praça Kantuta.....	50
Juan.....	56
Carlos.....	57
2 A IMAGEM.....	65
O IMAGÉTICO NA TRAVESSIA.....	66
As frágeis travessias nos <i>cayucos</i>.....	66
A Película manchada.....	70
A imagem invisível.....	85
A imagem da tragédia e a tragédia da imagem.....	88
3 A EDUCAÇÃO.....	95
RUMO A UMA EDUCAÇÃO TRANSITÓRIA.....	96
A educação peregrina.....	97
Educação e pluralidade cultural.....	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
A travessia que mancha o corpo e a educação movente.....	108
REFERÊNCIAS	110

Imagem 1

INTRODUÇÃO

“Satã, confinado assim à instável condição de vagabundo, sem rumo, não possui morada certa, pois embora tenha, como consequência de sua natureza Angélica, uma espécie de império na vastidão líquida ou no ar, decerto faz parte de seu castigo não ter [...] um lugar em que pousar a sola do pé.”

(Daniel Defoe, *The History of the Devil*, in: Salman Rushdie *Versos Satânicos*)

A tese que pretendo defender aqui sob o título *A Travessia que Mancha o Corpo: imagens da imigração e a educação transitória* é a que a educação é movimento. Semelhante transitoriedade fundamental da educação quando é tolhida, no sedentarismo e na paralisia, torna árida, senão impossível a experiência pedagógica, pois a nega em sua dimensão dinâmica e movente.

Nesse sentido, pretendo demonstrar, que a substância e o caráter da atividade pedagógica estão próximos do ar e do vôo – mesmo que seja com as asas encarnadas do quéchua do altiplano boliviano (**imagem 1**) –, assentando-se mais na vacuidade que na matéria, mais no eterno que no duradouro, mais na atopia e na utopia que no estabelecido e no estático.

Entretanto, no esforço para defender a tese que a educação é movimento, travessia – travessia, que deixa marcada, manchada a existência (ou corpo: modo de ser-no-mundo) de quem a empreende – vale lembrar que ela própria, a tese, tem antecedentes dinâmicos. Não digo origem, nem fundamento, mas sim antecedentes, pois esta palavra evoca desde já os contornos transitórios da própria experiência que me levou ao ambiente dessa pesquisa: os deslocamentos humanos contemporâneos. Deslocamentos dos quais eu mesmo fiz parte. Experiência que relatarei ainda nesta introdução. Assim, não há, por exemplo, de saída, uma hierarquia fixa quanto aos argumentos que apresento para defender minha tese. Há, contudo, aproximações, movimentos ou variações, que giram em torno de três temas principais: a migração, a imagem e a educação.

Tais aproximações vão avançando dinâmica e concêntrica¹ não em direção a um fim último, pois este não há. Mas um avanço que se assemelha ao movimento espiralado do círculo hermenêutico descrito pelo filósofo e filólogo alemão Hans-Georg Gadamer em *Verdade e Método*.

Gadamer demonstra que a compreensão, como a figura concêntrica espiralada do círculo hermenêutico, deve estar em constante expansão e nunca retornar ao exato ponto de origem, mantendo-se permanentemente aberta, indo sempre além. Ampliando a concepção do filósofo Martin Heidegger – na qual a compreensão não é algo que se possui, mas antes uma maneira de ser, sendo o círculo hermenêutico, neste autor, uma estrutura ontológica de toda a compreensão e interpretação existenciais do homem que se assenta sempre em operações prévias –, em Gadamer o círculo hermenêutico ganha um novo e fundamental significado. Para ele, o círculo hermenêutico é o movimento da compreensão que vai permanentemente do todo à parte e desta ao todo numa constante dinâmica de “círculos concêntricos”.

Assim, o círculo hermenêutico, para Gadamer, define a compreensão como a “interpretação do movimento da tradição e do movimento do intérprete” (1998: 439). A antecipação de sentido, indispensável para a compreensão revela a relação do sujeito com uma tradição. Contudo, esta relação encontra-se em constante transformação, movimento, pois o intérprete, à medida que compreende, participa do processo de instauração da tradição ao mesmo tempo em que o determina. Pode-se afirmar, assim, que para Gadamer, como em Heidegger, a estrutura hermenêutica tornou-se a compreensão de toda experiência humana. Entretanto, Gadamer, distintamente de Heidegger, enfatiza uma compreensão em constante transformação e permanente movimento de expansão como os círculos concêntricos. Já não se trata, apenas de um círculo hermenêutico, mas, a partir de Gadamer, são círculos hermenêuticos concêntricos. Esse círculo virtuoso não é estático, antes, é uma metáfora da forma dinâmica da compreensão.

¹Como nos círculos formados quando uma pedra é lançada à água. Hegel afirma que o conhecimento inteiro “é em si uma circulação, em que o primeiro transforma-se também em último e o último em primeiro”, da mesma maneira, “a filosofia se mostra como um círculo em constante retorno” (Enciclopédia Filosófica, p. 1430). Gentile trata a circularidade de forma mais abstrata, propondo a distinção entre circularidade e ciclicidade: “lá o círculo se fecha, aqui o círculo também se fecha, porém, reabre em um novo círculo” (Enciclopédia Filosófica, 1430).

Nesse sentido, ao defender um movimento circular concêntrico da compreensão, Gadamer aponta duas características: a exigência de um constante retorno, e uma expansão igualmente constante. A noção de concentricidade aparece justamente no encontro destes dois movimentos: constante retorno e constante expansão. Aquilo que constantemente retorna e constantemente se expande são círculos concêntricos espiralados.

Segundo Gadamer, comentando Heidegger, a compreensão exige um “esforço” hermenêutico que força os limites do círculo expandindo-o, para que não se torne em círculo vicioso (1998: 401). O círculo vicioso se caracteriza pelo seu constante retorno ao *mesmo* ponto de partida, já, uma figura circular concêntrica aspiralada também retorna ao ponto de partida, porém não ao mesmo, já que o supera, indo *além*. Essa diferença, evidentemente, é qualitativa; ela não *ocorre*, apenas *fica evidente*, no momento do não fechamento do círculo. Ou seja, círculos concêntricos espiralados não são círculos viciosos esforçando-se em deixar de sê-los, sim, são círculos concêntricos espiralados desde seu ponto de partida, desde sua mesma antecedência. Dito de outro modo, e seguindo a risca a diferença entre os dois tipos de círculos, o círculo que se mantém permanentemente aberto – portanto mais elogiável do ponto de vista do exercício da compreensão – já se encontrava aberto desde seu início. Assim, não houve esforço nem transformação nessa rota circular. Mas, ao mesmo tempo não há um pré-determinismo: a evidência de abertura e de superação nesse tipo de compreensão virtuosa *se revela inesperadamente*; apenas *se dá a ver*, se evidencia, inusitadamente naquele espaço e tempo.

Quero ainda insistir no caráter movente e dinâmico do círculo hermenêutico. Porque, por mais que Gadamer nos fale de círculos, espirais, concentricidades, aberturas e rotas do círculo hermenêutico, se cala quanto aos desdobramentos de sua vocação para a mobilidade.

Creio que encontramos nos filósofos Henri Bergson e Gaston Bachelard, as reflexões adequadas para tentar entender esse movimento, essa dinâmica, dos círculos concêntricos de Gadamer, inclusive as razões para que o caráter móvel da metáfora não seja explorado.

Em *Memória e Vida*, Bergson argumenta que mesmo que o movimento seja o fator constitutivo da realidade e que a imobilidade seja apenas aparente, a nossa forma de pensar só concebe claramente a imobilidade, reconstruindo o movimento somente através de

imobilidades justapostas. Assim, qualquer intenção de trabalhar com o movimento será algo forçoso, sintético, no terreno do obscuro. Segundo o autor, mesmo quando a especulação filosófica concebe a idéia de uma circularidade do pensamento – como no caso de Hegel que concebe a filosofia como um círculo em constante retorno, ou de Gentili que fala do pensamento em termos de circularidade e ciclicidade –, isso só se dá de forma esquemática, estática, ou no máximo como percurso já realizado e acabado. Bergson, por sua vez, ressalta o caráter fundamental da própria mobilidade.

É essa a característica da mobilidade que desejamos extrair do círculo hermenêutico. Porque aqui, ao nos dedicarmos à travessia dos migrantes, às imagens destes deslocamentos e seus desdobramentos pedagógicos, não nos interessa para onde o móvel vai, nem onde ele está num momento dado de seu trajeto. Não importa as suas posições atuais ou futuras, mas sim o progresso mediante o qual ele passa de uma posição para outra, progresso que é o próprio movimento. Interessa, o que há de movente na ação, não desviando a atenção da própria mobilidade. Interessa aqui mais o movimento, que as posições sucessivas atribuídas ao móvel, mais o devir, no sentido usado por Bergson, que as formas atravessadas sucessivamente, mais a evolução da forma que as formas realizadas uma depois das outras. Pensamos aqui o sucessivo, o tornar-se, a mutabilidade, o movente, a agitação, a inquietude, o fluxo perpétuo, a oscilação indefinida de um lado para o outro, a migração, em uma palavra: a travessia. Momentos que não se instalam, ao contrário, duram, pois se atam ao fio que os ligam ao tempo.

Se o círculo hermenêutico é um círculo em movimento, no sentido da mobilidade descrita por Bergson, este movimento deve possuir um caráter próprio, um estilo. Deve avançar num ritmo próprio: um movimento no tempo. E a este ritmo denomino aqui – numa conjugação com o sentido dado por Gaston Bachelard em sua filosofia da poesia – como *devaneio*. O devaneio, como “movimento” poético, é tanto uma forma de pensar, como forma *do* pensar, plena de movimento e tempo, uma forma de movimento e tempo, uma cadência, um andamento. Assim como para Bachelard a casa é uma das formas poéticas do espaço, o devaneio é uma das formas poéticas do movimento-tempo. O devaneio, aqui tomado como o ritmo próprio do movimento do círculo hermenêutico, é um pensar poético que conjuga movimento e tempo. Pois é próprio do pensar poético ser rítmico, cadente. As imagens evocadas num pensar poético – a imaginação poética – estão

em constante deslocamento; não se assentam, surgem e ressurgem a cada minuto, numa temporalidade e dinamismo próprios do êxtase da imagem inusitada. A imagem poética se realça e se oculta sempre numa atualidade e novidade essenciais. Imagem sem passado, que não conhece o envelhecimento, e vive somente para o devir. Assim é o devaneio poético. E não nos custa encontrar as semelhanças com o círculo virtuoso de Gadamer. Ambas as imagens estão despossuídas de origem, sempre a caminho, *en la ruta, en el sendero*. Ambas se encontram em permanente travessia. Como assinala Bachelard, ao expor esse seu caráter errante e fugidio, a imagem poética não é eco de um passado. É antes o inverso: com a explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa de ecos e já não vemos em que profundezas esses ecos vão repercutir e morrer. Em sua novidade, em sua atividade, a imagem poética tem um ser próprio: “o poeta fala no limiar do ser” (2003: 2).

O poeta fala no limiar do ser!

Expressão máxima que abriga a tentativa de encontrar esse lugar instável, fugidio, esse tempo arcaico da memória – pois como afirma Vernant, “o poeta é o intérprete de *Mnemosýne*”, voz da memória (1990: 137) – onde deve transitar aquele que aborda a migração. É impossível abordá-la a partir de locais mais fixos e seguros. É implausível que capturemos seu dinamismo a partir do olhar de uma ciência imóvel, mesmo que a miremos de postos de observação avançados. Por certo que nos serviremos nesse texto de diversas contribuições dos estudos etnográficos, sociológicos e psicológicos, mas, por ser este um estudo que envolve a participação direta do investigador, não apenas como pesquisador, mas também como sujeito, caminharemos sempre no *limiar do ser*. Nas beiradas, nas bordas, nas fronteiras do ser – esse lugar hermesiano, descrito por Vernant como território

do viajante que vem de longe e que já se apressa a partir. Não há nele nada fixo, estável, permanente, circunscrito, nem fechado. Ele representa, no espaço e no mundo humano, o movimento, a passagem, a mudança de estado, as transições, os contatos entre elementos estranhos... Hermes, o Salteador, O-que-vagueia-diante-das-portas, o Espreitador noturno, aquele para quem não existe nem fechadura, nem cerca, nem fronteira: O Passa-Muros... ‘semelhante à brisas de outono, como um nevoeiro’... Reside também na entrada das cidades, nas fronteiras dos Estados, nas encruzilhadas... Em todos os lugares em que os homens, deixando sua moradia privada, reúnem-se... Deus errante, mestre dos caminhos, na terra e em direção a terra: ele guia, nesta vida, os viajantes... Faz passar da vida à morte, de um mundo à outro... Presente no meio dos homens, Hermes é, ao mesmo tempo, intangível... Não está nunca onde está, aparece repentinamente e desaparece... Ele usa o capacete de Hades que o torna invisível, as sandálias aladas, que anulam as distâncias, e uma varinha de mágico que transforma tudo o que toca. É também aquilo que não se

pode prever nem reter, o fortuito, a boa ou má sorte, o encontro inesperado (1990: 192-193).

Na esteira de Hermes e Mnemosýne perseguiremos o rastro dessa imagem poética; seguindo os vestígios de sua temporalidade, mobilidade e narrabilidade própria. A imaginação poética das paisagens liminares, da fronteira, da nova pátria, da nova cidade do migrante. Novos lugares que não são mais os seus, mas que eles se acostumam a eles, ou talvez, se acostumam a não se acostumar a eles a ponto de torná-los seus. Alguns saem do deserto e atravessam o mar, outros saem da floresta e atravessam as cordilheiras, outros saem do altiplano e atravessam a planície e a floresta. Cada *topos* imprime um tempo, um movimento e uma narração. Sendo agora *atopos* (lugares vazios, despossuídos, não-lugares), somente o devaneio próprio da imaginação poética capta seu sentido.

O devaneio é o próprio local do movimento-tempo, da memória e da poesia, “para onde flui”, segundo Bosi, “a evocação espontânea das imagens, posta entre a vigília e o sonho” (2004: 39). E o devaneio é também um pensar-memória, um pensar em constante deslocamento, que habita os lugares ao mesmo tempo vazios e imensamente povoados das lembranças. Memória de migrantes contemporâneos: memória *cronos* (crônicas), tecidas por pequenos sucessos e episódios, de “cenas de rua vividas por anônimos” (2004: 13), mas também memória *ácronos*, sem tempo e lugar; memória concebida no próprio caminho, ou no caminho alheio, que salta do mais recôndito pretérito ao mais candente e atual, que se fabrica e se aniquila em instantes efêmeros. Como os fios de tempo misteriosos e fugidios vividos pelo personagem Hans-Castorp em *A Montanha Mágica* de Thomas Mann, onde três semanas valem por uma vida e anos a fio se condensam no contemplar de uma única paisagem.

Portanto, são nesses pactos provisórios de figuras caras a Gadamer, Bergson, Bachelard e Bosi, nesses interstícios conceituais, e nas ressonâncias e consonâncias do pensamento mítico grego, que concebo os instrumentos desta investigação. E é com esses instrumentos, feitos de ar e de sonho (e, diga-se de passagem, instrumentos difícilíssimos de se manejar, pois têm vocação para escaparem pelos vãos dos dedos, pelos “vãos” da razão), que executo os raciocínios que suponho adequados para a defesa da presente tese. E procuro fazê-lo na paisagem de uma razão sensível (Michel Maffesoli) que considera as situações humanas “naquilo que elas têm de efêmero, de sombrio, de equívoco, mas

também de grandioso” (2001:12). Que é razão do devaneio; razão em meio ao devaneio: razão-devaneio. Talvez a única forma de razão que dê conta de pensar as imagens da migração e a experiência pedagógica. Fenômenos humanos impregnados de afetos e ruínas, paisagens humanas nas quais até um Ulisses não as atravessa impunemente.

Assim, o devaneio é a forma de pensar a travessia. O devaneio como duplo da própria travessia. É na travessia do migrante, na imagem da travessia do migrante, que procuro encontrar os argumentos para defender a educação como movimento, trânsito. A travessia é a figura mestra em torno da qual circulam a migração, a imagem e a educação. A travessia, recheada de movimento e memória, permeia a migração, a imagem e a educação, conferindo significado a estas e, ao mesmo tempo, sendo significada por elas. É na própria condição da travessia que tento sustentar que a educação é movimento enquanto travessia. E é no ritmo próprio – o devaneio – do círculo virtuoso configurado numa razão sensível que a travessia se tece com a migração, a imagem e a educação. As encontra, se aproxima delas, convive com elas, comunga com elas, as “supera” e eternamente, como na circularidade do tempo mítico (Vernant, 2001; Eliade, 1998) retorna a elas.

Confundem-se aqui metodologia (memória: as evocadas na História de Vida; e imagens: filmográficas e fotográficas, consideradas na etnografia de Clifford Geertz como Descrição Densa) e instrumento (devaneio); irisa-se também a dualidade sujeito (migrante) e objeto (travessia), fazendo-os reverberar um no outro, como na imagem poética, “incessantemente ativa em suas inversões” (Bachelard, 2003: 4). *Com-fundem-se*, mesclam-se, se intertecem inapelavelmente na intenção de ensaiar uma filosofia da educação não formal. Uma filosofia que considera o humano: uma antropologia filosófica.

Tenta-se assim, descrever densamente (Geertz) histórias de vidas através das imagens da travessia: imagem memória (Bosi; Bergson), imagem tempo (Deleuze); imagem mítica (Vernant); imagem corpo (Perniola) e não apenas imagem dos corpos. Corpo em deslocamento, em movimento em direção ao outro. Corpo que se aproxima do outro, que se mostra (ou é mostrado) ao outro, em contextos de pluralidade cultural. O corpo do migrante como emblema da contemporaneidade. E é essa aproximação, esse movimento, que tento defender aqui como educação. Educação em tempos de identidade fragmentada, identidade em diáspora. Identidade de quem não está em casa e se desloca por esses lugares de passagem (Hall, 2005). Terreno semeado de possibilidades, como nos

mostra Homi Bhabha (2005) com sua noção de disseminação e como o novo entra no mundo através do hibridismo das comunidades imaginadas. Grupos de deslocados que realizam, segundo Bhabha, um movimento para o “além”, “poéticas do exílio”, que acompanham “os caminhos morosos ou apressados dos homens pra lá e pra cá, de modo que eles possam alcançar outras margens...” (2005: 24).

Caminhos semeados de possibilidades, como o lugar de festa e encontro entre imigrantes bolivianos e nacionais numa praça de São Paulo revelados no documentário *Kantuta*; ou a cena crepuscular com os três meninos quéchuas do filme *La Vertiente*, de Jorge Ruiz, ou na esperança do imigrante árabe de encontrar trabalho enquanto espera pacientemente nas praças de Lérida; ou no desenho animado de Michel Ocelot *As aventuras de Azur e Aznar* ambientado no mundo encantado do Magreb habitado por *Djins*, em que surge um terceiro elemento que põe fim a uma disputa de fundo étnico. Mas, também rotas cercadas de impossibilidades, de hesitações e solidão, como nos trágicos desenlaces de tantas travessias marítimas de imigrantes africanos subsaarianos rumo à Europa; ou quando no mesmo *Kantuta*, ao ser perguntado sobre sua terra natal, o imigrante boliviano se emociona e fala de saudades com a voz embargada pelo choro; ou na pensão precária onde o brasileiro faz planos para o futuro repleto de imprevistos.

Em suma, a delicadeza teórica dessa pesquisa reside na finíssima rede que se estende entre a travessia “real” (o fenômeno social, geo-político, demográfico, psicológico), a travessia imaginada (representada em imagens da migração e presente na imaginação do migrante) e aquela travessia inerente ao próprio método de abordagem (hermenêutica circular, devaneio, memória, imaginação poética). Soma-se a isso outra dimensão não menos delicada – e até ousada, ou mesmo perigosa – que é a participação intrínseca do pesquisador também como objeto de pesquisa, ou seja, as memórias, imagens e narrativas do pesquisador ele próprio enquanto migrante. Os desdobramentos dessa participação ativa do pesquisador são importantes. Por exemplo, a dissolução ou trânsito do relato do pesquisador (essa instância supostamente elaborada, rigorosa) na narrativa do sujeito pesquisado e, por outro lado, uma narrativa da “realidade” que se arrisca a ser feita sob medida para transformar-se em relato. O pesquisador atravessa o relato do sujeito e vice-versa. Um movimento talvez próprio da imaginação poética demonstrado por Bachelard; uma intersecção, pela imagem (memória, narrativa, fotografia, filme, simulacro, devaneio,

imagem poética) “de uma subjetividade pura mas efêmera com uma realidade que não chega necessariamente à sua completa constituição” (2003: 4).

Assim, a travessia aqui ganha diversos sentidos no decorrer do texto, ora como deslocamento no tempo e no espaço, ora como figura poética hermenêutica utilizada como instrumento de análise. Entretanto, em muitos momentos esses sentidos estarão imiscuídos, sendo, contudo, nos desdobramentos educacionais que essas intersecções se darão de uma maneira mais plena.

Como mencionado anteriormente, no percurso para defender a tese de que a educação é movimento, realizo três aproximações, circulares, concêntricas, espiraladas, que giram em torno da migração, da imagem e da educação. Todas elas descrevem sempre circunvoluções que perpassam umas às outras, ao mesmo tempo em que se projetam a diante em suas esferas específicas, configurando assim o desenho e a dinâmica da travessia.

Na primeira, me aproximo do fenômeno da migração, da sua compreensão e explicação, através das memórias, das imagens e dos relatos provisórios dos migrantes e sobre os migrantes bolivianos. Na segunda, me aproximo da imagem, através das manchas, estigmas, cicatrizes, deixadas no corpo e na alma de quem atravessa. Imagem que também mancha a película fotográfica e fílmica com a ação poética de uma comunidade imaginada que atravessa o tempo vivo da memória de quem migra. Na terceira, e última, os círculos concêntricos se dilatam aproximando-se da educação através do seu sentido de encontro provisório, de passagem, de peregrinação, de crepúsculo, de transitoriedade. A tendência é pensar nessa última aproximação como conclusiva, como ponto de chegada, mas, definitivamente ela não é. Talvez seja ela o local mais distante, onde as ondas concêntricas se expandem mais suavemente, mais imperceptivelmente até. Entretanto, é aqui onde vislumbramos algumas das conseqüências mais urgentes no tocante às relações humanas num contexto de pluralidade cultural.

Benazet²

“Quando ainda dava aulas, costumava introduzir meus cursos por uma reflexão sobre "mundo" e "eu". De certa forma (eu dizia), a trajetória do indivíduo ao longo da vida, refaz a trajetória do homem ao longo da história: homem e indivíduo se evoluem mediante um movimento pendular: homem, mundo, homem, mundo, homem, ... eu, mundo, eu, mundo, eu.”

*(Da Infância à Velhice, **Beatriz Fétizon**)*

“Junto aos rios da Babilônia nós sentávamos e chorávamos lembrando-nos de Sião.”
(Salmos 137)

Fui um imigrante durante seis anos na Europa. Nessa condição percorri alguns países daquele continente realizando diversos trabalhos que me garantiram a subsistência. Nos primeiros anos, como imigrante ilegal, fui detido algumas vezes pela polícia de imigração, o que me trouxe dissabores e preocupações, pois não queria voltar ao meu país onde tinha deixado para trás uma situação de falência econômica, subempregos e um casamento desfeito. Após alguns anos pude legalizar minha situação, o que me permitiu acessar trabalhos um pouco melhores. Mudei-me diversas vezes em busca de melhores oportunidades, contudo, de uma maneira ou outra, sempre me encontrava em situação instável. Ora pela falta de trabalho, ora pela remuneração que variava de uma cidade para outra, de um país para outro, outras vezes pela simples incapacidade de gerir meus recursos; mas, talvez mais profundamente, uma instabilidade que derivava da minha própria condição de imigrante. Numa época de falta de trabalho tive inclusive que recorrer à caridade alheia, pedindo nas ruas uma ajuda para poder comer e pagar o pequeno quarto de pensão. Foram dias estranhos aqueles em que abordava com muita vergonha as pessoas na rua e inventava uma história qualquer para convencê-las a me dar algo. Tem histórias que dão mais certo que outras na hora de pedir ajuda a desconhecidos. A verdadeira história não era convincente para a maioria das pessoas. Àqueles a quem abordei reagiam melhor, dispondo-se a ajudar, aos típicos dramas, de doença, receita médica, furto, viagem para outra cidade, etc. Mas, essas histórias inventadas e tantas vezes contadas, vão ganhando certo estatuto de verdade para aquele que as contam. São histórias de vida falsas, postizas,

² Benazet é o nome da pensão mais barata de Andorra La Vella – Principado de Andorra. É lá onde geralmente se hospedam os imigrantes que chegam ao país e onde, naturalmente, a polícia de imigração faz “batidas” freqüentes.

sobressalentes, as quais se lança mão oportunamente, mas que pela conjuntura de extrema necessidade em que se inserem, acabam ganhando o caráter de verdadeiras, sobrepondo-se às lembranças e ao passado “reais”. Uma sobreposição que não pretende reconstruir o passado, nem anulá-lo, simplesmente, nas palavras de Bosi, que parecem que cabem bem aqui, faz “cair a barreira que separa o presente do passado”, lança uma “ponte”, realiza uma “evocação” (2003: 89). Posteriormente, quando me lembrava daquela ocasião, as lembranças se embaralhavam. E hoje, no esforço de recordar, as lembranças ganham renovadas e entrelaçadas faces. Quem eu *de fato* era naqueles dias de fome nos quais emagreci uns dez quilos? Um aventureiro, um romântico, um mentiroso, um mártir, um *sudaca*³? O que eu *de fato* queria? (o que um homem quer? é a pergunta que o estudioso dos seres disseminados entre as nações, o indiano Homi Bhabha (2005), considera fundamental). E esse esforço da memória, será ele uma “canção de amor aos nossos cruzados eus”? ou uma prisão entre as “irreconciliáveis forças...” do passado e do presente de que nos fala Hall quando traz à tona essas identidades contemporâneas rompidas, suspensas, em transição? (2005: 88,92). Quem é e o que quer um homem nessa condição?

Mas, também houve momentos de fatura, quando quase me esquecia das penúrias anteriores e podia então reassumir a linha da minha história de vida “autêntica” (existirá uma história autêntica do imigrante? Pergunta Sayad, 1998, sobre esses seres desprovidos de nação, arrancados do tempo e da história e que vivem baixo o domínio do provisório). Mas, talvez, não se saia impune dessas experiências de precariedade. E as identidades forjadas e os passados inventados deixem marcas indeléveis. Como se uma vez criadas, essas falsas histórias pessoais incorporadas para suprir uma necessidade fundamental como a fome, ganhassem uma biografia própria que continuassem sobrevivendo, digamos, subterraneamente. E a história de vida “autêntica” muitas vezes entrelaça-se com essas subterrâneas. Assim, passam-se os anos.

Mas existem as cartas. Cartas dirigidas à família. Cartas abundantes que possuem a função principal de manter um vínculo com um passado “autêntico”. Inventam-se então nessas cartas outras histórias. E se reafirmam nelas o afeto, os laços com a família, com os parentes, a terra natal. Belas cartas com fotografias. Fotografias nas quais reinam o contraditório: não se pode aparecer nelas tão felizes para não ofender aos queridos, nem tão

³ Termo usado em Espanha para se referir aos imigrantes sul-americanos.

tristes para não decepcioná-los. E as preciosas cartas, abundantes ao princípio, vão ficando mais escassas, mais espaçadas. E depois de um tempo, maculadas com erros de ortografia e impregnadas de palavras da nova língua que se esforça em aprender. A nova língua se imiscui insidiosa no idioma natal. Uma nova sintaxe, um novo uso e ritmo. De repente a comunicação torna-se equívoca, estranhada, anuviada com os seus queridos distantes. Que talvez já não sejam mais tão “seus” e as vezes não tão “queridos”. Os vínculos familiares vão se estirando e rompendo, ao mesmo tempo em que outros novos não se formam na nova terra. Aliás, novos vínculos sim se formam, mas com outra constituição, outra matéria; a substância das identidades fragmentadas.

Os novos vínculos tecidos na imigração estão repletos de chegadas e partidas. Despedidas doloridas se intercalam a acolhidas, ora calorosas, ora desconfiadas. O imigrante, já não podendo se atar a nada que seja seu, se apega ao provisório e fugaz. É comum encontrá-lo triste por sentir saudades da pensão ou da cidade que acaba de deixar. Mas, ao mesmo tempo, pode rejeitar cruelmente um conterrâneo recém-chegado. Com os nacionais da nação hospedeira é sempre o mesmo, quando não há uma rejeição explícita da parte destes, sobra apenas uma apatia ocultada diversas vezes em atitudes paternalistas. É difícil medir o grau de rejeição de um determinado grupo de imigrantes. Há imigrantes de diversas procedências e posturas nacionais muito típicas.

A aparência do imigrante conta muito. Assim como o seu grau de instrução. Mas isso não é uma regra. Dentistas peruanos são discriminados pelo seu biotipo andino. A fisionomia árabe gera também discriminação. Mas não é algo que se refere apenas ao físico. A forma de se vestir, estar mais ou menos na moda, ter a aparência de que se conhece os códigos do bem-vestir, que se lê as revistas cotidianas, que se assiste aos programas de televisão que regem a conduta, que se frequenta as lojas adequadas (como as lojas de departamentos, não tão caras nem tão populares), tudo isso é um passaporte para não ser descoberto como imigrante. Coisa difícil é manter-se na moda quando se quer economizar dinheiro. Mesmo quando já não é o caso economizar para o futuro: como comprar abrigos de frio modernos e apropriados, geralmente caros, quando se procede de um país tropical ao qual se pretende voltar mais cedo ou mais tarde? Usar-se-á então aquele inapropriado, ultrapassado e delator abrigo que veio na bagagem. Coisa impossível é estar inteirado dos códigos estéticos predominantes, dos modos de se comunicar mais usuais e atuais, dos

comportamentos mais consoantes, quando a cabeça está regida pela dinâmica do trabalho, pela precariedade financeira e pela ameaça constante da pobreza. Por isso até um imigrante brasileiro (um dos grupos de imigrantes menos rejeitados pela população espanhola) instruído e procedente da classe média (ou seja, que adota condutas sociais geralmente reconhecidas e aceitas) ao se inserir no mercado de trabalho específico do imigrante – esse trabalho, como nos conta Sayad (1998), que carrega o estigma da desqualificação – tende a se igualar a qualquer representante de outro grupo de imigrantes. Portanto a tendência é que logo o imigrante se afaste das ruas, fugindo do estigma de ser diferente e se refugie nos espaços a ele dedicado ou que lhe resta.

Um desses espaços é o seu dormitório. O seu quarto de pensão é o seu reino. Naquele espaço exíguo expõe as fotos da família, abriga seus poucos pertences e objetos pessoais e por vezes prepara sua comida – mesmo que a mobilidade seja o seu signo como imigrante, deseja que seus objetos permaneçam imóveis, porque, como nos mostra Bosi “mais que um sentimento estético ou de utilidade”, os objetos pessoais, sua disposição silenciosa, “dão um assentimento à nossa posição no mundo... Mais que da ordem e da beleza, falam à nossa alma em sua doce língua natal”(2003: 441). É para ali que volta depois das extensas jornadas de trabalho e se trancafia com suas lembranças e planos. Acende a luz de cabeceira, se aconchega rapidamente no colchão deformado da cama alugada em meio a cobertas que ainda não se impregnaram do seu cheiro e pega no sono rapidíssimo para não ser engolido pela angústia da solidão.

O tempo tem outro significado. A divisão temporal do trabalho atual, dos planos para o futuro, e das lembranças do passado. Mas rapidamente, a própria dinâmica da imigração vai absorvendo cada vez mais esse tempo, vai se impondo inexoravelmente. E o trabalho repetitivo e exigente se torna mecânico, os planos para o futuro se diluem (cortados os laços com o passado, e mergulhado numa atualidade provisória, que tipo de futuro se espera?) e as lembranças se apagam (aquele tipo de vida pretérita, aqueles valores e tradição já não valem aqui). A vida do migrante torna-se um eterno presente.

Muito dessa minha experiência pessoal na imigração permeia esse texto, até o ponto em que a tarefa de acadêmico e pesquisador se mescla à autobiografia do ser humano histórico, concreto. O filósofo italiano Mario Perniola alerta do perigo nesse terreno escorregadio onde convergem as considerações teóricas e as pessoais. Creio que o risco

aqui vale a pena pela própria índole da pesquisa onde ganham destaque as histórias de vida de diversos imigrantes. Também onde a memória desempenha papel fundamental. Como tratar de memórias alheias sem recorrer às próprias, especialmente num tema de caráter tão pessoal e tão mundano? Como não oscilar o tempo todo entre “homem” e “mundo” como relata Fétizon (2003)?

Os “meus” imigrantes

Imigrantes africanos, bolivianos e brasileiros têm muitas diferenças, mas também muito em comum. O argelino Mohamed me mostrou que muitas de nossas preocupações, temores e esperanças eram as mesmas. Na nossa travessia pela Espanha atrás de trabalho comungamos as nossas saudades, sofrimentos e alegrias. Ele, um *moro*, um árabe, marcado com o estigma do preconceito e da segregação numa Europa cada vez mais cerrada. Eu, um brasileiro, com tudo que essa brasilidade carrega, tentando me encontrar num auto-exílio forçado. Ambos, atrás de trabalho. Essa era a palavra: trabalho; que fosse na colheita da laranja – já que era essa a época – ou em qualquer outro lugar. E enquanto o trabalho não aparecia, nós, sentados naquelas praças estrangeiras, ora numa cidade ora noutra, partilhávamos o que tínhamos de sobra: lembranças e desejos. Estávamos deslocados; e nos deslocávamo-nos de um lugar a outro. E é justamente desses deslocamentos, dessas travessias, dessas praças e ruas, dessas vozes que comungam, que falo nesse estudo. Não trato aqui do migrante fixado, estabelecido, estabilizado, embora muitos dos que parecem estar nessa condição, efetivamente não estão. Basta conversar um pouco mais, basta “raspar” um pouco mais fundo que aparece o homem dramaticamente deslocado de que nos fala Sayad (1998) ou ainda em pleno deslocamento. Se é atribuído ao homem contemporâneo a condição de transitório, nômade, habitante das fronteiras (Brunner, 2004), quanto mais o migrante! Esse se torna o emblema de nosso tempo, nas suas muitas figuras, de exilado, desterrado, vagabundo, sem terra, sem teto... Mas nos detemos aqui no migrante transnacional. Aquele que deixa seu país e ultrapassa as fronteiras estrangeiras.

Madrid, 23/05/91

Queridas

Estou com muitas saudades de vocês. Demorei para escrever porque estava assimilando tudo isso aqui primeiro.

O povo de Madrid é sério, às vezes grosso, mas não é fingido, isso é bom.

Madrid me surpreendeu, é linda, moderna, agitada e viva. Foi amor á primeira vista. Há tantos detalhes curiosos em tudo que, talvez, nem lembre. Estou ha cinco dias

curtindo esta cidade... Estou tão perto do resto da Europa, mas sinto-me preso pelo coração em Madrid.

Usei, e tenho usado muito o albergue da juventude. É a hospedagem mais barata por aqui, e é muito bom. Entretanto, só se pode ficar três noites, depois tem que sair e voltar depois de uma noite.

Encontrei no albergue muitos estrangeiros e muitos brasileiros. Muita boa. Os argelinos, senegaleses, marroquinos e africanos em geral se alojam também aqui, tal como os brasileiros. Existe uma praça chamada Puerta del Sol onde os turistas se amontoam, africanos tocam instrumentos de percussão, se ouvem violões espanhóis e artistas pintam genialmente no chão.

Saí do albergue ontem, por força maior. Estou numa pensão com um amigo árabe da Argélia, o Mohamed. Agora quase não falo o Português. Mohamed só entende o espanhol e fala francês e árabe.

Apareceu um trabalho, pode ser que amanhã eu comece. Na Espanha posso ganhar um dinheirinho, depois viajo mais.

Tudo é muito caro aqui, o dobro daí. Pela pensão pago três mil pesetas por dia, sem comida. Almoço e janto (se quiser) na Igreja Católica, de graça, comida muito boa. O governo fornece para todos os necessitados, grupo em que me incluo. Tem até sobremesa... Acreditem ou não: quatro tipos de pratos, inclusive carne, feijão, sopa, sobremesa. Eles servem na mesa individualmente, e tudo de graça! Bom, se não gastar nada posso economizar. Mas, este trabalho é provisório.

Mandem-me um horário e dia correto que vocês podem me esperar coladas ao telefone, um só, na semana. Posso falar quinze segundos pagando barato em qualquer orelhão aqui (aqui o telefone usa moedas mesmo).

As emoções são demais vindo para a Europa. Quando emergi do metrô no centro de Madrid, permaneci uma hora só curtindo sentado na praça. Também tenho que ser forte para carregar as malas, como chumbos, mas, tudo certo, ainda não joguei nenhuma na rua.

Aqui faz muito calor. No centro, onde moro, as ruas são estreitas e os prédios velhos. Ao longe ouço uma flauta peruana.

Do Palácio Real, onde estive há uns dias, se vê ao longe picos nevados, enquanto aqui o suor escorre pelo rosto.

Das mil coisas da Europa vejo apenas uma (mas, observo cada detalhe). Não tenho pressa. Talvez irei à Itália em agosto. Não faço planos muito distantes. Devo trabalhar um pouco aqui, depois...

Mãe, cuide da saúde.

Em outra carta mando o endereço, agora ainda é incerto.

Beijos

Muitos outros interlocutores se juntam nesse diálogo, porque falar de migração, de migrante na contemporaneidade tornou-se complexo. O estatuto do migrante é controverso, desde mesmo seu dualismo migrante-imigrante. O que é ser imigrante em nosso tempo remete ao que é ser nacional (Sayad, 1998)). A identidade do imigrante se estabelece como a outra face da identidade nacional e vice-versa. Quando uma é posta em juízo a outra a

acompanha. Portanto, falar de imigração, imigrantes, sai da esfera pessoal e atinge a esfera política, ideológica. Quando aqui falamos em história de vida dos migrantes, também falamos da vida dos que ficaram e não migraram, assim como da vida dos cidadãos do país que recebe o imigrante. A final de contas, aquelas praças onde Mohamed e eu sentávamos e lembrávamos da nossa terra distante, e as ruas que percorríamos em busca de trabalho, tinham nomes desconhecidos. Não eram os nomes familiares a que estávamos acostumados. A língua, que aprendíamos na marra, também não era a nossa. A nossa presença naquelas praças, naquelas ruas e naquela língua, as afetavam, as transmutavam, ao mesmo tempo em que elas também nos transformavam. E assim agiam sobre as nossas memórias e lembranças. Entre mim e Mohamed também havia interações. Mohamed falava num espanhol totalmente contaminado pelo francês e pelo árabe. Eu arrastava um portunhol. O que compartilhávamos era filtrado por essas insondáveis imagens de uma língua nova misturada às nativas. E assim Madri, passou a ser para mim uma cidade com as cores dos desertos da Argélia das lembranças de Mohamed. E, acredito, que o Brasil passou a habitar as memórias de Mohamed. Bourdieu (in Sayad, 1998: 11) nos recomenda o termo *Átopos* para descrever o frágil lugar que o imigrante habita. Habitando esse lugar, que é um não lugar por excelência, o migrante torna-se ele mesmo atópico. O espaço do migrante descrito por Bourdieu se parece a esse espaço real, da cidade de Tendirara, da terra do Djins (espíritos misteriosos), cidade desses meninos que emigram, como nos conta Jaime Prats (2005):

Tendirara es una población de 2.000 vecinos a la que se accede por una larga carretera bañada por la arena del desierto. En esta localidad del noreste de Marruecos, a unos 30 kilómetros de la frontera con Argelia y más de 200 al sur del Mediterráneo, no hay comercio, ni industria, ni servicios. La rutina diaria apenas se interrumpe los jueves, el día de mercado, cuando los 24.000 nómadas que viven en los alrededores – en unos parajes en los que resulta inverosímil que los rebaños se alimenten de un forraje compuesto por matorrales diseminados en un secarral de arena y piedra – acuden a Tendirara para intercambiar productos. La sequía de las últimas décadas, en un paraje ya de por sí seco, ha endurecido aún más las condiciones de vida. Ante este escenario no sorprende que la emigración sea la salida más atractiva. "No hay casa de la que no haya salido una o varias personas hacia España o Europa", comenta Abdennabi El Yamani, de la Asociación de Emigrantes Marroquíes de Tendirara. Abdennabi partió hace años. Otros muchos están dándole vueltas a la idea de hacerlo, como Hasan Jbari, que quiere emigrar a España, aunque aún no sabe ni cuándo ni cómo. Este adolescente de 18 años recién cumplidos vive en una espartana residencia para hijos de nómadas pobres y huérfanos de Tendirara. Estudia literatura, aunque está resignado a dedicarse a "lo que sea". No será el

primero de su familia en abrirse camino hacia el norte. Jbari ha aguantado hasta los 18 años, pero muchos otros niños y adolescentes no tienen tanta paciencia. A finales del año pasado, las autoridades españolas devolvieron a sus familias en Tendirara los cadáveres de dos menores que murieron intentando cruzar el Estrecho. Y es que en los últimos años la edad de los que abandonan Marruecos es cada vez menor, hasta el punto de que, ante la falta de perspectivas económicas, son en muchos casos los propios padres quienes ven en el envío de sus hijos al otro lado del Estrecho la esperanza de progreso no ya de los menores, sino del suyo propio, y les presionan para que envíen dinero a la familia. Y de forma paralela, cada vez son más los chavales que se encuentran en las calles de las ciudades españolas. Desde 2001, la Consejería de Bienestar Social ha acogido en sus centros a unos 4.000 menores extranjeros sin padres a su cargo, de los que una cuarta parte eran marroquíes. "Los niños no están preparados para afrontar el coste personal que supone la emigración", apunta Javier Edo, responsable de la Asociación Valenciana de Ayuda al Refugiado (Avar), una organización dedicada a la atención de estos chicos y chicas, "y para estos chavales salir del país en estas condiciones es un ejercicio de violencia extrema".

Brunner (2004) não vê essa situação frágil de forma totalmente negativa a pesar dos custos que ela impõe. Ele a descreve como um ultrapassar das fronteiras típica do contemporâneo, uma forma de hibridação inevitável. Canclini (2003) aponta a riqueza e a novidade dessa hibridização cultural que se revela no rompimento e sobreposição das fronteiras culturais. Mas é com Homi Bhabha, que creio encontramos uma mediação mais ponderada da condição do migrante. Bhabha (2005: 19) não sonega a situação extrema e dramática desse homem que procura saber quem é, nem desacredita a solidão e a “tenebrosa sensação de sobrevivência” das fronteiras, nem trata levemente – comentando os textos de Franz Fanon – as máscaras culturais, psíquicas e “corporais” que se permutam “rasgando” a pele do homem deslocado. Todavia, Bhabha também nos fala de pontes, de espaços de encontros onde se articulam e se negociam as diferenças, “postos inovadores de colaboração e contestação” repletos de possibilidades, “entre-lugares” onde dão início “novos signos de identidade” (2005: 20). Uma identidade fragmentada (Hall) sim, mais talvez por ser assim, fragmentada, partida, pulverizada, liofilizada, torna-se a única forma de penetrar os poros das nações.

A mesma língua, o espanhol mal-falado, que Mohamed e eu usávamos tropegamente, precariamente, também era o lugar do nosso encontro, um encontro no mínimo à três – e no máximo com todas as cores, matizes e polifonia que uma língua carrega em seu bojo. A mesma língua que usamos um dia famintos sentados no balcão de

uma lanchonete em Lérida para pedirmos a deliciosa *tortilla de patatas* espanhola e que nos foi indiferentemente negada: fingiram que não nos ouviam, fingiram que não estávamos ali. E tinha aquela famosa placa na parede bem em frente aos nossos olhos que conferia legalmente ao estabelecimento o direito de atender apenas quem eles quisessem: *reserva-se o direito...*

Então chega Ahmed, cunhado de Mohamed, também vem para trabalhar, quase não fala o espanhol. Ahmed desconfia daquela amizade entre mim e Mohamed. Trata-me com distanciamento, quase com hostilidade. Ele não me revela os motivos do seu comportamento, Mohamed, se sabe de algo, também se cala. Instala-se um silêncio sobre o silêncio entre mim e Ahmed. As barreiras idiomáticas ficaram em segundo lugar. Havia, suponho, outras barreiras. Talvez existam sim diferenças entre emigrar do Brasil e do Magreb. Um brasileiro imigrante na Espanha é distinto do Argelino imigrante? Dependerá de onde se sai para migrar, das condições prévias ao deslocamento? Do nível de estudo ou da classe social, ou da mentalidade ou ideologia que se procede? Nesse caso, falar de um artista ou intelectual (mesmo que não reconhecido) que emigra é distinto de falar de um trabalhador rural ou operário desempregado que emigra?

Sayad fala das diferenças entre os imigrantes. Expõe as diferentes formas dos argelinos enfrentarem a migração, desde os que se esforçam para se integrar, os que se “transformam” em franceses (normalmente os jovens e os filhos de imigrantes), até os que renegam por toda a vida essa possibilidade e permanecem num lugar dolorido intermediário, também os que se auto-afirmam, mesmo no exílio, como defensores de sua cultura nacional. Há muitas variações de posturas e comportamento, mas segundo Sayad há um tipo de migrante que já possui um capital simbólico de barganha, é o migrante intelectual ou artista. Brunner também fala desses ao descrever os grupos de músicos apátridas que habitam as “periferias” de Paris com sua música multiétnica. Jovens que receberam tantas influências, e já transpuseram tantas fronteiras culturais e geográficas que hoje se locomovem habilmente pelos entre-lugares. Sayad afirma que imigrante é aquele que tem todas as características sociais e econômicas de imigrante, ou seja, que não apenas procede de um país de emigração (chamados por muito tempo de países do terceiro mundo, ou hoje de países em desenvolvimento). Sayad se refere especialmente aos “intelectuais” como àqueles que de antemão dotados de uma vantagem simbólica ou material (ou, às

vezes as duas, ou até se apegando ao objeto imigração ou a identidade de imigrante para conseguí-las) se vangloriam de ser “imigrantes” apenas porque são de nacionalidade estrangeira, ou melhor, porque partilham

com os imigrantes comuns à mesma origem nacional, e sem dúvida também, o mesmo estatuto jurídico (o que não é sempre verdade), esquecendo-se propositadamente sua situação social distintiva, bem como o que os separa dos seus outros compatriotas. Reivindicar-se como “imigrantes, nesses casos, tem apenas vantagens simbólicas, como, por exemplo, poder lembrar, reforçando-o, o mérito, real ou exagerado, que atribuem a si mesmos alusivamente, mas que se gosta de mostrar, do sucesso que encarnam - ter chegado tão longe tendo saído de tão baixo é ter chegado mais longe do que se chegou! Essa reivindicação comporta também lucros reais e muito materiais e pode-se até dizer que é justamente por causa desses lucros que lembram que podem se identificar com os imigrantes e proclamar uma espécie de solidariedade. Esta é outra vantagem simbólica: poder beneficiar-se e beneficiar-se antes de todos os imigrantes e mais facilmente do que eles (pois se possuem os meios culturais e sua estratégia) das facilidades ou das reparações sociais destinadas a outros imigrantes que não eles, ou ainda demonstrar a competência “profissional” que reivindicam para apropriar-se, legitimamente a seus olhos, dos empregos especializados na gestão e, mais amplamente, na animação cultural dos imigrantes, seus “compatriotas” ou seus semelhantes, no sentido da “cultura de origem” (característica que se tornou argumento de competência... e de poder)” (1998: 244-245)

Ainda é Sayad que caracteriza outros profissionais liberais, como médicos e advogados, ou seja, gente que pode frequentar os bancos universitários, mas que também são estigmatizados como médicos e advogados dos árabes, por mais que atendam ao público em geral. Ou seja, esses profissionais compartilham o estatuto de imigrantes, mesmo obtendo sucesso e bens materiais. A questão dos “intelectuais” já não é, digamos, perdoada por Sayad, por eles claramente agirem supostamente de má fé. Mas como as aspas são do próprio Sayad, presume-se que existam outros tipos de intelectuais entre os imigrantes.

Despedi-me de Mohamed e do seu reticente cunhado numa manhã de sol. Eu iria tentar a vida num outro país, ali, depois da fronteira. Os dois permaneceriam em Lérida até uma resposta definitiva dos produtores de laranja. Talvez eu voltasse, talvez eles fossem mais tarde ao meu encontro. Deixei com eles uma pesada mochila com roupas e pertences meus, uma espécie de garantia que nos voltaríamos a nos ver. Nunca mais nos vimos, mas, uma carta chegou vários meses depois na casa da minha família no Brasil: os dois estavam

trabalhando no sul da Espanha, nas estufas de frutas, e ainda guardavam intocada a minha mochila, quando eu poderia passar e recolhê-la?

Andorra, 03/06/91

Queridas

“Eu ainda não encontrei o que tenho procurado”

Tenho sentido saudades grandes. Duas coisas tenho exercitado: fé e tranqüilidade. Deus tem me segurado as pontas. As experiências têm sido intensas e variadas. É muito interessante estar só, é uma grande aventura! Não estou mais em Madrid, tinha que sair. Tenho saudades de lá. Também! Saudade, é palavra concreta. Um amigo brasileiro disse que sentia tanta saudade de tudo que ficava com um nó na garganta ao lembrar da pensão que ficara na noite anterior!

Outra coisa forte é o presente. Vive-se o hoje intensamente. E o hoje, para mim, está sendo demais de bom. Estou em Andorra, já há umas cinco horas. E é muito melhor, mais bonita, do que eu pensava, aliás, o País chama-se Principado de Andorra e a cidade Andorra La Vella.

Não saiu o trabalho em Madrid, por isso decidi andar. Vou tentar trabalhar, gostaria muito de ficar aqui. Isto é diferente de Madrid, bem diferente... Neve nos picos das montanhas (Pirineus).

Beijos

Principado de Andorra, 08/06/91

Meus amores

Tenho novidades: estou trabalhando! Inclusive já faz alguns dias. Na primeira loja que pedi trabalho eu consegui. Foi por Deus. Aliás, Ele tem me ajudado muito.

Sabe, Andorra La Vella, onde moro, tem muitas lojas, muitas mesmo, pois o país é livre de impostos e os produtos são mais baratos que na França e Espanha. Assim é uma loucura o número de clientes. Entretanto é tudo muito bem organizado. Não tem ambulantes. Tudo em lojas.

O forte são os eletrônicos e foto-vídeo. Muito baratos. Depois, instrumentos musicais, motos e carros. Mas, é burocrático sair do país com as coisas, é como Manaus. Com dois anos e meio de trabalho aqui eu compro um automóvel Mercedes zero quilômetro. Mas, não posso vendê-lo fora do país. É claro que não é o meu caso comprá-lo (afinal, onde iria guardá-lo?) Casa e terreno aqui é uma fortuna. O inverso do Brasil.

Meu trabalho na loja é dividido entre venda e depósito de mercadorias. A loja tem todo tipo de bugigangas importadas que se possa imaginar. Eu vendo brinquedos e outras coisas. O meu amigo próximo é o José, espanhol, vinte e dois anos, casado. Ele é legal, me ensina uma porção de coisas. Carlos, chileno, é o chefe.

Para continuar trabalhando tenho que me legalizar. Para me legalizar preciso de documentos do Brasil. Um documento do Brasil e alguns que já tenho, porém, o mais difícil é o contrato de trabalho de uma empresa aqui. Isso eu já falei com o Carlos, que me disse que fará (trabalho eles dão, mas contrato, só com a ajuda de Deus) E eu nem precisei pedir, o próprio Carlos me ofereceu!

Apenas legalizado posso permanecer em Andorra, ganhar bem, não ter problema com a polícia de imigração, ir para o Brasil e retornar sem contratempos, adquirir bens

por aqui. Legalizado posso ganhar até quatrocentos mil cruzeiros por mês, ou mais, se tudo der certo.

Mil beijos

Por essa época começava a minha vida de trabalhador imigrante junto a argentinos, chilenos, galegos e portugueses. A situação dos imigrantes portugueses no Principado de Andorra em nada difere fundamentalmente de outros imigrantes oriundos de países mais pobres. O Principado se tornou um grande centro de imigrantes portugueses já na década de 1980, número que só muito recentemente se estabilizou com os patamares de desenvolvimento europeu que atingiu Portugal. Em toda a década de 1990, os portugueses chegavam a Andorra para trabalhar no ramo de hotelaria, como balconistas nas numerosas lojas de artigos eletrônicos, esportivos, souvenirs e principalmente na construção civil. Famílias inteiras de diversas regiões de Portugal se estabeleceram no país dos Pirineus. Muitas delas alugavam juntas amplos apartamentos e assim podiam fazer frente aos caros aluguéis. Por isso se falava dos cortiços portugueses e das formas “sub-humanas” das condições de vida ali em alguns artigos do *Diari D' Andorra*, único jornal do Principado. As moradias ficavam vazias durante o dia, pois, geralmente, todos os seus ocupantes estavam trabalhando, até os adolescentes. No Principado o adolescente pode trabalhar meio jornada ou jornada completa (nas férias escolares). Foi assim que Maria, uma adolescente portuguesa de 12 anos começou trabalhar na loja do indiano (imigrantes que se estabeleceram no principado uns 20 anos antes) Shankar. Ali aprendeu castelhano, catalão e francês, idiomas indispensáveis para se comunicar com os clientes da loja. Maria, empregada eficiente, trabalhadora e empregada de confiança de Shankar foi minha colega de trabalho durante anos. Quando eu fui admitido na loja ela já tinha 17 anos e esperava sua oportunidade de gerenciar a loja. Eu também moraria alguns anos mais tarde num daqueles cortiços logo que me casei com uma Andaluza de Sevilha (outro grupo de espanhóis que assim como os galegos migram bastante). A própria idéia de cortiço ao se referir a essas residências comunitárias já é em si preconceituosa e pejorativa (em São Paulo, os imigrantes Bolivianos também são notícias quando a sua condição de moradia e de trabalho insalubres são “descobertas”), referências, como afirma Sayad, que em geral mostram-se menos preocupada com a precariedade em si que com a “manutenção da integridade da paisagem social e arquitetônica e recusam, por conseguinte, qualquer forma de habitação

que acarrete um suplemento de população social e culturalmente homogênea e, assim, uma nova forma de ‘poluição’ social” (1998: 54). Compartilhávamos um apartamento de três quartos (duas suítes) com um jovem casal de portugueses e uma garota também portuguesa com sua filha pequena. Em absoluto se tratava de uma vida pernicioso. Os jantares, os filmes e as conversas em comum nada tinham de negativo. A privacidade necessária era obtida em cada quarto e a vida em comum era saudável até mesmo no fato de compartilhar, além do aluguel, as pequenas necessidades cotidianas e as informações sobre empregos, saúde, as últimas novidades da lei para estrangeiros. Já a imprensa e a conversa de rua (particularmente entre imigrantes espanhóis e sul-americanos) mencionava aqueles ambientes “promíscuos” como o emblema da vida dos imigrantes (especialmente dos portugueses, que eram os de maior número). Mas, nessa época em que comecei a trabalhar na loja de Shankar eu ainda morava num quartinho de 2,5m X 1m na Pensão Benazet. Sayad (1998) analisando as moradias dos imigrantes argelinos na França fala dos significados sociais desses espaços. Morar, residir, habitar, viver são formas de vida que são indissociáveis à própria condição dos imigrantes. E os imigrantes têm, mesmo que “confusamente consciência de que a comunidade de moradia é o fundamento da vida comunitária que eles mal ou bem conseguem reconstituir” (1998: 90). Sayad segue descrevendo as diversas formas de convivência que se instalam nas habitações-alojamentos, os alojamentos-hotéis e apartamentos designados pelo Estado à moradia desses viajantes “sem mala”, “sem bagagens”, ou com apenas uma mala, homens com o pé-na-estrada, os impensáveis homens “com móveis”. Trata-se de uma situação incômoda abrigar esses trabalhadores pensados sempre como destituídos de posses *e agora aparecem com mudança e família...*; fornecer uma “habitação provisória para trabalhadores ‘provisórios’”. Contudo, denuncia Sayad,

posto que o caráter provisório do imigrante e de sua imigração não passa de uma ilusão coletivamente mantida, ele permite a todos que se sintam contentes com a habitação precária, degradada e degradante, que se atribui ao imigrante. Isso mostra a que ponto a dissimulação (*i. e.*, a ilusão do provisório) que se encontra no próprio princípio da perpetuação da imigração é, aqui, necessária. E quando a imigração deixa, de fato, de ser provisória enquanto a habitação continua sendo esta, é ainda a ilusão do provisório que permite mascarar o paradoxo de uma habitação para sempre provisória (1998: 78).

Indivíduos juridicamente à parte, ou seja, não cidadãos, que não desfrutam de uma residência que seja prolongamento do seu berço, possuem igualmente uma moradia juridicamente à parte. Morar é participar de um âmbito jurídico. Em diversos países o documento emitido pelos órgãos de competentes é uma variação da Permissão de Residência. O imigrante habita de forma excepcional e que se aceita como provisória. Ele deve formar uma casa, um lar – no sentido mais significativo do termo: “a ordem desse espaço povoado, que nos une e nos separa da sociedade..., o arranjo da sala, cujas cadeiras preparam o círculo das conversas amigas, como a cama prepara o repouso e a mesa de cabeceira, os instantes prévios, o ritual antes do sono” (Bosi, 2003: 441) –, onde não lhe é conferido esse direito.

E assim se dava também no Principado: as pensões baratas, os apartamentos comunitários, os pequenos apartamentos e Apart Hotéis econômicos conformam a vida do imigrante, conferem-lhes ou negam-lhes status. Claro que se tudo vai bem, e a pressão por economizar cada vez mais para o retorno ao país de origem diminui, muitos imigrantes conquistam moradias mais gabaritadas, até em espaçosos chalés nas montanhas. Alguns brasileiros e outros sul-americanos rapidamente conquistam esses espaços privilegiados na medida em que também rapidamente perdem o interesse em acumular economias e se “integram” à vida social local. Houve em Andorra um caso noticiado de um imigrante que vivia num camping. Voltava toda a noite, depois do trabalho, à sua barraca situada entre os trailers até que a polícia o descobriu e o enxotou do país (existe uma lei que proíbe a moradia permanente de trabalhadores em campings). Claro que é difícil controlar esses moradores ilegais, pois diversos campistas europeus passam temporadas inteiras e até anos nos campings. Mas esse foi pego e expulso. Era um imigrante... inglês.

Principat D'Andorra, 22/07/91

Minhas queridas

As saudades são grandes.

Acontecem aqui as coisas que deveriam acontecer. Deus tem tomado conta de tudo. Hoje passei o dia brincando com o cachorro daqui onde moro. E sabe o porquê? Porque não trabalho há três dias. Não estou doente não, viu. Acho que até engordei.

A rotina foi quebrada quando providenciava os papéis para residir e trabalhar aqui. A danada da polícia não quer me dar a autorização. Pior, me deu oito dias para deixar Andorra. Não adiantou o Carlos me acompanhar, nem nada. Dizem que: “só podem ter permissão para trabalhar e residir em Andorra os europeus”. Eu me calei, não disse um “a”.

No atual momento que escrevo esta carta, me preparo para falar com a pessoa certa. Amanhã pela manhã irei até o príncipe de Andorra e lhe contarei a minha história. Sei o que devo e o que não devo dizer. E depois, bem, depois é depois.

Faz muito calor aqui, o céu está azul. Não dá para acreditar que em dezembro os flocos de neve caem e as ruas ficam bloqueadas com tanta neve acumulada.

Bem, agora vou dormir.

Beijos

23/07/91

Olá

Fiz uma turnê pelas pessoas importantes de Andorra. Todo mundo foi reticente e ninguém se comprometeu ou se descomprometeu a nada, inclusive eu. Disseram-me que posso ficar aqui o tempo necessário para realizar minhas pesquisas. Para isso, não há problemas de contar com a ajuda financeira do Shankar. Isso me bastou. Claro, tudo isso ficou só de boca. Mas, se houver algum problema (me disseram), é só ligar para o secretário do príncipe, ou o chefe do governo, dos quais guardo o número telefônico junto com o passaporte.

Outro beijo

Perto da pensão Benazet havia um pequeno restaurante numa praça com arcadas antigas, lá jantei com Marcelo, um outro imigrante brasileiro.

Estávamos tomando uma sopa de *pescado* num restaurante sem categoria na *Plaza da Arcades* quando ele me contou da sua filhinha que tinha ficado com a mãe, sua ex-namorada, no Brasil. A família da mãe da menina não gostava nada dele, segundo ele, porque era pobre. Então tinha vindo para a Europa para economizar dinheiro e poder comprar um apartamento no Brasil e mostrar pra eles que ele não era vagabundo não. Sua ex-namorada era de família rica e o Cláudio queria reconquistá-la a partir de uma nova condição que o dinheiro da imigração poderia lhe conceder. “Vou chegar lá todo bonitão, bem vestido e com grana no bolso e vou ganhá-la de volta, porque ela me ama, eu sei, foi só coisa da família dela. E poderemos morar juntos, ela, minha filha e eu”, “to morrendo de saudades da minha filha”, me dizia emocionado enquanto tomávamos a sopa quente e saborosa, apesar de excessivamente rala. Fazia muito frio naquela noite, era primavera, mas a primavera em Andorra La Vella pode ser gelada, bem gelada, por isso era gostoso molhar uns pedaços de pão na sopa bem quente e levá-los a boca. A primeira coisa que o Cláudio tinha comprado ao chegar em Andorra tinha sido uma câmera fotográfica, uma Zenit Polar russa, enorme e pesada, do tipo que se vendia barato em várias lojas do Principado. Durante

a tarde ele tinha tirado umas fotos minhas na Plaza del Pueblo. Ficaram boas, com os picos nevados das montanhas ao fundo, e eu mandei uma para minha irmã escrevendo atrás “mostre para aquela sua amiga gostosa e inteligente. Bom, se não encontrar uma assim, pode mostrar só para a gostosa mesmo.” No mesmo dia ficaram prontas as fotos e ele me entregou no jantar. As meninas que trabalhavam na pista de esqui gostavam muito dele, achavam ele bonito e querido. Ficavam encantadas com seus cabelos castanhos claros e seu porte atlético.

Algum tempo depois soubemos que ele havia caído de um prédio em construção onde trabalhava ilegalmente em Lisboa e havia sido enterrado como indigente. Foram as meninas da pista de esqui, suas colegas naquele inverno, que avisaram a mãe dele por telefone. Elas ficaram sabendo que ele, sempre brincalhão, estava correndo pelos andaimes quando se desequilibrou e caiu. Depois daquela sopa o vi mais algumas vezes. Ele tinha o hábito de passar pela loja onde eu trabalhava. Contou-me que estava sem emprego e que pretendia ir embora dali, mas que talvez encontrasse trabalho nas pistas de esqui nos meses de inverno (lá que conheceu as meninas). Queixou-se que agora não poderia pedir mais ajuda ao padre da Paróquia de Ordino que lhe oferecera cama e comida por um tempo quando recém-chegava a Andorra. Na verdade, já estava enjoado daquele lugar e que se não encontrasse trabalho logo se iria para outro país. Cláudio falava rápido e muito; e depois de aparecer pela loja vários dias seguidos, e alguns dias mais de uma vez, suas visitas começaram a ser meio incômodas. Foi por essa época que ele sumiu: encontrara trabalho nas pistas de esqui. Quando a temporada de inverno acabou e o trabalho nas pistas também, ele partiu para Portugal para trabalhar como pedreiro, diziam que trabalhar nas obras em Lisboa dava um bom dinheiro.

Morei alguns meses no minúsculo quarto de depois me mudei a outro um pouco maior, na mesma pensão. Quem ocupou meu anterior quarto foi Jorge, o fotógrafo com dotes artísticos.

Artistas clandestinos que povoam as grandes cidades e metrópoles espanholas vindo como imigrantes de diversos países da América do sul, do Magrebe e da África subsaariana, não se tratam, na sua maioria, de artistas de sucesso, com carreiras consolidadas e reconhecidos nacionalmente. São um outro tipo de artistas. Aqueles que talvez vieram construindo sua identidade de artistas ao mesmo tempo em que construíam a

de imigrante. Que optaram, talvez, por se verem como artistas ou pseudo-artistas (ou pseudo-intelectuais) como uma escapatória individual de preservação de uma auto-imagem positiva em meio à própria contingência das adversidades da imigração. Um *status* para se contrapor ao estigma. Brunner nos fala de um grupo de artistas que se encontram em Paris, nos remete aos seus depoimentos, mas estes já se encontram, digamos, estabelecidos, já encontraram seu lugar. Os que nos interessam aqui são aqueles que, por outro lado, ainda passariam por fanfarrões, pois exageram pequenos sucessos, inventados ou não, que narram como seus maiores tesouros. Um imigrante não tem passado, pode inventá-lo ou reinventá-lo à vontade. Estes não se julgam pertencentes ao grupo dos trabalhadores estrangeiros mesmo que sim, trabalhem a jornada completa como aqueles. Outorgam-se uma procedência específica. São escritores, poetas, artistas plásticos, fotógrafos, músicos, que se sentem sempre provisórios nos empregos que encontram. Não a provisoriedade própria do imigrante, uma outra, de alguém que aguarda a iminência de algo que o tirará daquela situação. Não, que este aguarde um reconhecimento geral. Se tal reconhecimento viesse negaria seu próprio caráter de artista na imigração, poeta do exílio, alma clandestina. Esse artista, do qual falamos, se alimenta da própria clandestinidade, sem ela, se sentiria desolado. Não se solidariza com os seus próprios conterrâneos com os quais compartilha o mesmo destino de imigrante. Se sente, só parcialmente e provisoriamente parte daquele grupo. Até que alguma coisa aconteça para tirá-lo de ali. Os laços com seu país de origem estão cortados (com exceção, quem sabe de um parente querido com quem mantém correspondência regular), mesmo antes de partir já havia rompido com ele. Uma ruptura problemática, pois evocará tal país sempre que possível, às vezes com rancor, outras com saudades. Como já dissemos não se trata de nenhum expoente de sua arte. Está mais para menestrel, saltimbanco que vaga de um lado a outro. Não tem laços acadêmicos, nem está ali para escrever sua tese. Talvez um livro, que nunca conclui, e que em muitos casos nem se decidiu em que língua será escrito, a adotada ou a de origem. Não são grandes cérebros, nem aos seus próprios olhos nem de seus companheiros de jornada. Fazem parte daquela leva que geralmente não saíram do anonimato, nem ao menos para serem acusados de aproveitadores da sua condição de imigrantes. Vivem de pensão em pensão, de pousada em pousada, de albergues em albergues. E mesmo quando não se mudam tanto, é como se estivessem sempre em trânsito na própria cidade. Pois abandonam empregos “seguros” e

ora se os vê entregue a tarefas verdadeiramente laboriosas, ora simplesmente se encontram recostados nos bancos das praças em estado contemplativo.

Um desses artistas imigrantes é Jorge, fotógrafo argentino, de olhos verdes, cabelos longos presos em um rabo de cavalo. Como lhe falta um dos dentes laterais da boca, seu sorriso é sempre mais encabulado do que deveria ser, às vezes tapa disfarçadamente a boca ao sorrir. Jorge passou sua infância e adolescência em bairros de classe média baixa de Buenos Aires. Trabalha com fotografia a uns quatro anos. Começou lá na Argentina, mas só pode desenvolver sua arte aqui na Europa: tira fotos de excursionistas franceses idosos que abarrotam os hotéis. Junta os grupos em frente aos hotéis e pistas de esqui e lhes tira belas fotos, as revela, amplia – tarefa que realiza em seu próprio quarto de pensão, onde os maquinários estão dentro de um velho guarda-roupa e os produtos químicos se dividem entre o bidê e a pequena pia, também no quarto – e vende para os membros dos grupos. Jorge imigrou porque não queria ficar tirando fotos de batizados e casamentos nos bairros de Buenos Aires. Claro, o trabalho com os grupos de idosos era provisório, para poder comer e pagar a pensão. Ele iria tirar belas fotos por diversos países da Europa e do mundo e ficaria famoso no seu país e no futuro compraria uma chácara perto de um grande rio que cruza a aforas de Buenos Aires e ali poderia então viver dos ganhos financeiros dos seus muitos livros publicados.

Carlos, chileno de 33 anos recém-completados quando me admitiu, era o gerente da loja. O mais satisfazia Carlos era poder voltar cada férias ao Chile, com dinheiro no bolso e um cartão ouro com limite alto e torrar tudo na farra com antigos e novos amigos. Ele mesmo me descreveu essa cena. “Imagine Robertino (assim ele me chamava) você chegando no Brasil, alugando um belo carrão, distribuindo presentes à família, depois organizando um belo jantar num daqueles restaurantes caros, depois vários dias de farra com aquela mulherada linda que só tem na sua terra..., leva uns conhecidos, paga tudo. Você é rei.” Carlos foi despedido por Shankar um tempo depois acusado de roubar milhares de Euros da loja em sua gestão (não houve acusação formal: Carlos tinha uma irmã casada com o enteado de Shankar. Todos diziam na loja que o velho e rico Shankar tinha seduzido a nora postiça e por isso devia favores à família chilena. Chilenos e indianos tinham formado um complexo e obscuro vínculo familiar).

Diário pessoal <i>Andorra, março de 1993.</i>
--

Acabam de comunicar-me que pela segunda vez estou sendo expulso de Andorra. Na primeira vez, em 1991, me deram oito dias para ir-me. Agora, um ano e meio depois, me dão quinze dias. Pergunto-me qual será o motivo de tamanha generosidade. Por que me gratificam desta vez com sete dias a mais? Será que algum sentimento nobre como amor ou compreensão encontrou abrigo em um coração governamental? Ou será que em alguma reunião de chefia, alguma alma inspirada pela mais íntima compaixão sugeriu que aumentasse semelhante prazo. Não, não acabo de compreender, repito, tamanha generosidade. Mas se me é possível e perdoável como imigrante algum sentimento elevado, este possui o nome de gratidão. Uma profunda gratidão por estes quinze dias.

Eu já trabalhava há dois anos com o empresário indiano Shankar quando fui transferido para a loja em Barcelona com toda uma família de imigrantes indianos trazidos daquele país por Shankar para trabalhar toda uma temporada. O sistema de trabalho de Shankar na metrópole espanhola era o seguinte: fornecer comida e pouso aos trabalhadores e só pagá-los o final da temporada ou das temporadas. Nos seus aposentos precários e comida sofrível, os indianos economizavam todo seu dinheiro nas mãos do chefe. Alguns trabalhavam anos nesse sistema. Shankar explorava todo o capital retido. No final, recebiam todo o dinheiro de uma vez (ou em mercadoria) e muitos deles montavam seu próprio negócio. Segundo Shankar era “uma maravilha para todo mundo”. Na verdade era quase impossível a vida ali naquele novo espaço de moradia. Ratos, baratas, sujeira e trastes velhos da loja se amontoavam com os membros de uma família indiana naquele imenso, antiquíssimo e belo apartamento (pé direito altíssimo, pátio interior com azulejos decorados e um chafariz estropiado) que dava para a famosa avenida Ramblas. Banheiros entupidos, sujos e semidestruídos, cômodos interligados labirinticamente por portas secundárias, móveis velhos quebrados. O espaço que sobrou para mim era atrás de uma enorme estante de sala vazia. “Com o tempo você vai arrumando e limpando”, me disse Shankar, ignorando (?) que limpar e organizar aquele imenso e anárquico espaço era uma faina para anos. Bem, Shankar estava cumprindo sua palavra de teto e comida e ali coloquei meu saco de dormir e minha mochila e saí correndo procurar urgente um novo lugar para morar.

O gerente da minha loja em Barcelona começava a beber se uísque em doses generosas a partir das cinco da tarde e continuava até a loja fechar lá pelas oito. A mulher dele era uma silenciosa mulher que espanava sem parar os milhares de souvenirs, bonecas espanholas, touros, pratos, leques, etc que abarrotavam a loja. Havia um indiano jovem que

ia direto para o apartamento quimérico quando deixava a loja. A mim me cabia preencher com tinta com o nome dos clientes aqueles grandes e coloridos cartazes de toureiros e dançarinas flamencas que iriam cruzar as fronteiras nas bagagens dos turistas que lotavam Ramblas nas férias.

Em Barcelona conheci Roberto, um jovem brasileiro, que como alguns que havia conhecido em Madri passava por uma intensa penúria. Antes de chegar em Barcelona Roberto tinha trabalhado um pouquinho em cada canto da Espanha, e agora, finalmente numa cidade grande estava vivendo de favores numa casa semi-abandonada de um bairro distante. Disse-me que a situação era quase insuportável e que, sem trabalho há, quatro meses e sem ânimo nem condição para retornar ao Brasil, já tinha pensado em soluções mais radicais. Recomendei-lhe que passasse pela loja no dia seguinte que talvez meu patrão lhe arranjassem um emprego. Depois saímos para tomarmos uma sopa num dos muitos restaurantes de aparência suspeita do *casco antiguo* de Barcelona. No final da refeição, antes que eu me oferecesse para pagar a conta, ele se antecipou dizendo que estava sem dinheiro (coisa que eu suspeitava) e que precisava que eu lhe convidasse. A maneira que ele o fez foi seca e abrupta, como se o relato de toda a sua história triste só tivesse como objetivo o prato de sopa quente. No outro dia Roberto não apareceu na loja. Nunca mais o vi.

Barcelona, 22/09/93

Queridas

As mudanças, como já disse, são freqüentes. Agora trabalho em uma outra loja de Shankar – a loja que ele me havia prometido. É uma lojinha pequena e bonita. Ali eu trabalho sozinho; levo as contas e vendo. É uma loja de souvenirs como todas as dele. Mas, esta se localiza num hotel cinco estrelas em um bairro elegante de Barcelona. O horário de trabalho é mais reduzido e posso ler a vontade. Isto tudo me animou, aliás, me animou bastante. Agora tem(!) que sair meus documentos, e então minha situação – eternamente estável – ganhará tranqüilidade, algo que desejo muito ultimamente. Pelo jeito Shankar me deixará aqui muito tempo. Claro que uma hora ficarei entediado, mas, creio que esta hora demorará a chegar. O frio já retorna às ruas. Aqui é quente e acolhedor. Sou o meu patrão, determino os meus horários, e tenho alguns livros ainda sem estrear.

Assim, passam os dias violentamente rápidos. Barcelona está em festa. Na rua, uma música cigana me comove. O flamenco é um pranto, uma súplica de um povo cigano exilado, desterrado. Uma lágrima.

Beijo, saudades.

Marta também morou em Barcelona, outra brasileira muito jovem que resolveu tentar a vida no exterior. Ciclista profissional, alegre e bonita, Marta encontrou logo um grupo que a acolheu. Era um pessoal relacionado com esporte; contatos que fez na academia que freqüentava todos os dias no centro da capital da Catalunha. Aos 19 anos já tinha conquistado algumas vitórias importantes no Brasil e agora esperava uma chance num clube de fora. Mas, o tempo foi passando e a esperada oportunidade não acontecia. Nisso, as economias iam se acabando. Marta insistia na esperança de um contrato, um apoio, qualquer coisa que a tirasse daquela situação precária. Então, apareceu a hepatite. Sem o amparo da seguridade social Marta só não se desesperou porque um conhecido da academia se ofereceu generosamente para ajudá-la. A colocou como sua dependente no seu plano de saúde e assim ela pôde tratamento médico. Mal sabia ela da armadilha em que estava entrando. O rapaz, na primeira oportunidade, a trancafiou em sua casa e a manteve em cárcere privado sob ameaça de morte. Ela deveria se prostituir com clientes que ele a traria. Qualquer tentativa de fuga seria vã, pois, afirmou ele, que estava mancomunado com policiais da região que a capturariam rapidamente. Marta permaneceu ali alguns dias, tentando ganhar a confiança do moço. Encontrando sempre alguma desculpa para não realizar o primeiro programa. Por fim, numa distração do seu carcereiro Marta fugiu; e com o pouco de dinheiro que tinha cruzou a fronteira para outro país.

Como mencionei, era comum encontrar brasileiros jovens, em situação instável em Madri nos meus primeiros tempos de imigração. O caso de Roberto me fez lembrá-los.

Madri também tinha sido a terra dos brasileiros que moravam no albergue e das imigrantes brasileiras que morriam de medo de serem escravas brancas. Havia uma brasileira jovem e bonita que tinha chegado recentemente de um estado do norte do Brasil e numa noite em que jantávamos juntos confessou-me que morria de medo de ser aliciada por essa gente que obrigava as meninas a se prostituírem. Ela me contou que tinha abandonado um casamento no altar com um homem bem mais velho que ela e tinha fugido para a Europa. Mas, talvez voltasse ao Brasil porque tinha pouco dinheiro e precisava arrumar emprego logo, mas não qualquer trabalho, aquele das “outras meninas” que ela sabia existir, esse ela não queria. Eu não queria falar sobre isso com ela, mas ela insistia tanto nesse assunto que cheguei a suspeitar por um momento se ela estava na verdade querendo informações sobre este tipo de “trabalho”. Mas, não era isso. Sua expressão mostrava o seu

terror de estar sem amparo, de estar sozinha. Às vezes parava de falar e fitava-me com desconfiança. Encontrava-se verdadeiramente aterrorizada. E havia também a outra brasileira que deixara os filhos no Brasil para ser babá em Madri, coitada, sempre chorando de saudades das crianças, dizia que chorava o dia inteiro, não deu um mês, voltou. Também havia em Madri os brasileiros que se metiam em confusão com drogas, os que combinavam “programas” com executivos na praça *Puerta del Sol* ganhando o que eles chamavam “uma grana fácil” e que juravam que no Brasil nunca tinha feito isso, e aqueles que dormiam em parques públicos para economizar dinheiro. Um brasileiro jovem e bonito que vivia baixo o efeito de drogas me relatou que um dia acordou no chão de uma cozinha meio suja com uma mulher equatoriana bem mais velha que ele que nunca vira antes na vida. Resolveu então naquele momento morar lá com a moça. Outro que pintava casas durante o dia e a noite dormia num saco de dormir numa moita num parque público. À noitinha, entrava no bosque e se escondia por ali, depois se aninhava e passava a noite. De manhã, levantava e se lavava na torneira do parque. De vez em quando tomava um banho no albergue e usava a lavanderia, dizia ele que assim economizava uma boa grana. Também havia aqueles (eu estava no meio deles) que se escondiam no albergue sem renovar a diária, ou por economia, ou por não ser permitido a permanência por mais de três noites seguidas. Uma noite nos descobriram e nos expulsaram no meio da noite. Tivemos que dormir debaixo de uma marquise, passei a noite em claro, vigiando. Havia também em Madri as igrejas que serviam refeições. Em torno de uma mesa comprida se reuniam representantes de imigrantes, exilados, refugiados: havia poloneses, ciganos, argelinos, brasileiros, argelinos, marroquinos, etc. Foi lá em Madri que ouvi de Fernando, outro brasileiro imigrante, que ele se sentia tão sozinho que se apegava até ao quarto provisório da sua pensão de maneira que sentia saudades e até chorava quando tinha de deixá-lo.

A Síndrome de Ulisses

“...quando na amurada de um navio me apoio
 da terra me afastando
 me invade uma tristeza
 Como naquele dia, amor, em que tua mão
 foi arrancada da minha...”
 (Nâzim Hikmet, in Gamboa, 2006: 276)

O que se avizinhava no período posterior à minha fase de Barcelona segue uma linha que se remonta a uma sensação (ou comportamento) completamente inusitada que surgira no final do período em que deixei o Principado de Andorra pela primeira vez, em princípios de junho de 1992, estabelecendo-me em Ibiza, ilha do arquipélago de Baleares pertencente à Espanha, depois de haver procurado trabalho sem sucesso em Andaluzia. Em outubro de 1992, em Ibiza, fui invadido por uma espécie de melancolia, cuja consequência imediata era uma falta de motivação para procurar trabalho. Imigração e trabalho, como já vimos, são entendidos – e, o que é mais devastador, sentidos – como quase sinônimos. Penso hoje que o desequilíbrio nessa simbiose sinonímica pode ter desencadeado em mim um distúrbio depressivo, um tipo de anomia que acometem os imigrantes e que a psicologia tem denominado atualmente como síndrome de Ulisses.

O colombiano Santiago Gamboa (2006) descreve detalhadamente esse processo em *A Síndrome de Ulisses*, uma autobiografia romanceada em que narra os dramas vividos por um grupo de imigrantes, a maioria ilegais, na Paris contemporânea. “Ao ouvi-la senti um leve tremor. O medo da pobreza voltou a me ameaçar e saí abatido” (2006: 335). Assim se sente o protagonista de Gamboa ao ser despedido.

A ameaça contínua de entrar em um estado de pobreza, numa terra estrangeira, sozinho, longe de todo socorro imediato, pode desencadear diversas reações. Não posso afirmar que fui acometido pela síndrome dos imigrantes, entretanto, abrigava um estado de espírito desconhecido até então quando finalizei a temporada de verão em Ibiza. Foi então que fiquei sem trabalho por um longo e desgastante período. Sentado pelas praças da cidade, de certa forma, me comprazia pelo tempo livre, ao mesmo tempo que, melancolicamente, me via aproximar da falência financeira. Até que, relutante – deveria me sentir exultante, mas, surpreendentemente, não era assim – aceitei um emprego num restaurante bem a tempo de me salvar da derrocada total. Mas, o ambiente era extremamente opressor naquele cubículo úmido e sujo no qual lavava pratos, panelas, caldeirões por horas a fio. Quinze dias depois já havia abandonado o emprego e, quase sem dinheiro, deixei Ibiza rapidamente fugindo do desemprego, mas principalmente do estado de melancolia e estagnação que persistia. Retornei ao Principado onde consegui um emprego estável, mas que logo abandonei para passar uma rápida e sombria temporada em

Barcelona, novamente desempregado, dormindo num saco de dormir no chão de um apartamento sem luz elétrica. Quase sem recursos, apelei outra vez ao empregador do Principado que me aceitou sem objeções, transferindo-me depois de alguns meses “definitivamente” a Barcelona.

Despedi-me de Barcelona numa tarde de inverno – depois de pedir demissão, de enviar meus poucos pertences ao Brasil, limpar minha exígua conta bancária e entregar meu quarto – rumo ao sul, à Andaluzia, à Portugal, às terras ainda mais estrangeiras, mais distantes. Sentia uma vertigem pela vulnerabilidade. Estaria eu usando-a para fazer frente ao medo da ameaça da pobreza ou da opressão de trabalhos indignos – esse tipo de trabalho designados a seres humanos “obtusos”, possíveis portadores de algum tipo de “deficiência mental”⁴ –? Não saberia responder. Mas os registros que se seguem dão uma idéia de que essa sensação que se abateu sobre mim lá em Ibiza, e que encontrou seu auge em Anção, se atenuaria pouco nos anos seguintes de imigração.

Anção, Portugal, 12/01/94

Queridas

Magnífica e barata ilha de Anção, Portugal. Descobri aqui um cantinho do mundo em que se pode viver quase como as pombas. Novamente na barraca. O mar explodindo diante e detrás de mim.

Não poderei ir agora para o Brasil. Entretanto já enviei os livros e as outras coisas que chegarão aí no final de fevereiro. Já paguei tudo aqui, é só buscar; são cinco caixas pequenas. Pretendia estar aí para receber pessoalmente, mas, pelo jeito... Não queria lhe dar trabalho.

Estou procurando trabalho.

Sento na praia e penso em vocês, no futuro, e quando perceber, já passou o dia.

Saudades.

⁴ H. H. Goddard criador do termo “débeis mentais” registra em 1917 em *Mental Tests and the immigrant*, Journal of Delinquency 2, 243-277, sua bem-sucedida tentativa evitar a propagação da debilidade mental restringindo a imigração estrangeira nos Estados Unidos. Godard enviou agentes ao porto de Nova Iorque que tinham a instrução de selecionar os débeis mentais apenas olhando-os. Embora Goddard recomendasse a deportação ou a internação imediata, conta-nos Stephen Jay Gould em *A Falsa Medida do Homem* (1999: 173), que “por essa época, Goddard já havia moderado sua primeira posição com relação à internação dos débeis mentais. Talvez não houvesse trabalhadores obtusos em número suficiente para desempenhar a grande quantidade de tarefas francamente não apetecíveis oferecidas pela sociedade. Para elas poderiam ser recrutados deficientes mentais: ‘Realizam muitos trabalhos que os demais não estão dispostos a fazer... Existem muitíssimas tarefas monótonas a serem realizadas, muitíssimos trabalhos pelos quais não estamos dispostos a pagar a remunerações que recebem os trabalhadores mais inteligentes. (1917, p. 269)’”

Diário pessoal

Enero de 1994

Anção. Cerquita del Faro, Algarve, Portugal.

Nadie a quien recurrir. Este es mi lema, esta es la situación. Viajo solo; con el dinero justo o menos. Si se me acaba el dinero antes de aparecer un trabajo, en, digamos, quince días me moriré de hambre o tendré que implorar misericordia ajena: mendigar. La culpa es toda mía, pues en los últimos días despilfarré lo poco que me quedaba de dinero. Claro que sabía que lo necesitaría, pero sencillamente lo gasté en regalos, restaurantes y taxis con la mujer amada. Viví el día como se fuera el último y, por primera vez, me sentí coherente con mi filosofía personal. Ahora, me faltan ilusiones, me falta el mecanismo mismo de ilusionarme. No tengo ninguna disposición para buscar trabajo. Sentado en las orillas del mar espero que ocurra algo. No siento odio, tampoco estoy resentido con el mundo, nada de esto, solamente hastío; me faltan alicientes. Lo peor es que disculpo a todos, no puedo distraerme amando u odiando, la vida perdió su gracia. Ahora sólo me queda dinero para tres días. Pruebo el fondo. Entonces, en estos últimos días mismos, que con frialdad – sin emoción, sin dramas – tomo dos decisiones. En estas dos decisiones expongo mi filosofía: En primer lugar, decidí suicidarme. En segundo, decidí postergar mi suicidio hasta que pruebe algunas cosas que dejé de lado por el miedo, miedo a la muerte. Vivir el día como si del último se tratara. No pelear con las dificultades; no gastar energía haciendo planes. ¿Hay un cruzamiento en la estrada de la vida? Elegiré la dirección al azar y punto. El día en que mi manera de pensar me ponga ante en una situación límite, sin salida, una situación extrema desagradable en la cual no encuentre ningún placer, bien, entonces llegará el día de poner en práctica mi primera decisión. Tal vez camine en dirección a las olas teniendo sólo las estrellas por testigo; una caminata corta pero tranquila. Mientras el día fatal no llega nada de tristezas o depresiones. Al revés, amo como nunca, siento como nunca, bailo con todos mis músculos.

La Danza del Sur

Fue cuando vi la inmensa ciudad incendiada.

Pisaba la arena fina y blanca de la desmesurada playa del sur.

Mis pies deliciosamente sucios, hundidos, soñolientos.

El mar, inernal, atlántico, isleño.

*A mis brazos, mis piernas, mí rostro,
les depuraba el aire en forma de brisa fría.*

El oleaje cadencioso.

Fue cuando se encendieron los focos del crepúsculo.

Y la arena fina se arremolinó silbando a mi alrededor tiñéndose de fuego.

Y las olas respiraron con fiereza, retemblando su piel a la terrible fuerza.

Sevilla, 14/02/94

Queridas

Não tenho como resumir tudo que ocorreu neste tempo. Acreditem, foi impossível escrever ou telefonar. Outra coisa, é que não queria preocupar-lhes com más notícias ou mentir-lhes. Agora está tudo bem.

Passei um período que sei que marcará minha vida. Fiquei sem trabalho e acabou todo dinheiro. Na última carta que enviei, de Portugal, descrevi meus dias com o último dinheiro, isto já faz um mês. Foi quando paguei o camping, comi a última comida e, sozinho como sempre, com o resto do dinheiro, me dirigi à cidade espanhola mais próxima.

Cheguei em Sevilha, uma cidade importante no sul da Espanha, longe, muito longe dos amigos de Barcelona e Andorra. Nenhum dinheiro e... feliz. Tudo era paz dentro mim quando sentado às margens do Guadalquivir, no centro da cidade, via as águas fluírem calmamente, refletindo as luzes da bela Sevilha. Nestes momentos, que precediam algo que nunca saberei, apareceu a doce Pilar. Pilar, literalmente e simbolicamente, me resgatou da noite fria. Falar da persistência de Pilar, cada dia chegando com uma bolsinha carregada com sanduíches e frutas, me emociona.

Hoje já tenho trabalho. O que ganho dá justo para pagar um quarto e comer. Aqui o desemprego é enorme e o meu trabalho é fraquinho. Penso em me casar com Pilar e me estabelecer em algum outro lugar tranquilo e promissor. Casando-nos não terei mais problemas com documentos na Europa. Mas, pode ser que a gente vá morar aí no Brasil.

Beijos.

Andorra, setembro, 1994.

Queridas

Sinto tanto que algumas das minhas cartas não tenham chegado aí, não queria preocupar-lhes.

Outra coisa que sentimos, é não poder ir. Nesta nova empresa estou cheio de moral. Ainda não faz um mês que comecei e eles já estão todos satisfeitos. Eu sou gerente da parte de peças de carro e ferragens. Em um mês deixei aquilo brilhando. Há dois dias chamaram os diretores e me pediram que assumisse a seção de alimentos – que é o maior da empresa. Eles me bajulam um montão. A coisa é tão interessante que parece milagre. As portas vão se abrindo, às vezes, escancarando-se. Os donos da empresa são os mais ricos de Andorra e foram com a minha cara. Claro! Não paro um momento e revoluciono tudo: um balde de água na mão e um pano, e deixo tudo brilhando e ordenado. Que dono de loja que não gosta? O resumo de tudo isso é que não posso me descolar daqui até as férias. Para janeiro será impossível. Vamos ver mais adiante.

Beijos.

Andorra, Julho, 1995.

Amigo Jessé

Qual é o estado de espírito correto para escrever a um amigo – um amigo verdadeiro, quem sabe, o único – ? Sabe, esse estado de espírito que não chateia, que não inspira pena, que não inventa mentiras...

Estive buscando esse estado muito tempo. Em todo esse tempo abortei algumas cartas. Atualmente não me sinto melhor nem pior que antes. Assim, resignado, decidi lhe escrever.

Pilar está cheia de mim. Percebo em seus olhos. Ainda não está agressiva como em outras vezes, mas se tornará. Eu sei. Quando começo faltar ao trabalho como tenho feito, ela já sabe como acabará. Pouco dinheiro no final do mês ou uma demissão por justa causa. Hoje pela manhã, no carro, ela deixou claro que no final do mês que comprar os patins, um xampu especial, um sutiã, etc. Pilar tem vinte anos, está cheia de vida, e me resgatou, literalmente, da sarjeta no ano passado quando eu não tinha onde dormir nem o que comer.

Enquanto eu lhe escrevo, meu pensamento tende a divagar até a espetacular mentira que terei que inventar na empresa. Tenho que sair daqui e telefonar. Uma justificativa válida é fácil de encontrar. O fato é que já esgotei todas, ou quase todas. Repassando o meu histórico de mentiras contadas ao mesmo chefe, vejo que só me sobra uma que dê resultado: a morte da minha mãe no Brasil, ou a eminência dela. Tenho que escolher as palavras apropriadas, a cara adequada (quando volte). Não, não posso perder este trabalho que quase não faço nada e ganho bem. Você me perguntaria por que falto tanto então, e eu não saberia responder. Só sei que faz mais ou menos dois anos que os adjetivos irresponsável e vagabundo, se adequam perfeitamente a mim gerando um mínimo de vergonha ou remorso. Bem, dentro de uns quinze minutos tenho que me levantar da mesa deste café e ligar para a empresa. Estou ansioso.

Jessé, tenho um bom trabalho, ganho bem, posso comprar coisas; estou legalmente regularizado no país, moro em uma boa casa nas montanhas, tenho uma mulher jovem e um lindo casal de cães huskies siberianos, e muitas vezes... isso não me importa nem um pouco, não me importa nada. E troco, nesses momentos, tudo isso por umas sensações íntimas tão difíceis de explicar.

Agora estou ligando para o Armando (meu chefe). Dá ocupado. Depois atendem: está em outra ligação. Voltarei a ligar daqui uns cinco minutos quando termine de escrever isto e lhe direi: “Mandi, mi madre se ha muerto”, e continuarei, depois de uma pausa: “y yo no la pude ver por última vez”. E depois de outra pausa: “Ahora ya no tengo más que irme a Brasil, arreglaré todo por fax y por teléfono. Día veinte vuelvo al trabajo. Tengo mi puesto ¿Verdad?”

Ligo outra vez. Ainda está em outra ligação. Enquanto espero tento me lembrar das magníficas interpretações dos grandes atores. Como fariam se tivessem que dizer o mesmo que eu? Invade-me um desejo louco de conservar meu trabalho. Convivo com esses dois extremos. Há dez dias que falto ao trabalho. É a quarta vez que falto tantos dias seguidos sem dar sinal de vida.

Que saber? Meus pecados estão perdoados! Volto ao trabalho depois de amanhã. Minha nossa, fui tão verossímil. Consegui até um certo tremor na minha voz, umas pausas precisas. “Lo siento mucho Roberto”, disse ele.

Um abraço.

Diário pessoal

Andorra, mayo, 1996.

CULPABLE

El policía abrió la puerta y asomó la cabeza, me miró a los ojos y se marchó. “¿Dios mío! ¿Será que buscan a mi?” pensé y continué leyendo el periódico. En titulares una gran foto de un pescador siendo agredido por las fuerzas de choque. Me fijé en la expresión de los agentes: sus ojos, sus bocas..., el pescador sangraba en la cabeza. “Supongamos que el agente de la puerta estuviera buscando un sospechoso; seguramente se daría cuenta que alguien leyendo un periódico tranquilamente en la biblioteca pública, en un sitio bien visible y iluminado, no sería propiamente un fugitivo, un delincuente. Un sitio curioso para esconderse de la policía”. La idea me divirtió y seguí leyendo. Un otro titular: Aparece el cadáver de la muchacha de Benicasín. Busqué la noticia en la página correspondiente: Un conductor había parado para orinar y sintió un fuerte olor... Los dos policías entraron en la sala de lectura de la biblioteca y se dirigieron hacia la mesa más iluminada. ¿Es aquél? preguntó uno. Si, asintió el otro, mientras se acercaban. Hablaban quedamente, caminaban lentamente, como si la atmósfera reflexiva y silenciosa de la sala de lecturas, no que les entorpeciese en sus decisiones, sino que, les pareciera ajena, un territorio desconocido. Cuántos años hacen que no pisaban en un local así, tan lleno de libros. En la puerta se agolpaban unos cuantos agentes más, el administrador, la secretaria.

Me hicieron salir del recinto de la biblioteca. Me registraron, me cachearon en un pequeño y oscuro portal. De golpe ya eran bien unos diez. La documentación no la llevaba encima. Me metieron dentro del coche patrulla. Llegamos a mi coche, les enseñé los papeles y nada. Buscaban un sospechoso que por los datos era yo clavado. Les pedí que me devolviesen a la biblioteca, por favor. Claro, ningún problema. Adiós, adiós.

¿Fue una señal? ¿Un aviso del destino? Si no empiezo a trabajar pronto ¿Seré yo deshonrado? ¿Maltratado públicamente? ¿Es urgente que encuentre un trabajo, que tenga la espalda cubierta, que no gaste mi tiempo por ahí, estando sujeto a estas humillaciones! Sé que tengo cara de sospechoso. Razón de más para respaldarme en la imagen responsable de un trabajador honesto.

Andorra, agosto, 1996.

Amigo Jessé

Saí um pouco da maldita loja e aqui sentado em um bar tomando um “cortado” (cafezinho com leite condensado) vou pensando em Espanhol e escrevendo em Português. Já faz alguns anos que não falo a nossa língua. Umas cartinhas a cada três ou quatro meses à minha mãe não é grande treino, e mergulhado como estou na literatura castelhana...

É todo um orgulho ter diante da minha escrivantina uma foto dessa sua família tão linda. Meu melhor amigo tem mulher e três filhos e trabalha com números! Meu Deus, é um tremendo contraste comigo que “voando” sempre, um contraste que me faz um grande bem.

Trabalho atualmente nesta maldita loja de souvenirs (a mesma que sempre me acolhe de volta). Tenho muitos colegas de trabalho que fazem ressurgir a cada dia o ditador que há em mim. Só com eles daria para escrever um romance cheio de personagens medíocres, incluindo a mim às vezes.

Jessé, Jessé, que saudades cara! Que vontade de estar aí. E o pior é que não posso. Tenho pouco dinheiro e uma disposição ainda menor de lutar por mais. Vivo uma época de trégua entre a constante batalha de encontrar um trabalho um pouquinho menos medíocre. De encontrar um lugar. Mas tento conservar o bom-humor.

Um abraço.

Andorra, agosto, 1996.

Querido amigo Jessé

Estou muito gripado. Todas as coisas, a realidade como um todo, estão tingidas desta sensação estranha que provem da gripe. É curioso, até a iluminação desta tarde de domingo e meus planos estão envolvidos por esta sensibilidade rara.

Não Jessé, não sei o que quero. Talvez o que tenha transcendido da minha última carta foi o meu encontro brutal com um niilismo feroz. Sempre estive aí, na esquina; agora, caí de bruços nele. No fundo é o resultado de um processo, como tudo.

A sua carta, a da Silvia, as fotos... funcionam como uma boa comida no meu paladar; um paladar meio anestesiado que necessita tais condimentos.

Vou tentando abrir caminho.

Novembro e dezembro vagabundarei um pouco pelos subúrbios de Paris e Barcelona, depois voltarei para cá, trabalhar no meio da neve.

Um abraço.

Andorra, agosto, 1996.

Jessé

São dias estranhos estes que vivo. Talvez seja a forte gripe ou o fim da minha relação com a Pilar, não sei. Acabo de ler o jornal, é domingo, e não trabalho. Um café tomado, meu bar de sempre. Na televisão um documentário sobre a natureza em putrefação. Como já disse é um dia estranho. Preparo-me pra uma mudança de vida nos próximos meses que sucedem o verão.

Suicídio: faz tempo que tenho este referencial; funciona como um estimulante diário. Não pense que estou deprimido. Ou, se estou, é algo permanente, sutil.

Diário pessoal

Andorra, 07/02/97

Es una fecha importante. Vuelvo a estar dispuesto a coger carretera. Hoy falté al trabajo. Otro círculo se cierra. Andorra ya me aburre. Mis decisiones siempre han sido precintadas en semejante situación. Pero hoy tengo que tomar la decisión de adónde irme. El dinero será poco. Da solamente para los billetes y gastos si me fuera a Brasil. Seguramente me iré a Brasil ¡Llegó el momento de partir! Mas, volveré algún día.

Diário pessoal

Lisboa, 17/02/97

Son casi las 12:00 de la noche. Ahora, apenas seis horitas más en esta Europa que amo desesperadamente. Es pasión, enamoramiento..., y solo me quedan seis horas para besarla mucho.

Lisboa de noche es fascinante desde el avión.

Me espera un Brasil distinto. Distinto porque, creo, cambié yo.

Volver a Brasil justamente ahora cuando me encuentro tan sereno, tan melancólico, tan desarmado...

Todavía no tengo la perspectiva necesaria para profundizar en las repercusiones de mis últimos seis años.

Por primera vez en mi vida siento que mi futuro está totalmente vacío, en blanco.

Em toda essa parte anterior em que utilizo nomes fictícios, uso como fontes primárias, além da memória, e dos diários que escrevi durante quase todo o período que passei fora do país, as inúmeras cartas enviadas – e as não enviadas – por mim ao Brasil (nas quais tampouco utilizo os nomes verdadeiros) e meticulosamente guardadas por minha mãe. Um extenso material que ampliaria em muito ainda esse relato. Mas, me detenho, me contenho, pois corro o risco de que a própria tese tome o formato de diário e fuja dos padrões normalmente aceitos. Mas, ao mesmo tempo, me arrisco um pouco nesse formato ao mesmo tempo em que coloco uma certa distância do meu relato pessoal, pois muito da forma como descrevo os “meus imigrantes” – e o coloquialismo utilizado – se deve à maneira como pensava e sentia na época em que eu também me submetia às mesmas condições. Tomo o cuidado, também, de mesclar numa devida proporção análise e relato. A mão que escreve a análise é – e, ao mesmo tempo, não é – a mesma que escreve o relato. É esse o exercício que me propus intencionalmente nesse sub-capítulo da introdução. Um diário pessoal conciliado a um diário de campo, uma crônica pessoal aliada à uma análise anacrônica. Um relato particular que constantemente retorna às reflexões e se alimenta delas e uma análise que se enriquece com o que existe de mais valioso: a consciência de como um objeto de estudo vai pouco a pouco ganhando seu contorno – e segue assim, dinamicamente, concentricamente – na própria vida: na memória. Uma atividade circular, que remete aos fundamentos hermenêuticos gadamerianos referidos no início da introdução desse texto.

A MIGRAÇÃO

OS QUE ATRAVESSAM

Imagem 2

"Quem chegou, ainda que apenas em certa medida, à liberdade da razão, não pode sentir-se sobre a Terra senão como um andarilho - embora não como um viajante em direção a um alvo último: pois este não há. Mas bem que ele quer ver e ter os olhos abertos para tudo o que propriamente se passa no mundo; por isso não pode prender seu coração com demasiada firmeza a nada de singular; tem de haver nele próprio algo de errante, que encontra sua alegria na mudança e na transitoriedade. Sem dúvida sobrevêm a um tal homem noites más, em que ele está cansado e encontra fechada a porta da cidade que deveria oferecer-lhe pousada; talvez, além disso, como no Oriente, o deserto chegue até a porta, os animais de presa uivem ora mais longe, ora mais perto, um vento forte se levante, ladrões lhe levem embora seus animais de tiro. É então que cai para ele a noite pavorosa, como um segundo deserto sobre o deserto, e seu coração se cansa de andança. Se então surge para ele o sol da manhã, incandescente como uma divindade da ira, se a cidade se abre, ele vê, nos rostos dos que aqui moram, talvez ainda mais deserto, sujeira, engano, insegurança, do que fora das portas - e o dia é quase pior que a noite. Bem pode acontecer que isso aconteça às vezes ao andarilho; mas então vêm, como recompensa, as deliciosas manhãs de outras regiões e dias..."

(Friedrich Nietzsche *O Andarilho*)

Aproximo-me da migração através das memórias, das imagens e dos relatos provisórios dos migrantes e sobre os migrantes. Esses seres que se deslocam no contemporâneo. Seres atópicos, ou seja, sem lugar ou deslocados de lugar; habitantes de um não lugar: um lugar negado (Bourdieu in Sayad 1998; De Felice, 2007).

Os sociólogos DeFelice e Bourdieu não têm posições conciliadoras quanto ao estatuto desse lugar e desse grupo. O sociólogo italiano Máximo DeFelice, em consonância com Nestor Canclini, Joaquin Brunner, Stuart Hall e Homi Bhabha, argumenta que a atopia é este estado híbrido, de diversidade cultural, de homens traduzidos, próprio do contemporâneo. Um elogio à novidade dessas identidades fragmentadas que são o embrião de novas sociabilidades. Seres que não têm lugar fixo, ou habitam esses não lugares, porque o próprio estatuto de lugar se deslocou no contemporâneo. São seres deslocados e em deslocamento, que transitam nas bordas, nas fronteiras do próprio ser. Átopos para Felice é o próprio emblema do contemporâneo: lugar atípico, paradoxal, estranho, anormal, fora de lugar, por onde transitam sujeitos fragmentados (Hall), híbridos (Canclini), nômades entre duas eras (Brunner), sobreviventes da fronteira (Bhabha).

Já Pierre Bourdieu, deixa claro, ao usar o termo átopos referindo-se aos imigrantes, que não se trata de um termo que os enobrece. O sociólogo Francês, no prefácio do amplo estudo de Abdelmalek Sayad sobre a migração na França, enfatiza a situação dramática desse grupo de pessoas deslocadas, sem lugar, inclassificáveis. Posição essa que não enobrece o imigrante, pois este, sem ser cidadão nem estrangeiro, nem totalmente Mesmo, nem totalmente Outro,

situa-se nesse lugar bastardo..., a fronteira entre o ser e o não ser social. Deslocado, no sentido de incongruente e de inoportuno, ele suscita o embaraço; e a dificuldade que se experimenta em pensá-lo..., apenas reproduz o embaraço que sua inexistência incômoda cria. Incômodo em todo lugar, e doravante tanto em sua sociedade de origem quanto em sua sociedade receptora. Presença ausente (1998: 11)

Adotando-se um ou outro ponto de vista, o certo é que a própria condição do migrante é tomada como provisória, e é essa condição que tenho aqui em foco.

Então me aproximo desses homens, mulheres e crianças como quem atravessa junto com esses seres os portais da cidade, em direção, às vezes, ao imprevisível das aforas, em outras aos encontros e desencontros no interior. Mas também o faço como aquele que percorre as regiões selvagens, os lugares perigosos, dos limites extremos e longínquos e

que erra e comunga nos sítios penumbrosos encontrados também no profundo da própria cidade. E transito entre as diversas imagens que se tem desse grupo de seres errantes. Ora, erigidos como arautos de uma nova era, ora apontados como inexoravelmente banidos de todos os lugares.

O migrante está em constante deslocamento, travessia. Em torno do migrante gravitam as lembranças individuais da terra deixada e aquelas dos conterrâneos que os viram partir. Lembranças que vão sendo desenhadas, elaboradas e re-elaboradas no decorrer da travessia. A realidade do migrante nunca é estável, ele não se estabelece. Tudo nele é constantemente travessia. As saudades, a atualidade e os sonhos. Passado, presente e futuro mesclam-se numa vorágine interminável. A própria morte, por afogamento, hipotermia, tuberculose ou acidente de trabalho, que interrompe os deslocamentos individuais, não interdita a travessia, pois subsiste na memória, nos relatos, nas imagens. Diferentemente do que acontece com a morte banida como uma anormalidade no simbólico capitalista. A morte aqui é material dinâmico e paradoxalmente matéria de vida onde se institui uma intensa relação de reversibilidade simbólica entre a vida e a morte. Revê-se assim a tragédia sobre outros parâmetros. E sendo a morte do outro que se impõem assim tão abruptamente, nos leva a pensar que o outro já se encontra morto, inerte, de antemão. E essa morte precipitada, anunciada, antecipada é a morte da educação enquanto incapaz de infundir fôlego de vida ao outro, por estar ela mesma inerte, imóvel, paralisada. Assim, é na condição da migração que encontramos a imagem mais apropriada, a metáfora mais abrumadora, o devaneio mais fugidio e o pensamento mais iluminado (se entendemos essa luz como a luz do crepúsculo) do que é a educação. Não discorreremos aqui sobre um estatuto ou uma ontologia da Educação, pois “estar” e “ser” acarreta repouso, imobilidade. E, talvez, o único repouso a que a educação evoca seja o do vôo, o do planar. Portanto, educação também é vôo e sonho. E o é na fuga da imobilidade. Sendo assim até mesmo o “é” definidor, indicativo, usado aqui trai a condição de transitoriedade, migração, travessia. A educação não “é”, ela vai sendo... E aqui nos debruçamos sobre a arte, o cinema, o vídeo, a fotografia, em fim, a imagem, que mediam essa sua condição de eterna movente.

Iniciemos com alguns relatos de imigrantes e sobre imigrantes bolivianos em São Paulo, imigrantes de sul-americanos e africanos na Europa.

Dos altiplanos à praça Kantuta

Test

¿Qué es Bolivia?

*¿Un conglomerado de cadáveres?
 ¿Un colectivo lleno de militares?
 ¿Una masa enorme de tierra silenciosa?
 ¿Una planicie de rostros terrosos?
 (Impasibles miradas cansadas de esperar)
 ¿Una altitud de cartón-piedra?
 ¿Una caída vertical de la pobreza a la nada?
 ¿Un grupo de niños pijes de anchas corbatas?
 ¿Una cadena de resentimientos y mentiras?
 ¿Un puñado de crímenes detrás de la basura?
 ¿Un niño muerto en una caja de zapatos?
 ¿Un libro de poemas que arde porque sí?
 (Porque invade la sangre de quien lo lee)
 ¿Un escritorio, dos escritorios, tres escritorios?
 ¿Una tienda de campaña?
 ¿Una lluvia pasajera?
 ¿Un costal de títeres quemados?
 ¿Un periodista que siempre cae parado?
 (Como trípode con un rollo de dólares
 que le alegra el año)
 ¿Una página menos, siempre tan lejos
 de la historia?
 ¿Un grupo de universitarios confundidos?
 ¿Un poema, dos poemas, este poema?
 Escoja solamente diecinueve respuestas.*

Ni una menos.

(Alfonso Gumucio Dagron, Poeta boliviano, 1950 -)

“... começou como um estrangeiro e irá voltar como começou, um estrangeiro. Abençoados sejam os estrangeiros.”

(Maomé)

Bolivianos emigrantes rumam à São Paulo através de diversas paisagens geográficas, culturais e urbanas. Metáfora da transitoriedade da identidade e das relações que se estabelecem nesses ambientes de pluralidade cultural, a sua travessia é uma travessia que têm destino acertado, negociado de antemão. Portanto, por mais que se tenha a cidade de São Paulo como destino dos imigrantes e suas trajetórias na cidade seja marcada tanto pela clandestinidade quanto pela discriminação racial e social, esta cidade não será vista

como ponto de permanência definitiva, mas sim como parte da jornada (travessia) dos imigrantes bolivianos desde seu deslocamento do país de origem até sua passagem pelas “terras de ninguém” das fronteiras, a trajetória pelo território brasileiro, sua clandestinidade em São Paulo, seu trabalho infundável e seu retorno (quando de fato acontece) à Bolívia natal.

O Brasil tem acolhido um grande número de imigrantes bolivianos, que atravessam as fronteiras e, depois de uma exaustiva viagem, desembarcam em São Paulo.

Atraídos pelas oportunidades oferecidas pela principal cidade da América Latina, cerca de 100 mil bolivianos vivem hoje em São Paulo clandestinamente, reforçando a mão-de-obra barata, segundo o Centro de Estudos Migratórios de São Paulo, ligado à Cúria Metropolitana.

Em quase todos os casos, o roteiro é o mesmo: primeiro vem o pai, para abrir caminho, e, em pouco tempo, chegam mulher, filhos e parentes. O imigrante boliviano deixa La Paz - cidade do altiplano boliviano – e escolhe o Brasil para morar e trabalhar. Assim desembarca na cidade que abriga o maior contingente de imigrantes bolivianos no país, para tentar construir um sonho de trabalho e futuro, que seu país não pode oferecer, para si e sua família.

Silva (1997: 82) nos conta que

A presença boliviana em São Paulo não constitui um fato novo. Embora ela tenha se tornado significativa somente a partir da década de 1980, pode-se dizer, contudo, que tal presença remonta ao início da década de 1950, quando já era possível constatar alguns bolivianos na cidade na condição de estudantes, os quais vieram estimulados pelo programa de intercâmbio cultural Brasil-Bolívia. Após o término dos estudos, muitos deles acabavam optando pela sua permanência na cidade, em razão das múltiplas ofertas de emprego encontradas naquele momento no mercado de trabalho paulistano. As razões pelas quais os bolivianos continuam deixando a Bolívia são múltiplas. Porém, os fatores de ordem econômica são preponderantes na decisão de emigrar, já que o mercado de trabalho brasileiro, mesmo na denominada “década perdida”, ou seja, a de 1980, oferecia mais oportunidades de emprego do que o mercado de trabalho boliviano, já que o país enfrentava uma profunda crise econômica, com altos índices de inflação e desemprego. O perfil característico desses imigrantes, que foi sendo construído desde os anos 1980, mostra que eles são, em sua maioria, jovens, de ambos os sexos, solteiros, de escolaridade média, e vieram atraídos principalmente pelas promessas de bons salários feitas pelos empregadores coreanos, bolivianos ou brasileiros da indústria da confecção. Oriundos de várias partes da Bolívia, porém com uma predominância dos pacenhos e cochabambinos (isto é, provenientes de La Paz e Cochabamba, respectivamente), esses imigrantes passaram a apostar tudo na atividade da costura, alimentando,

assim, sonhos de uma vida melhor para si mesmos e seus familiares que lá ficaram. À medida que eles vão se estabelecendo na cidade, inicia-se um processo de reunificação familiar, com a vinda de irmãos, parentes e pais, muitas vezes pessoas oriundas do campo e com pouco domínio do espanhol. Em São Paulo, os mais idosos são incorporados de alguma forma ao processo de produção nas oficinas de costura, exercendo atividades suplementares, como é o caso das mulheres que preparam a comida servida aos trabalhadores.

Mas, como com o imigrante não migra apenas o trabalho, mas a pessoa inteira, o imigrante boliviano logo estará envolvido naquilo que chamo aqui de mediações culturais. O tempo livre bastante escasso começa ser convidativo para estabelecer contatos com os demais compatriotas e com a comunidade em geral. Essas mediações culturais tornam-se mais complexas à medida que se relacionam com o grupo específico de bolivianos e com cada etapa de sua jornada.

O imigrante boliviano torna-se aqui em São Paulo um habitante das margens não apenas da cidade, mas o representante das margens de um continente. Bolívia, como mostra o poeta Gumucio Dagron na epígrafe, um país estigmatizado às margens de um continente estigmatizado, talvez, até envergonhado.

Calligaris (2006) refletindo sobre este tema afirma que em princípio, a vergonha que sentimos por um ou outro de nossos atos não nos exclui da convivência social. Ao contrário, ela nos convida a resgatar nossa dignidade com novas ações e a voltar para o mundo de cara lavada. Mas há uma outra vergonha, radical, que pode nos afastar da coletividade, sem retorno: é a vergonha de quem somos, não de algo que fizemos.

Podemos então falar da vergonha de ser imigrante. Com um número que representa hoje o maior contingente de imigrantes contemporâneos no Brasil, os imigrantes bolivianos são ultimamente muito abordados pela mídia pelos sofrimentos e a tragédia que envolve sua condição de trabalhadores escravos, as condições insalubres de trabalho, a tuberculose. Sua pessoa está exposta numa massa homogênea que representa um projeto de nação que ele sente que não deu certo. O imigrante, em geral, é representante de uma cultura da qual ele é obrigado a emigrar. É obrigado a arriscar-se porque não tem nada o que perder. E não ter nada que perder pode ser vergonhoso. Não por algo que ele tenha feito, mas por algo que ele é.

A fragilidade da travessia – porque disso se trata: uma travessia frágil, exposta, vulnerável – continua sendo numa constante até nos momentos em que o deslocamento

demográfico se interrompe temporariamente. Por um lado está a condição de imigrante, clandestino, ilegal, sem documentação, de outro está a sociedade anfitriã, ora disposta, ora hostil ao imigrante que entra clandestinamente em seu território. Fragilidade paradoxal, pois, reflete a constituição deslocada, descentrada da identidade cultural dos imigrantes, que não atravessa somente espaços e fronteiras, mas atravessa uma diversidade cultural complexa. Ou seja, a fragilidade cultural é uma constante no deslocamento, e por ser constante, talvez possa ser dominada (acostumar-se a não se acostumar a nada) e, talvez, resulte em força.

Ao denominar frágeis estas travessias, não estou supondo que a identidade cultural dos povos que cruzam as fronteiras sejam fracas de antemão, mas sim que se encontram em perpétua condição de fragilidade em seu percurso. Uma fragilidade que, como na diáspora (Hall), pode possibilitar a troca, o hibridismo e o sincretismo, onde os homens, usando a metáfora de Salman Rushdie vão se “traduzindo” em outros homens por sua porosa condição. Ou, outras vezes, esses mesmos homens “choram” lembrando-se de “Sião”, como poetisa o salmista hebreu. Por outro lado essa mesma fragilidade, contingência da travessia, coloca o imigrante em risco de destruição física e anomia que desembocariam nas denominadas “identidades defensivas” (Castells, 2002: 84), quando o destino, que não pode ser mais o paraíso, não se torna nem mesmo um abrigo temporário. Nesse sentido às frágeis travessias se oporiam às desejáveis seguras travessias.

As mediações culturais que se dão em alguns eventos que envolvem imigração, arte e cultura podem representar bem as complexas questões que envolvem identidade e a alteridade em situações de pluralidade cultural.

As feiras, como a que acontece aos domingos na Estação Armênia do Metrô, em São Paulo, onde, os imigrantes bolivianos cantam, dançam, vendem artesanato e divulgam as especialidades gastronômicas da Bolívia. Também na Igreja Nossa Senhora da Paz, no bairro do Glicério, construída na década de 40 pelos italianos que fugiam da guerra, no último domingo de cada mês, a partir das 11h30, é rezada uma missa em espanhol e oferecida uma recepção com culinária, música e danças típicas. A Praça Kantuta (nome dado pelos próprios bolivianos), no bairro do Canindé que se transforma todos os domingos num pedaço boliviano em São Paulo, pois nesse local é estabelecida uma multiplicidade de relações, sejam elas de ordem comercial, gastronômica, artística, de oferta de trabalho e de

outros serviços, como corte de cabelo, fotografia, entre outros. Também, essa praça tem sido o palco de atividades culturais, como o carnaval e a festa das *Alasitas*, ou das miniaturas. Segundo a tradição, essa festa deve ser realizada no dia 24 de janeiro, dia em que se homenageia a deidade chamada *Ekeko*, ou deus da abundância.

O problema é que o dia 24 não é feriado no Brasil, e a realização dessa festa na praça ocasiona transtornos para as pessoas que freqüentam uma escola situada em frente à referida praça. Assim, os que vivem nas proximidades da praça se sentem incomodados com a presença dos bolivianos naquele local.

A contrapartida desse processo de discriminação se dá pela mobilização do grupo em torno de práticas culturais veiculadas, particularmente nas festas devocionais realizadas em São Paulo, em louvor a Nossa Senhora de Copacabana. Tais festas são por eles realizadas anualmente no mês de agosto, num contexto específico, que é o espaço cedido pela Igreja Católica. Importa lembrar, porém, que, até 1994, tais festas eram realizadas como celebrações privadas, envolvendo apenas os devotos e compatriotas, em geral do mesmo lugar de origem da devoção, como é o caso dos pacenhos (Departamento de La Paz). A partir daquela data, a festa que comemora a padroeira boliviana passou a ser realizada na Igreja Nossa Senhora da Paz, localizada na região central da cidade de São Paulo.

Os bolivianos quando se dispõem a abandonar seu país de origem, se defrontam com a inexorável situação de uma travessia repleta de incertezas, tornando-se assim habitantes permanentes dos espaços fronteiriços mesmo quando se estabelecem na grande metrópole. Isto condiciona e torna complexa a questão da identidade cultural.

A identidade cultural do imigrante boliviano já não estaria mais em crise porque se desloca de seu país natal (Hall, 2005), mas o próprio deslocamento a constituiria. Não é apenas mais um imigrante em terras estrangeiras, mas, um clandestino fugindo de condições de vida onde é impossível a sobrevivência, do qual o sentimento de pertença foi de todo arrancado.

Entre o sonho de uma vida melhor e a realidade das condições adversas, o imigrante boliviano se debate no Brasil com a marca que lhe é imposta de imigrante clandestino, ou seja, um “problema” de segurança de fronteiras para o país que o recebe. A sua presença, ao mesmo tempo em que atende a uma demanda para a realização dos trabalhos

indesejáveis, torna-se um incômodo, entregue à Polícia Federal, pois chegam em maior número que as cotas previstas, escapando ao controle do suprimento de mão de obra barata das políticas nacionais.

Mesmo assim, os imigrantes bolivianos sentem que sua condição no Brasil, mesmo que se assemelhe ao de trabalhador escravo, são melhores que no seu país de origem, porque aqui podem trabalhar e organizar seu futuro. Porém isso não evita que não se sintam como o “estranho”, o “diferente”, imerso num ambiente de xenofobia dissimulada. O que ocasionará um “custo” cultural que pode afetar sua identidade cultural a tal ponto que, semelhante desagregação, talvez o faça se sentir como um “peixe-fora-d’água” ao retornar ao seu país.

E nos deparamos com a questão: qual o valor da sua identidade nacional quando o imigrante se vê obrigado a fugir de uma situação às vezes extremamente precária? Porque não é apenas a mão de obra do trabalhador que migra, migra a pessoa. O imigrante é um sujeito completo que vem avizinhar-se a outros sujeitos.

Porém esses avizinhamentos culturais têm mão dupla. Estão assentados em meio. Entre o imigrante e a nação anfitriã. E é do lado desta nação anfitriã que se deveria tentar fazer um grande esforço para assegurar que as frágeis travessias do imigrante sejam algo mais seguras.

Entretanto a fragilidade da travessia do imigrante revela consequências paradoxais: ao mesmo tempo em que o expõe a uma situação de abandono, hostilidade e estigmatização, possibilita trocas menos direcionadas pelas políticas de imigração, mostrando-se saudavelmente contrária a um ambiente de fixidez da identidade cultural (Hall, 2003).

O imigrante boliviano sofre o estatuto das culturas na era da globalização na sua própria existência, como refém de uma gestão do mercado de trabalho estrangeiro num ambiente em que as pautas hierárquicas da distinção cultural não desaparecem, mas se entrecruzam de uma maneira mais variada e plural, porém não menos cruel (Brünner, 2004). Os bens culturais passam a encarnar assim uma nova lógica, livrando-se parcialmente de suas anteriores ataduras de níveis e classes. Melhor dizendo, a estas se agregam e sobrepõem agora as lógicas do outro, da diferença, do híbrido, do diverso, da recombinação e da heterogenização. A globalização cultural evidencia-se nas identidades

que se acham em processo de reinterpretação por obra do próprio processo de globalização. Porém apenas absorve e reinterpreta aquelas previamente selecionadas, que possuem um capital cultural adequado e adaptável à lógica do mercado.

O caso do imigrante boliviano, em sua frágil travessia, talvez represente bem este modelo apresentado por Brünner: está em permanente deslocamento. O imigrante boliviano ainda não se estabeleceu, aliás, ele continua num movimento semelhante ao vaivém do trem que o entrega nas fronteiras, que ora se projeta, ora retroage, formando a si próprios como sujeitos nos entre-lugares (Bhabha, 2005).

No filme *Kantuta*, podemos observar quando Pablo, imigrante boliviano, fala com desenvoltura e alegria da sua vida aqui em São Paulo, mas quando é indagado sobre sua terra natal, sua voz fica embargada, seus olhos se entristecem, sua fala se interrompe: não consegue falar sobre sua terra. Ser sujeito dos entre-lugares não evita a memória dolorida de algo, talvez já enevado pelo tempo, mas que sobrevive a carne-viva na lembrança. Como afirma Bourdieu e Sayad, ser imigrante não é motivo de engrandecimento, e em alguns momentos está mais perto da imagem da árvore brutalmente arrancada do solo até a raiz.

Juan, boliviano, 26 anos, 4 anos no Brasil.

Já Juan, que mora em São Paulo há quatro anos, embora se reconheça feliz aqui, deixou também algo nas montanhas bolivianas.

La vida aquí va muy bien. Hay trabajo. No hay polvareda en la calle como allá. Se trabaja mucho, pero se gana mucho más que en Bolivia. Por mí no vuelvo nunca más a Bolivia.

Porém, basta lhe perguntar por sua família que ficou para trás, Juan conta de seu avô que ainda mora lá no altiplano e que dele sim sente saudades. Mas não voltaria, especialmente agora que conheceu Maria e sua pequena filha Ester. Esses dias Maria chegou em casa desconsolada porque não quiseram lhe regularizar a situação na polícia federal. Tiveram que gastar grande parte do dinheiro economizado para que Maria fosse à La Paz tirar um documento obrigatório. Agora já está tudo bem. O único medo é a tuberculose. Porque se se contrai a doença “los patrones te sueltan en la calle”, nos conta José, agente de saúde boliviano que trabalha no bairro do Bom Retiro. Grande parte ainda

está trabalhando ilegal no país e tem medo de procurar ajuda e serem deportados, e os patrões de serem processados e multados. Os postos de saúde têm feito campanhas. Agentes de saúde bolivianos como José, têm sido contratados e fazem visitas aos cortiços e pensões.

O relato de Carlos, que chegou ao Brasil na década de setenta e um dos responsáveis diretos pela fundação da Praça Kantuta, onde hoje vende suas deliciosas salteñas, dá conta de diversas nuances da jornada do imigrante boliviano. O relato, que reproduzo na íntegra, já é rico por si mesmo, naquilo que tem de explícito, implícito e, por vezes, contraditório, portanto evitarei maiores comentários e análises, e deixarei que a própria palavra de Pedro fale por si.

Carlos, Boliviano, 61 anos, 38 anos no Brasil. Morador de São Caetano, faz as salteñas mais deliciosas da Praça Kantuta.

Na Bolívia, minha família era de classe média. Meu pai era gerente de uma secção numa empresa de exploração de minérios. Trabalhava nas estradas que vão para as minas. Então, nós tínhamos um padrão de vida bom em La Paz. As minas eram em Potosí, Oruro. Oruro era o centro econômico da Bolívia, daí que saíam a maioria dos minérios, e também a sua capital folclórica onde é realizado um carnaval bem diferente do carnaval brasileiro. O desfile de carnaval lá não é um tipo de som só, são vários... vestimentas diferentes. Como se juntassem aqui Rio, São Paulo, nordeste, Miracatu, bumba-meu-boi, escola de samba, juntam-se todos os grupos folclóricos. Não cheguei a desfilar. Tinha vontade, mas eu não sou bom nessa linha não. Eu sou mais apreciador só. Porém, nós vivíamos em La Paz.

Depois..., eu tinha um tio que morava aqui. Veio para estudar e ficou aqui. Um tio por parte de pai, que depois trouxe minha tia. Isso nos anos sessenta. Nessa época os bolivianos vinham aos poucos, não era uma coisa assim como uma leva. Vinham alguns bolivianos, como poderiam vir mexicanos... Porque na Bolívia você estuda de graça até o final. Pelo menos na minha época era assim. Se fazia primário, colegial, universidade, tudo por conta do estado. O vestibular, nós chamamos de ingresso lá. Então bastava ter cinquenta e um por cento da nota para entrar na faculdade. Não tinham vagas limitadas. Ou seja, quando entrei na faculdade, eu entrei na faculdade de engenharia. Éramos cento e vinte alunos em cada sala de aula. Isso em Oruro, fiquei quatro anos lá, só vinha a La Paz nas férias. Era a capital do minério, ao sul de La Paz. Em outro departamento. Então fui estudar lá. Antes estudei em La Paz em colégio público até o primeiro ano do secundário, depois estudei num colégio particular. Agora, estudei em uma universidade do estado lá em Oruro. Fiquei quatro anos estudando lá engenharia y... como todo jovem, envolvido na política.

Os meus bisavós eram espanhóis por parte de pai e de mãe. Eram mestiços. Já da época da colônia, meus antepassados eram mestiços. Filhos de espanhol com índio. Diferentes dos

criollos, que eram filhos de espanhol com espanhol. E tem os índios. Em minha casa tinha um sabre da família que ficou com um primo meu. Eu achei no baú da minha avó, quando ela veio para cá. Ela veio antes de mim. Um dia fui arrumar a casa e abri o baú e tinha aquele sabre. Dei a um primo, ele estava fazendo coleção de armas. Ficou lá.

Bom, eu estudava. Fazia muita política. Envolvido nos movimentos dos estudantes. O movimento de estudantes era assim: se o governo queria fazer alguma coisa que não era politicamente social, os estudantes eram os primeiros a colocar a cara pra bater. Sempre os estudantes defendiam o povo. Detrás dos estudantes vinham os mineiros, eram bem fortes. Minha família não sabia de nada desse meu envolvimento. Eu ficava sozinho lá. Minha mãe morava em La Paz eu fui estudar em Oruro. E lá o governo era militar e... eu já estava na lista para sumir. Muitos colegas sumiram. E não se sabia onde foram nem nada. E não só eles sumiam, a namorada também. Para que pensassem que fugiram juntos como se fosse um caso de amor. Houve muitos desaparecidos, e todo mundo sabia que não era caso de amor. Um colega meu me pediu emprestado um livro caríssimo de física, lá os livros são caros, e no dia seguinte o camarada some. Como ele ia me pedir emprestado um livro caríssimo e depois simplesmente viajar com a namorada? Ou seja, foi pego ele e a namorada e deram sumiço. Havia um regime militar muito forte lá na década de setenta, aqui teve o AI5 e lá também tínhamos a ditadura. Normalmente todos os estudantes eram da oposição. Era uma consigna política do povo mesmo. Tinha a *Central Obrera Boliviana*, equivalente a CUT de aqui. Lá eles são unidos, organizados. La COB era poderosa, bem poderosa mesmo. Os índios ficavam normalmente lá no interior, mais no altiplano e não se envolviam muito na política, não tinham participação política. Eles votam, está claro, votam, mas atividade política assim, eles não tinham. Houve um grande líder dos índios chamado Victor Paz Estensoro no ano sessenta e dois, ele fez a revolução nacionalista, onde deu muito valor ao índio, milícia armada como se diz. Em sessenta e dois quando se nacionalizou as minas. Então ele era poderoso. Qualquer problema com ele os índios invadiam a cidade armados e não se podia fazer nada, era um formigueiro. Era um líder muito, fez coisas boas, mas era também acusado de fazer mal uso do dinheiro. Foi três vezes presidente da Bolívia, foi reeleito. Pesem ao que falavam ele era eleito. Ninguém sabe como. Ele era um líder, ele não era índio. Era um líder que aproveitou um momento e apoio aos camponeses para chamar para o lado dele. Por Bolívia poderia ter sido feito muita coisa que ele não fez. Poderia ter feito. Nem os outros fizeram. Ninguém fez né, porque quando chegam com as promessas, o dinheiro tenta do lado de fora e não deixa. Eu me lembro nos anos...sessenta e... Não, estou falando dos anos cinquenta e dois de Victor Paz Estensoro. Eu tinha só cinco anos então eu era criança. Um tio meu, irmão do meu pai foi ferido nessa revolução do Estensoro. Mas, passou isso, entraram os militares, golpe de Estado, troca de governo, outro, outro. Tive de vir. Eu já tinha uma parte da família aqui nos anos setenta. Não deu tempo de terminar a faculdade. Eu queria terminar lá. Porque depois de formado então ia escolher aonde iria. Porque depois de formado você tem a opção de ir à Espanha, México, qualquer país de *habla* espanhola com o título na mão. Pois os títulos da Bolívia são muito apreciados. Lá a faculdade começa às sete da manhã e termina às sete e meia da tarde as aulas, regime integral. E para não perder horas, as provas são à noite.

Mas, nossa família tinha, terras com minério de gesso. A treze quilômetros do centro de La Paz, um gesso de primeira qualidade. Então, quando eu morava em La Paz eu cuidava

disso, da provisão e tudo mais. Então quando eu mudei para Oruro, ficou com minha mãe e minhas irmãs. Foi parando a fabricação de gesso, até que abandonaram. Mas, ainda estão as fincas. Se quiser voltar, tem que levar dinheiro para comprar maquinário e começar trabalhar de novo esse gesso. Tem muito minério na Bolívia. Embora, o que os mineiros tinham... eram doenças pulmonares. A parcela deles de verdade era essa: doença pulmonar. A média de vida dos mineiros não ultrapassava os quarenta e cinco anos. Os mineiros do interior das minas ficavam com muitas doenças dos pulmões, provocada pelo pó, pelo gás. E não era diferente na época da colônia porque os espanhóis traziam índios até do Equador, da Venezuela para trabalhar com a prata. Na época tinha muita prata no cerro de Potosí. Então eles colocavam os índios aí até que morram. Falam muito da segunda guerra, quando teve o genocídio, mas não falam do que os espanhóis fizeram aqui com os índios. Pouco se fala disso, porque não interessa, uma coisa que não tem mais jeito. A vida já é amarga. Amargar mais para quê? Isto está bom para quem queira pesquisar. Ele vai saber.

O ideal de qualquer pessoa é viver bem. Se você está bem, seu vizinho não pode estar mal. Se você tem um vizinho em condição de miséria, você tem que cuidar bem das suas coisas, para que não ele te venha roubar. Isso acontece em qualquer sociedade do mundo. Não é pensando nesse sentido, sempre quis que todo mundo tivesse uma vida boa. Então é por isso. Se eu estava numa situação melhor. Eu tinha colegas lá que vinham eu pagava a pensão deles, a mensalidade da pensão deles, pois não tinham recursos. Eram do interior e vieram estudar em Oruro, aí eles tinham dinheiro para pagar a vaga deles em algum lugar e eu colaborava pagando alguns meses. Agora esses colegas estão formados. Eles vinham do todo os lugares. Há faculdades que são mais requisitadas do que outras, então essa era muito procurada. Vinham de todo lugar da Bolívia. Depois eu vim pra cá.

Eu tinha acabado de ir de férias a Santa cruz, quando liguei para Oruro me falaram que o meu irmão estava lá, que veio me procurar. Que era para ir urgente a La Paz. Vim a La Paz, e aí o meu irmão falou, vamos, vamos para o Brasil. Como, vamos? É, tem que ir. Eu tinha vindo aqui no início do ano setenta pra buscar as minhas irmãs que estavam de férias, as minhas irmãs mais novas. Aí me falaram para fazer a minha documentação e vir para cá, mas eu não, não... só escutei, não tinha intenção. Até que meu irmão foi lá me buscar. “Vamos, tem que ir, nem que seja com passaporte de turista.” “Por que?” Ele não quis falar. Aí quando cheguei aqui era que ele estava achando que alguma coisa ia acontecer comigo. E fiquei aqui. Quando fui lá na Bolívia em maio – porque fiquei como clandestino aqui, terminou a validade do passaporte, renovei mais três meses, durou até maio de setenta e dois. Então, em maio de setenta e dois eu fui à Bolívia meu tio, irmão da minha mãe tinha morrido. Ele participava da organização... estava organizando guerrilha urbana. Aí eu não pude fazer nada. Toda a família estava assustada, ainda era militarismo, então, fiquei quieto. Voltei aqui, sem fazer nada. Voltei a ir em dezembro deste mesmo ano, novembro, setenta e dois. Daí fui direto na embaixada, fiz requerimento de visto de permanente no passaporte. “Olha, você tem que ter um título de profissional, alguma coisa.” “Ah, eu tenho”. Eu tinha feito um curso de motor a explosão. Não sei apertar um botão, mas eu fiz o curso, passei, aprovei. Fui lá, peguei meu título no Ministério da Educação e estava lá carimbado. No consulado me deram a permanência. Então, eu vim aqui com passaporte já. Já vim lega. Aí eu já tinha vinte e cinco anos.

Nesses dois anos que fiquei clandestino eu tinha um colega dentista, meu tio era dentista, mas tinha um outro colega dentista que tinha um consultório no Itaim Paulista, pra lá de São Miguel Paulista. Bem em frente da estação. Era sócio de um outro dentista. Eu ia passar a semana lá. Aí aprendi a fazer prótese. Meu tio, quando do consultório que tinha lá, montou um outro na Lapa, ele me chamou, porque não tinha protético lá. Eu fui lá e fiquei trabalhando com ele até viajar a Bolívia para tirar meus documentos, depois quando voltei já comecei trabalhar por conta própria como... projetista. Eu era bom protético. Meu tio sempre dia que eu poderia ter feito prótese que estaria bonito toda a vida. Porque dá para ganhar bom dinheiro. Bom, que eu queria trabalhar com projetos. Comecei com projetos de arquitetura, fazia a parte elétrica, concreto armado, tubulações industriais, topografia, essas coisas. E trabalhei como autônomo. A maioria do tempo que estive aqui no Brasil trabalhei como autônomo. Ganhando bem. O tempo que trabalhei registrado acho que não somam cinco anos. Não agora como me aposentar. Tenho que começar pagar. Daí pra frente, a minha irmã tinha aqui um restaurante que chamava Recanto Boliviano aonde eu conheci a Associação de Residentes Bolivianos que se reuniam lá também. Aí me convidaram para assistir um jogo de futebol. Eu fui ver, claro. No Campo de Marte. Tinha lá um campo de futebol. Era feito lá um campeonato de bolivianos. Tudo bolivianos, tosos. Dez clubes! Com dois times, o time A e o time B. O campeonato de La Paz profissional tem oito times, aqui tinha mais. Então a colônia era grande. Você tinha me perguntado... E na época não assim... costureiros. Eram mais técnicos médios e profissionais de nível superior, porque o Brasil, na época do crescimento milagroso aí, na época em que estava captando a dívida externa, aceitava todo tipo de profissional, por isso que eu vim. Então, muitos vieram assim.

Depois de um tempo, se formou uma outra associação, Círculo Cultural Boliviano. Só de profissional universitário. Elitista né, da elite. Eu não gostei. Eu ia me matricular para ser sócio, então sugeri “ porque vocês não se filiam à Associação de Residentes Bolivianos e fazemos um braço, né? “Não! Que vamos nos misturar com esses índios...”, Só porque são universitários já pensam que não são mais índios. Aí me *disgusté*, não ia mais nas reuniões, não me interessei mais e me desvinculei.

Eu tinha um grupo de amigos, que foi formado com meu tio, meu irmão. Tínhamos um grupo grande de famílias enormes. Fazíamos festas sempre, íamos acampar. Quando íamos acampar, às vezes íamos quinze carros, doze carros lotados de gente. E eram barracas, era uma vida muito linda. E depois, aos poucos, o grupo foi se desfazendo. Assim começou a dispersar. Depois se formou outro grupo e assim vai. Só tive assim contatos com grupos de colegas, não da colônia assim, só colegas. Um apresentava o outro.

Com os brasileiros, as relações sempre foram boas. Nunca tive problemas com brasileiros. Sempre me trataram muito bem e eu a todo mundo. Aqui, não se tem tempo para ter amigos mesmos, nem antigamente pior hoje. São Paulo é muito grande, só se for no bairro né. Mas, repara no bairro, quem trabalha não para no bairro, e quem trabalha, final de semana não fica no bairro, vai namorar. Não tem aonde fazer amizade. Você aproveita bem da família. Eu tenho um amigo que pra mim é um irmão. O Toninho. Antonio. Ele é meu amigo. Tenho um par de amigos desta época. Mas esse aí é especial, esse amigo. É como irmão mesmo. Miguel também, é como *mi Hermano*. Ele é brasileiro casado com boliviana. Então, eu nunca tive problemas, sempre tive um bom relacionamento.

De lazer, eu ia muito em sambão nessa. Na época tinha, na Avenida Ibirapuera, a festa de samba, tinha o barracão. Eu morava na Vila Camila, depois na Barão de Ijuí. Paralela da 23 de Maio entre o Viaduto Condessa de São Joaquim e o Viaduto Pedroso, na Liberdade. Morei um ano e meio, mais ou menos. Depois me mudei à Peixoto Gomide, perto da Paulista, onde morei por vinte e cinco anos. Depois vim pra cá. Eu ia muito em terreiro de samba, como gostava de samba, porque gostava né. O que eu gostava era das mulheres daqui. A timidez ia embora. Não sei sambar direito, mas eu achava que estava sambando. Mas era alegria. Eu ia e levava a namorada. Nunca fui sozinho. Namorada brasileira, senão... boliviana não sabe sambar. Eu nunca namorei boliviana. Achava mais interessante a mulher brasileira. Mias bonita. Cheia de coisas positivas. Muito alegre, não faz cara feia. Boliviana é muito ciumenta. Ela não, a brasileira é muito compreensiva, leva na esportiva. Ela não gostou, ela despacha assim alegre. Boliviana não. Brasileiro é muito alegre. Muito bom, muito bom. Nunca tinha visto pessoa assim, com esse estilo de personalidade. Se vê chilenos, peruanos, uruguaios, tal..., compara com brasileiro, não chega perto. Olha, brasileiro, eu tiro chapéu pro brasileiro, tem um caráter muito bom. Muito compreensivo. Só não acompanha a discussão no futebol. O resto... vai embora.

Eu morava com a minha mãe, meu pai, irmãos. Porque foram chegando aos poucos. Depois, para juntar toda a família, alugamos um apartamento na Peixoto Gomide. Um apartamento grande. Nos mudamos para lá e chamamos todo mundo. Foi antes de me casar, bem antes. Quando mudei pra Peixoto Gomide eu tinha... anos setenta e quatro. Não, não foi tanto tempo lá. De onde que eu tirei vinte e cinco anos? Estou mal da cabeça. Eu cheguei aqui no ano oitenta e oito... Setenta e quatro para oitenta e oito são quatorze anos... Da onde que eu tirei vinte e cinco...?

Conheci a minha esposa, ela estudava com *mi hermana*. Faculdades Farias Brito. Faculdade de Arquitetura de Guarulhos. Agora é Unigarulhos. Universidade de Guarulhos. E, elas faziam arquitetura e ela vinha junto com *mi hermana*, e fomos nos conhecendo e com o tempo fomos namorar. Foi assim que eu conheci ela. Agora já temos três filhos e três netos. Avô safado. A minha netinha me falou avô safado. Tem três aninhos.

Eu trabalhava como autônomo. Mas, no ano noventa e sete eu fui trabalhar numa empresa que fazia o gasoduto Bolívia-Brasil. Um trabalho mecânico e só. Aí era um regime de escravidão. Das sete da manhã as onze da noite. Só com uma hora de almoço, só. E sábado e domingo. Domingo eram seis horas de trabalho. E quando recebíamos o vale do pagamento nos liberavam de sexta-feira até segunda-feira de manhã. Então, a cada quinze dias nós podíamos viajar pra a nossa cidade. Aí eu reclamei “cadê a minha hora extra” ? “Não, você não ganha hora-extra, vocês são mensalistas.” “Como? Mensalistas também ganham hora-extra!” “Aqui o mensalista não ganha hora-extra. O horista que ganha hora-extra.” Nós trabalhávamos mais hora-extra que horário normal. Aí eu falei no departamento pessoal e eles me disseram “se você não recebeu hora-extra no primeiro mês. Por que você continuou fazendo hora-extra? Você é um otário.” Aí na semana seguinte eu saí as quatro da tarde, que o horário de sair era quatro da tarde. Arrumei minha maleta e to indo embora, tchau. Quando foi na outra semana: dispensado. “Carlos, passe no departamento pessoal.” “Por que?” “Está dispensado.” “Qual é o motivo?” “O seu horário.” “O que é que tem o meu horário? Estou fazendo o meu horário normal de trabalho.” “Está sendo um mal exemplo pros outros.” Daí eu fui lá assinei tudo e anotei que não me pagaram as horas-extras. Em tudo em que eu assinava eu escrevia isso. Então eu fui lá falar com o chefe, o argentino, e falei né, que tinha sido dispensado por isso, que não tinham me pago a hora-

extra. Aí então ele foi lá ver. “Porque na lhe pagaram a hora-extra?” “Porque eu era mensalista.” “Ah, mensalista. Você não sabe nada da CLT.” “Eu vim aqui no Brasil, a primeira coisa que fiz, para não cometer erro, foi saber dos direitos trabalhistas. Os meus direitos civis como cidadão, nas coisas que tenho que fazer aqui pra não entrar em fria. Você que é gerente de uma multinacional tinha que saber as leis trabalhistas, a CLT. Eu sou estrangeiro, eu tenho que saber aonde estou pisando para não cometer erros. Assim como eu sei como não cometer erros, eu sei dos meus direitos também.” “Você não tem direito nada. Se você quiser reclamar pode reclamar. Só que você sabe, se você reclama... tem uma lista.” Eu sei, falei, só que nunca escutei. Se eu estivesse com um gravador, você estava ferrado. Mas não tenho como provar. Mas, tudo bem. Nos vemos na justiça.” Aí fui lá no ministério do trabalho. Falei com a delegada do trabalho, mandou fiscalização. Viu que estavam trabalhando nesses horários. Cravou umas multas pesadas e fez um termo de conciliação onde o advogado deles lá da firma me chamou de estrangeirinho de merda... Era brasileiro. Ainda falou “seu documento está no protocolo.” Claro que estava. Cada seis anos seu documento tem que ser revalidado. Então você deixa o original e leva um protocolo. Aí a delegada do trabalho falou “se ele está irregular, vocês estão mais irregulares ainda...” Aí eu disse “não tem como, por que não desiste agora? Só vai fazer gastar dinheiro a empresa que te contratou. Seja mais honesto e desista. Eu já conheço as leis.” Bom... ganhei a causa.

Aí, fui procurar... Nesse meio tempo eu tinha muito contato com que contratava para serviços de instalação elétrica. Predial, residencial, não industrial. Porque eu não tenho CREA de eletricitista para poder fazer. E serviço de topografia e tudo mais. Quando uma vez estava voltando de Araçatuba parei em Sorocaba e estavam precisando de topógrafos para a Via Oeste. Fui lá. Deixei currículo, me chamaram. Comecei trabalhar lá. Fiquei dois anos. Saí de lá. Cadê os contatos? Noventa e oito, noventa e nove...cadê os contatos? Então comecei passar mal. No ano dois mil consegui... não, no ano dois mil estava bem ainda e consegui alguns servicinhos esporádicos.

Aí em dois mil e um...esse colega Antonio, esse Toninho que eu falo como meu irmão me disse “Carlos, você está tão mal e você faz umas salteñas boas. Tem uma feira de bolivianos. Por que não vai vender salteñas lá?” Ele conhecia e eu não conhecia. “Ah não”, eu disse. “Não tem ninguém que vende salteñas. Vamos lá, eu te levo.” Aí me levou. Fomos um dia, não tinha com quem conversar, o responsável não estava. Fiquei três domingos procurando e não achei. Assim que o Toninho falou “faça umas salteñas, leva lá, vamos montar lá em qualquer lugarzinho.” Aí fui lá, ele insistindo. Ai falei com um vendedor lá “eu quero vender salteñas. Onde posso me colocar?” “aí naquele cantinho.” Tinha um cantinho de um metro e vinte. Cabia uma mesinha dessas de bar, pra por a estufa, era uma estufinha a gás, eu levava as salteñas já assadas aqui em casa né, só para esquentar na estufa, manter quente, e uma cadeirinha. Minhas coisas ficavam na Belina. Tinha uma Belina. Tinha grades atrás também. E ela ficava parada numa sombrinha. Depois, no outro domingo apareceu o presidente dessa associação. Não se sabia bem se era cooperativa, se era... era um grupo de vendedores. Estavam mais ou menos organizados, tinha presidente, vice-presidente e tesoureiro. O tesoureiro todo domingo ia arrecadar um Real de cada um para pagar uma pessoa que fazia a limpeza. Tudo bem. Aí estava eu um mês, mais ou menos, nessa feira, e veio uma notícia que os amigos do bairro estavam fazendo um abaixo-assinado para tirar a feira do lugar. Era onde tem a Igreja Santo Antonio do Pari. Uma

pracinha chamada Padre Bento. Era ali a feira. Então tinha um abaixo-assinado, porque os bolivianos estavam provocando muito transtorno no bairro. Bebiam e sujavam as ruas, as portas das casas, sabe como é bêbado né. Mas, os bêbados não eram produtos da feira. Porque a feira estava rodeada de barzinhos. Então os bolivianos vinham lá beber com confiança. Sabiam que estava ali cheio de bolivianos. Bebiam, mas não eram produto da feira. Não vendíamos bebida. Mas, incomodava. Então nos mudaram. Então, a Regional, a Administração Regional da Sé, que na época não era sub-prefeitura numa reunião lá no salão da igreja a todos e nos disse que a situação era essa, que tinha um abaixo-assinado pra sair de lá feira, que foi aprovada a mudança, tínhamos que sair de lá. Então... o que que tínhamos que fazer para mudar? Constituir uma associação com CNPJ com tudo. Então fomos indo... tinha um tal de mineiro do sindicato do camelôs que queria fazer uma associação lá, para não pagar impostos..., queriam dinheiro. Ele pintava a coisa como se fosse a coisa mais difícil. Então, não fizemos caso dele e contratamos uma contadora e fizemos uma associação. Eu contratei uma contadora indicada por uma associada. A associada falou: Carlos, temos que ter pressa, contrata um contador. Aí fizemos. Foi uma luta conseguir a documentação de cada feirante. Tinham que estar com o documento em dia. Bom, conseguimos, na data, um número suficiente que nos pediram para abrir uma feira, setenta pessoas. Na data, todos com documento legal. Aí esperamos pelo documento legal e nada, nada e nada. Eu pensava em fazer a festa de inauguração da feira. Esse ano tinha que ser legalizada a praça. Dia vinte e dois de dezembro ia fazer a festa de natal onde ia lançar a feira, e correu o boato que ia lançar a feira. Já nessa época já era sub-prefeitura, então fiquei muito amiga da sub-prefeita, pois era todo dia que eu estava na sub-prefeitura na Sé. E cadê a nossa regularização da feira? Nunca, nunca. Então não foi possível para o dia vinte e dois. Tanto que a sub-prefeita mandou uma assessora a reclamar comigo. Como vamos inaugurar a praça se nem convidamos eles. Eles que tanto fizeram por nós. Que toda vez que nós tínhamos acontecimento era só pedir num ofício um palco, banheiros químicos, segurança, guarda municipal e nos atendia, mandavam banda, tudo. Nós éramos a menina dos olhos dessa sub-prefeitura. Porque fazíamos folclore... e nada de regularizar. Passou dezembro, nada, janeiro, nada, fevereiro, nada, e eu pretendia fazer o carnaval, aliás o carnaval eu já estava preparando desde novembro... e a feira estava acontecendo cada domingo, mas, clandestina. Eu já tinha planejado fazer o carnaval boliviano. Eu era tesoureiro da Associação. Na minha primeira gestão eu fui segundo tesoureiro. Depois eu me tornei o tesoureiro efetivo. Na verdade o presidente só assinava o que eu fazia. Nunca teve uma idéia dele assim. Então nós fomos na sub-prefeitura falei para a assessora já lançamos propaganda que vamos fazer o carnaval inaugurando oficialmente a feira. Isso era uma semana antes do carnaval. Na semana do carnaval, era segunda-feira e o carnaval ia ser no domingo. Quando lhe falei que a papelada não tinha chegado, ela pegou o telefone e perguntou a alguém “O quê que está pegando aí? Por que é que não está no Diário Oficial está feira? Eles nos passaram o programa... Eu quero esta feira no Diário Oficial até sexta-feira.” sexta-feira estava pronto. Aí inauguramos o primeiro carnaval boliviano com a feira legalizada. Em março de 2003. A partir de aí foram desenvolvendo todas as atividades com mais tranquilidade. Quando fomos pra a feira, fizemos padronização de barracas, mais bonito. E começou funcionar bem. Tinha pessoas que falavam que eu era o dono da feira. Quando vinham reivindicar alguma coisa absurda eu discordava, coisa que não tinha lógica. Para mim é mais a lógica que o coração. Primeiro vem a lógica depois o coração. Então foram acontecendo outras festas também. Dia das crianças, dia das mães, dia de La Paz, Dia Cochabamba, sempre fazemos, está no calendário. No dia das mães damos prêmios

prás mães. Fazemos uma vaquinha, Pegamos doações de instituições e na feira lá no palco chamamos as mães que têm mais filhos, mais *mayores*, e vão ganhando prêmios. Não é rifa nem nada, são prêmios. A mãe mais alegre. Para quem está com vestido típico. E dia das crianças também, fazemos uma fila com as crianças para receber os presentes. A LDB vem fazer campanha odontológica. Eles montam um stand com vídeos sobre cuidados com os dentes. Depois disso entram na fila para pegar brinquedos. E na festa do final do ano também são dados presentes para as crianças. No Natal. De vez em quando fazemos um sorteio. Faz umas duas semanas fizemos um sorteio de uma passagem aérea de ida e volta para a Bolívia. Uma senhora com uma criancinha ganhou, uma pessoa que necessitava muito... me emocionou...

Eu, da minha parte nunca tive nenhum tipo de discriminação. Uma vez tive, mas por parte de um chileno. Um chileno me perguntou que de bom tinha na Bolívia. Pediu pra contar as coisas boas da Bolívia, comecei a contar. Então um outro projetista lá estava escutando... Não,... era brasileiro. O chileno tinha feito a pergunta. Aí o brasileiro falou. Não era discriminação, foi um comentário meio desagradável. O brasileiro falou, “Ta bom,... então porque não ficou lá? Por que veio aqui?” E eu respondi bem rápido, “Fiquei aqui por causa das mulheres, a mulherada daqui é fácil.”... Eu me arrependi de ter falado isso. Não é nada disso, mas eu tinha que falar alguma coisa. Uma provocação. Ele ficou quieto, mas, mas ficou com uma bronca!

No inicio sentia saudades da Bolívia. Sentia saudades mais das amizades, das comidas, da música. Mas, depois vai acostumando. Eu fui na Bolívia faz dois anos, fiquei quase um mês. Mas passeando direto. Talvez se eu ficasse lá uns três meses eu sentiria a falta de movimento daqui. Aqui mesmo, quando ia trabalhar no interior, sentia falta do movimento de São Paulo. Saudades de São Paulo. Da cidade de São Paulo. Cidade é uma cidade muito linda, muito cosmopolita. Tudo que você quer encontra. Tem de tudo aqui em São Paulo, é uma cidade bonita. Não sei por que falam do Rio de Janeiro cidade maravilhosa, São Paulo que é. Rio é uma cidade linda, mas maravilhosa é São Paulo. Uma cidade linda, muito acolhedora. Acolhe tanta gente que vem do norte. Só São Paulo mesmo tem capacidade de acolher tanta gente.

Uma coisa curiosa. Quando fomos na praça. Quando localizamos a praça. Fomos lá na administração regional da Sé e falamos vamos ficar nesse local aqui, nessa praça. Aí eu abri um mapa, não tinha praça ali no mapa, não tinha. Não aparecia nem como área verde. Não constava a praça. Aí levamos o administrador lá, na própria Kombi da prefeitura. Ele queria ver. E como não constava no mapa, fizemos uma reunião para dar um nome à Praça. Alguns queriam que se chamasse Nossa Senhora de Copacabana, que é a padroeira da Bolívia, outros queriam Praça Bolívia, outros queriam Praça La Paz. Eu falei espera um pouco. Se colocarmos Nossa Senhora de Copacabana, aqui o brasileiro é muito devoto de Nossa Senhora de Aparecida, vai criar conflito, e nós não viemos aqui para buscar conflito com o povo daqui. Praça Bolívia também vai criar conflito, La Paz também. Vamos colocar um nome que todo boliviano sabe e que ninguém vai achar ruim... Kantuta. Kantuta é uma flor símbolo da Bolívia, tem as cores da bandeira. E batizamos de Kantuta. Quando fomos na Praça, no primeiro domingo, dia dois de junho, já mandamos fazer duas plaquinhas e colocamos ali na parede: Praça Kantuta. O nome foi oficializado. Então eu entreguei o meu cargo. Missão cumprida.

A I M A G E M

O IMAGÉTICO NA TRAVESSIA

Aproximo-me da imagem através das manchas, estigmas, cicatrizes, deixadas no corpo de quem atravessa. A pele é manchada, cortada, retalhada, nessa travessia. E são as imagens que a mostra assim. A película filmográfica e fotográfica tinge-se com as cores da travessia, da migração. E quando não é a película, é a tela, o papel. Mas, também estamos falando da imagem do real, e da imagem imaginada, antes de ir parar em qualquer suporte. Aquela imagem antes da imagem de que nos fala o crítico de cinema José Carlos Avellar (2000) quando afirma que o cinema já existia antes do cinema – consoante com a imagem poética de Bachelard que vem “antes do pensamento”.

As frágeis travessias nos cayucos

*“Disculpe el señor si le interrumpo,
pero en el recibidor hay un par de pobres que
preguntan insistentemente por usted.*

*No piden limosna, no... Ni venden alfombras de lana.
Tampoco elefantes de ébano. Son pobres que no tienen nada de nada.*

*No entendí muy bien si nada que vender o nada que perder,
Pero por lo que parece
Tiene usted alguna cosa que les pertenece.*

*¿Quieres que les diga que el señor salió...?
¿Que vuelvan mañana en horas de visita...?*

*Disculpe el señor, se nos llenó de pobres el recibidor
y no paran de llegar
desde la retaguardia, por tierra y por mar.*

*Y como el señor dice que salió y tratándose de una urgencia,
me han pedido que les indique yo por donde se va a la dispensa,*

*y que Dios se lo pagará. ¿Me da las llaves o los echo? Usted verá
que mientras estamos hablando llegan más y más pobres
y siguen llegando.*

*¿quiere usted que llame a un guardia y que revise
si tienen en regla sus papeles de pobre...?*

*Disculpe el señor pero este asunto va de mal en peor.
Vienen a millones y curiosamente, vienen todos hacia aquí.*

*Traté de contenerles, pero ya ve, han dado con su paradero.
Estos son los pobres de los que le hablé... Le dejo con los caballeros
y entiéndase usted...*

*Si no me manda otra cosa, me retiraré. Si me necesita, llame...
Que Dios le inspire o que Dios le ampare, que esos no se han enterado
que Carlos Marx está muerto y enterrado."*

(Juan Manoel Serrat, *Disculpe el señor*)

A travessia é ao mesmo tempo uma expressão que confunde a travessia real dos imigrantes africanos subsaarianos em seu deslocamento rumo à Europa e a travessia enquanto noção que transita na pluralidade cultural em contextos móveis. Ou seja, a convivência dessas singularidades irredutíveis e complexas e a revelação desses seres humanos encarnados se dá em contextos dinâmicos. O imigrante africano se move pelo território e também o estatuto do espaço se altera. A própria presença dele em territórios de passagem (o deserto, o mar, os espaços que margeiam as cercas de contenção, as casas de ajuda ao imigrante) modifica o território. Portanto, essa análise ao levar em conta o imprevisível e o inevitável envolvidos nos deslocamentos dos imigrantes africanos subsaarianos por esses espaços certamente de violência, mas, às vezes, alvissareiramente, também de concerto, focaliza a própria configuração da pluralidade cultural nesses contextos moventes: a travessia.

Porém, como já dissemos acima, a travessia abriga fragilidade, porque a esperança, que incita à travessia, está permeada de necessidades, medos e preocupações, e remete ao deslocamento desse grupo de imigrantes através do deserto, do mar e da Península Ibérica. Mas ao mesmo tempo trata-se de uma pessoa total, individual, com nome; experiência de indivíduos que elaboram e reelaboram seu próprio tempo e espaço. Fragilidade também como metáfora da transitoriedade da identidade e das relações que se estabelecem nesses ambientes móveis.

A tragédia dos numerosos mortos nos naufrágios das travessias pelo atlântico e o fato de que as ordens de expulsão contra eles são impossíveis de cumprir porque seus Estados se negam a reconhecê-los com cidadãos, têm colocado os subsaarianos entre os imigrantes mais fragilizados. Quando se dispõem a abandonar seu país de origem, se

defrontam com a inexorável situação de uma travessia sem retorno. Tornam-se habitantes permanentes dos espaços fronteiriços. Isto condiciona e complexifica a questão da identidade cultural. A identidade cultural do imigrante subsaariano já não estaria mais em crise porque se desloca (Hall, 2005), mas o próprio deslocamento a constituiria. Não é apenas mais um imigrante em terras estrangeiras, mas, um clandestino fugindo muitas vezes de massacres e genocídios, sem direito ao retorno, do qual o sentimento de pertença foi de todo arrancado. Entre o olvido e o futuro, senegaleses, nigerianos, gambianos, se debatem com a marca que lhe é imposta de imigrante clandestino.

No percurso entre um e outro destino provisório, se forjam os relatos de jornada dos imigrantes desde a partida do seu país de origem, sua permanência nas “terras de ninguém” dos territórios de fronteira, a travessia do atlântico em abarrotadas embarcações, sua clandestinidade, seu deslocamento pelo país anfitrião até seu “estabelecimento” em suas antigas metrópoles coloniais.

Porém, cada etapa da travessia é única em suas necessidades, medos, preocupações, assim como em possibilidades de lugares de concerto e compreensão. E é justamente uma das características da travessia é que elas ocorrem “em meio”. Não somente no espaço físico, mas também entre o imigrante e a nação anfitriã. A nação anfitriã também é obrigada a “atravessar”, isso se revela mesmo no grande esforço que faz para assegurar que as frágeis travessias do imigrante sejam algo mais seguras, ou que este não venha a colocá-la em colapso.

Entretanto a fragilidade da travessia do imigrante revela conseqüências paradoxais: ao mesmo tempo em que o expõe a uma situação de abandono, hostilidade e estigmatização, possibilita trocas menos direcionadas pelas políticas de imigração, mostrando-se saudavelmente contrária a um ambiente de fixidez da identidade cultural (Hall, 2003).

O caso do imigrante subsaariano, em sua frágil travessia, talvez represente bem este modelo apresentado por Brünner: está em permanente deslocamento. O subsaariano ainda não se estabeleceu, aliás, ele continua num movimento semelhante ao vaivém da sua primeira embarcação, que ora se projeta, ora retroage, formando a si próprios como sujeitos nos entre-lugares (Bhabha, 2005) onde o deslocamento, a travessia passam a constituir o cerne de sua própria identidade. O que pode uma cultura representada por uma identidade

cultural em trânsito, que se instaura no trânsito, frágil e segregada diante da potência da cultura anfitriã?

Frágeis travessias: o corpo que atravessa o oceano talvez atravessasse bem mais que as águas turbulentas do Atlântico. O que talvez essa experiência atravessasse seja as fronteiras culturais no contemporâneo. Nestas situações, o habitante do país anfitrião também é convidado, ou até mesmo dele é exigido que também atravesse. Atravessar e habitar: eis o desafio, o constante movimento da migração contemporânea.

O imigrante africano, especificamente o subsaariano é visto no país anfitrião como “O” imigrante por excelência, pois, além de ser imigrante, é clandestino e negro. Que carrega em si a ainda a vergonha de ser pobre.

Podemos então falar da vergonha de ser imigrante. Embora seu número não seja superior a 100 mil, representando hoje cerca de 4% do total de imigrantes na Espanha, os imigrantes subsaarianos são ultimamente muito abordados pela mídia pelos sofrimentos e a tragédia que envolve sua travessia. Sua pessoa está exposta numa massa homogênea que representa um projeto de nação que ele sente que não deu certo. O imigrante é representante de uma cultura da qual ele é obrigado a emigrar. É obrigado a arriscar-se porque não tem nada o que perder. E não ter nada que perder pode ser vergonhoso. Não por algo que ele tenha feito, mas por algo que ele é.

A fragilidade da travessia continua sendo numa constante até nos momentos em que o deslocamento demográfico se interrompe temporariamente. Por um lado está a condição de imigrante, clandestino, ilegal, sem documentação, de outro está a sociedade anfitriã, ora disposta, ora hostil ao imigrante africano que entra clandestinamente no território espanhol. Fragilidade paradoxal, pois, reflete a constituição deslocada, descentrada da identidade cultural dos imigrantes, que não atravessa somente espaços e fronteiras, mas atravessa uma pluralidade cultural complexa. Ou seja, a fragilidade cultural é uma constante no deslocamento.

Ao denominar frágeis estas travessias, como também acontece no caso dos bolivianos que rumam ao Brasil, não estou supondo que a identidade cultural dos povos que cruzam as fronteiras sejam fracas se antemão, mas sim que se encontram em perpétua condição de fragilidade em seu percurso. Uma fragilidade que, como na diáspora (Hall), pode possibilitar a troca, o hibridismo e o sincretismo, onde os homens, usando a metáfora

de Salman Rushdie vão se “traduzindo” em outros homens por sua porosa condição. Ou, outras vezes, esses mesmos homens “choram” lembrando-se de “Sião”, como poetisa o salmista hebreu. Por outro lado essa mesma fragilidade, contingência da travessia, coloca o imigrante em risco de destruição física e anomia que desembocariam nas denominadas “identidades defensivas” (Castells, 2002: 84), quando o destino, que não pode ser mais o paraíso, não se torna nem mesmo um abrigo temporário.

A Película manchada

Em certa ocasião uma menina branca fixa Fanon com o olhar e a palavra ao voltar-se para se identificar com sua mãe...: “Olha, um negro... Mamãe, olha o negro! Estou com medo.” “O que mais me restava”, conclui Fanon, “senão uma amputação, uma excisão, uma hemorragia, que cobriu todo o meu corpo de sangue negro”.

(Homi Bhabha, *O Local da Cultura*)

“Difícil fotografar o silêncio. Entretanto tentei.”

(Manoel de Barros, 2000)

ELES ATRAVESSAM,

vêm aos milhares e chegam de todos os cantos, por terra e mar. Alguns sorriem na chegada, sorriem para a foto: alegria, chegaram! Depois do frio, da privação, do medo, sorriem. Mesmo sabendo que não poderão ficar, mesmo sabendo que se estão sendo fotografados significa que não poderão ficar. A presença de fotógrafos: são agora visíveis. Uma visibilidade ao mesmo tempo desejada e indesejada. E o corpo que atravessou, atravessou a mancha, o mar. O espaço que o corpo atravessou não é visível, mas, ao mesmo tempo, é espantosamente visível: O espaço fora da imagem. A presença deles indicam que virão mais e mais... Meio amontoados, vestem roupas de frio. Conseguiram vencer o mar na frágil embarcação. 800 Km. desde a Mauritânia. Agora o mar azul, o bom tempo e uma corda arrojada da embarcação da guarda costeira espanhola. Uma corda como fronteira, como prisão, como laço? E agora? As cores alegres do cayuco africano. As estampas, o azul, os símbolos. A madeira trabalhada a mão que resistiu bem. Contrasta com o austero barco da guarda costeira. Imagens a partir do porto, das câmeras de vigilância, do anfitrião. Imagens das histórias de vida, feitas de fora da vida. Espectadores da vida? Mas a imagem pode escapar ao controle.

Imagem 3

A CASA que abriga os sonhadores, construída nessa imensa terra de passagem. Abrigos provisórios para homens provisórios. Mas mesmo assim casas. Edificadas sobre a brisa ou sobre o orvalho, mas mesmo assim casas: com mesas, catres, tetos, frascos, baldes, varais, roupas, cães. As vigas não afundam na terra são colunas fincadas quase no ar. No ar e nos sonhos, talvez dissesse Bachelard. E seus habitantes são também habitantes oníricos, mas ao mesmo tempo, de carne e ossos. “...uma frátria é comum aos peregrinos, ainda que esta frátria seja temporária e frugal”(Ferreira Santos, 2004: 167).

Imagem 4

O ESPAÇO,
espaço ou não-espaço, atópos, utopos, espaço de fuga, uma borda no espaço temporal uma excisão. Um não lugar habitado por espectros. O espaço vazio por excelência. Mas também lugar de travessia e de esperança(?) para os que o superam. Por quê desejam pular para o lado de cá? O que querem fazer do lado de cá? Não tem nada aqui, está vazio. Vocês não merecem perdão, principalmente, por enxergarem algo aqui que nós, há muito não vemos. Imperdoáveis, porque nós, se pudéssemos, já tínhamos abandonado este lugar para onde vocês rumam. Não há nada aqui para vocês e nem para nós. Apenas silêncio do lado de cá da cerca. O que desejam deste mundo em ruínas?

Imagem 5

OS VESTÍGIOS

dos corpos, ou talvez os corpos mesmos, sua presença e pedaços, cheiros, manchas, sangue, sujeira dos caminhos. Não são apenas camisas, panos, luvas, calçados, mas são objetos da ausência-presença dos corpos. Coisas vivas. Sacramentos: memórias. Abriram um vão e passaram por aqui, a despeito das lâminas, a pesar das lâminas, por causa delas.

Imagem 6

A MÃO talvez deslize cuidadosamente sobre as sobrancelhas. O corpo se mostra: remendado, costurado, suturado. A pele expõe os talhos deixados pelas eficientes farpas afiadas do arame da cerca. O corpo atravessa e é atravessado. Deixado aberto para logo ser novamente atravessado para fechá-lo, suturá-lo. “Em certa ocasião uma menina branca fixa Fanon com o olhar e a palavra ao voltar-se para se identificar com sua mãe...: ‘Olha, um negro... Mamãe, olha o negro! Estou com medo.’ ‘O que mais me restava’, conclui Fanon, ‘senão uma amputação, uma excisão, uma hemorragia, que cobriu todo o meu corpo de sangue negro’”(Homi Bhabha, *O Local da Cultura*). O olhar. O olhar que já viu tudo: antes, durante e, agora, depois da jornada, talvez contemple ainda mais desolação.

Imagem 7

QUE LUGAR

exatamente é este? Onde precisamente eles encontram arrimo? Onde pousam os pés? Poseidon os poupa, os acolhe, os ampara preguiçosamente sobre o abismo. Mas apenas por um instante, um momento de graça imediatamente antes de serem totalmente tragados. Pouco adivinhamos da submersa embarcação amiga que os abrigou até aqui. Ela se despede nas águas. A imagem os salva da morte. Se estão sendo vistos estão salvos! Mas, salvos para o quê? De qualquer forma, salvos.

Imagem 8

O VISÍVEL

e o terrivelmente invisível.

Imagem 9

FANTASMAS

Europeus impotentes! “Será que não previam que sua própria história ia acabar voltando para assombrá-los?” (Rushdie, 2006: 335).

Imagem 10

NAS PRAÇAS as câmeras de vigilância captam o deambular. Não flanam, não passeiam, nem se dirigem apressados para um compromisso, simplesmente estão. E vieram para ficar. São os estranhos que “ficam e recusam-se a ir embora (...), escapando teimosamente da rede de regras internas e permanecendo assim estranhos. Não são visitantes: aquela mancha de obscuridade sobre a superfície transparente da realidade diária, que se pode suportar, esperando que desaparecerá amanhã (embora ainda pudesse alguém ser tentado a lavá-la imediatamente). Eles não usam espadas; nem parecem esconder punhais nas fímbrias dos mantos (embora nunca se possa estar certo quanto a isso). Não são como os inimigos declarados que levam alguém sacar da espada (ou pelo menos é isso que dizem). Todavia não são como os próximos. Na verdade, não se pode evitar ter consciência de sua presença, vê-los, ouvi-los e cheirá-los, mesmo falar a eles ou ser abordados por eles ocasionalmente. Mas os encontros são bastante breves e casuais para se poder tomar firme decisão classificatória e, ademais, há muitos deles vindo e indo.” (Bauman: 2003: 175)

Imagem 11

NÉSCIOS

que construíram sua casa sobre as águas? Uma parte sobre a areia, outra nas águas e ainda outra no ar. Que casa é esta? Desenhos coloridos no casco: uma embarcação alegre, ligeira. Mas, onde estão seus ocupantes, seus habitantes? “... poeticamente o homem habita...” Poesia é deixar-se habitar,... poesia é um construir...Essas construções oferecem ao homem um abrigo. Nelas, o homem de certo modo habita e não habita...”(Martin Heidegger, Ensaaios e Conferências).

Imagem 12

O APARECER:

e eles apareceram numa praia qualquer entre banhistas e os que tomavam sol, descansavam e brincavam na areia. Quem eram aqueles homens que chegaram e se deixaram cair semimortos entre os veranistas? Eles eram os imigrantes, os estrangeiros, os africanos, os negros. Vinham de um outro lugar, um outro mundo. Uma aparição.

Imagem 13

Imagem 14

Imagem 15

Imagem 16

A imagem invisível

...o que é invisível é mais importante do que é visível

(Walter Salles, Caderno Mais! 2006)

Em qualquer forma, e suportes, são imagens que se erigem em simulacros, no sentido controverso e polêmico analisado pelos filósofos, o italiano Mario Perniola e o francês Jean-Baudrillard. Baudrillard expõem e condena o simulacro, como imagem substituta do real, como estratégia ardilosa da dimensão simbólica do capitalismo tardio. Seu intuito é demonstrar seus mecanismos para assim motivar uma subversão, uma implosão desde dentro da própria imagem. Perniola procura resgatar o simulacro como a única condição de uma restituição do valor da imagem e como valor disputado historicamente e instaurado na modernidade a partir dos movimentos iconoclastas e iconofílicos do final da idade média. O simulacro assim seria uma espécie de imagem constantemente antes da imagem, uma imagem sem suportes, sem original, escorregadia, sempre em movimento, sempre remetendo a outra imagem, como um espelho diante do outro.

A imagem antes da imagem também aparece no processo de criação artística do pintor Francis Bacon. Nesse caso, é a fotografia que é usada como modelo. Bacon não aborda o real, mas realiza sempre suas pinturas a partir de imagens fotográficas. Buscando nessas imagens uma maior proximidade com o “fato”. É assim que Bacon pinta os corpos, os deforma para extrair dali um real além do real. Não uma ilustração, mas um fato, que se mostra inteiro nessa imagem da imagem. A aparência do real, uma supra-realidade, revelada na fotografia e no filme.

Esse uso da fotografia em Bacon se assemelha ao que utilizo nessa pesquisa. A fotografia como descrição densa não se trata apenas de uma imagem artística, mas bem, de uma imagem híbrida: é uma imagem arte-fato. Que é, ao mesmo tempo, via de revelação das relações sociais e produto do imaginário. Como se a fotografia tivesse duas personalidades, uma documental, descritiva, etnográfica e outra com duplos sentidos, com ocultações, com os significados das sombras que decodificam o mundo da luz, com a

presença das manchas que confundem, formando e deformando as aparências. Nesse caso a imagem fotográfica já não está mais a serviço da etnografia, mas se constitui ela própria um universo etnográfico próprio e denso. É assim também aqui, quando uma fotografia se aproxima do fato e se transubstancia num outro elemento. Como em Bacon, que transforma imagens fotográficas em corpos dilacerados, assim também na descrição densa, essas fotografias se transformam em narrativa, em relato, por vezes igualmente dilacerados.

A imagem que se insere no domínio de uma etnografia visual, como a registrada pelo fotógrafo e etnógrafo Pierre Verger, é a imagem que fixa os fatos que não temos tempo de ver. Imagem ao mesmo tempo hierofânica e selvagem. Roseane de Andrade em *Fotografia e Antropologia* (2002: 106) nos fala que as fotografias para Verger é uma maneira de olhar para aquilo que não aparece, porque elas “fixam o que não temos tempo de ver. A máquina é uma extensão dos olhos, é um instrumento da nossa percepção, uma forma de captar com sensibilidade o que o outro também tem de sensível, o que o outro tem de invisível.”

Uma compreensão hermenêutica circular no sentido aplicado por Gadamer, detalhada na introdução desse texto, busca na imagem a sua inclinação para o devaneio, para a densidade etnográfica, uma recorrência que vai ao fato e desprende-se dele num movimento contínuo, em uma palavra, através da sua vocação poética. Imagem poética nos diversos sentidos conferidos por Bachelard em *A Poética do Espaço* e *O Ar e os Sonhos*. A fotografia que se aproxima do fato, como aquelas de que se utiliza Bacon para realizar sua transubstanciação torna-se selvagem e hierofânica como em Pierre Verger, e ao mesmo tempo, é imagem devaneio, densa, hierofânica e intercessora.

A imagem simulacro e imagem memória são poéticas, segundo Bachelard (2003), quando não nos confere o passado de sua imagem, não o entrega. No entanto, ela se enraíza completamente em nós. Imagem memória (Bosi, 2004), que se enraíza, no concreto, no espaço e nos objetos humanos (a memória da imagem flutua junto com o cadáver do africano afogado); o passado impregnado nos vestígios abandonados na cerca de contenção. Imagens que comunicam, surpreendem e suscitam adesão por sua novidade, fazendo-nos participar no alhures e algures do seu advento (no caso de Bacon, irrompem num outro elemento, uma cria dessa imagem, que são suas próprias pinturas de corpos deformados, dilacerados). A fotografia (e também o filme) na descrição densa – que chamaremos aqui

sucintamente apenas de imagem – é essa imagem que emerge repentina, é “chama do ser na imaginação”, nas palavras de Bachelard (2003: 2). É ato poético que repercute, como na figura cara ao círculo hermenêutico da pedra lançada à água. Fugindo da causalidade, a imagem poética emerge diretamente do ser do homem, de suas camadas sensíveis, e ecoa, dissipando sua ressonância no tempo. Entretanto, a imagem poética “não é eco de um passado. É antes o inverso: como a explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa de ecos e já não vemos em que profundezas esses ecos vão repercutir e morrer”(2003: 2). Por isso, ao falarmos de imagem poética, também falamos, junto com Ecléa Bosi, de imagem memória. Imagem densa que arranca a substância social da memória, onde a razão (que não a sensível), vacila, gagueja e não sabe se expressar (2003: 17). Imagem memória que capta nos olhares e expressões faciais as esferas de poder e de influência, assim como a fragilidade de um grupo (os olhos arregalados do naufrago africano que nos fazem ver o invisível). Portanto, imagem nova, imagem que descreve de maneira diferenciada e viva os fatos do qual é testemunha.

Para Bachelard, a imagem poética é um acontecimento singular e efêmero, mas que retém tudo que é esquivo ao senso comum, aos pensamentos sensatos e imóveis. Imagem que concentra em si a condição humana. Mas, o faz justamente porque não a determina de forma definitiva, pois a imagem poética, nas palavras de Bachelard, é “essencialmente variacional. Não é, como o conceito, constitutiva”, antes, trata-se de uma “ação mutante” que não pode ser isolada (2003: 3). É na sua mutabilidade e fugacidade que a imagem poética vem antes do pensamento como “consciência sonhadora” (p. 4).

E as imagens poéticas, ao contrário do senso comum e dos pensamentos sensatos e felizes em sua imobilidade, são móveis. Possuem um dinamismo próprio, uma dinâmica imediata que requer uma atitude imprudente por parte daquele que a aborda. Nesse sentido, a ilusão de movimento da imagem cinematográfica, ganha de fato a sua mobilidade na inerência desta à imagem poética. E podemos pensar assim na poeticidade (mobilidade) da imagem cinematográfica e fotográfica como relacional, ou seja, o movimento que se produz na relação com outras imagens ou componentes da imagem a partir da ação do observador.

A imagem da tragédia e a tragédia da imagem

A “mancha” é a imagem fílmica, é a imagem manipulada, é a descrição densa, é a tragédia, o movimento enquanto turbilhão. A “travessia” é o que se move e muda, é a duração acontecendo, é o movimento, é o deslocamento de Héstia, Hermes e Ártemis, é o atravessar o espaço de limiar, é o movimento como lugar da alma, lugar do Outro, descrito pelo filósofo português José Gil (1997).

Travessia e mancha estão inelutavelmente juntas, mas lutam entre si (tempo versus eternidade). Hybris, ágon, moira. Conflito, destino. Uma luta manifesta no corpo. O corpo sendo manchado. A travessia manchando o corpo é uma visão, visão do movimento, intuição do movimento: intuição (Bosi).

Na época da celebração do privado e da espetacularização do público são muitas as artes para esconder o corpo e diversas para expô-lo. O corpo migrante preza por estar oculto. As máfias que os atravessam pelo mar querem ocultar do próprio emigrante a imagem da tragédia que possivelmente o espera. A mãe do jovem imigrante esconde de si mesmo a possibilidade dessa tragédia. O próprio imigrante quer estar oculto das lentes infravermelhas que os revelam à polícia marítima e agentes da imigração. Quer se ocultar também na cidade aos olhos dos nacionais. Já todos os demais querem vê-los (antes de querer vê-los pelas costas) nas fotos dos seus naufrágios. Mas, o corpo migrante quer estar oculto. Deve estar oculto. Deve estar misturado (o *walkman*, a máquina fotográfica, o tênis de marca, como disfarce). Quer passar despercebido. Impossível com aquelas roupas, aquele corpo, aquela cor de pele, aquela “hexis corporelle” (Bourdieu). A forma de caminha, a armação dos óculos, o ritmo da caminhada, a postura... Tudo o delata. Os agentes da imigração, os policiais, são treinados para perceber essas sutilezas, não tão sutis assim. O corpo acaba sendo exposto. E o olhar de relance que eles lançam não é de um herói que chegou ileso, mas de alguém que não pode ser percebido. Os olham de relance e eles assim o fazem também. Portanto, uma descrição densa do migrante exige esse olhar de relance, conhecer esse olhar, que é lançado a ele e a tudo que o cerca: seus objetos pessoais, suas vestimentas, “suas” ruas, casas, hospedagens, corpos. É o paradoxo de estarem aí e ninguém os vê, estarem aí para todos verem e ao mesmo tempo ser uma presença que incomoda. “Uma doença contraída que agora precisa ser sanada.” E, ao mesmo tempo, se não são vistos a tempo desde os helicópteros e dos barcos da guarda costeira, o mar os

traga. Paradoxo inevitável: precisam ser vistos para sobreviver, precisam estar ocultos para sobreviver.

E aqui já antecipando o que trataremos mais extensamente no último capítulo, deve-se pensar numa educação que considere o movimento, o movente, o deslocamento, o perambular. Uma educação que, em lugar de prender-se ao imutável, rumo para o mutável, o móvel. Trabalhamos aqui nesta tese: a educação é movimento, é móvel, é movente. E vamos observar essa mutabilidade da educação em contextos, eles próprios móveis, nos quais também os sujeitos aqui representados também se movem. Incorporando fundamentalmente as discussões filosóficas de Henri Bergson sobre o movimento, o tempo e a imagem, defende-se aqui que somente uma educação a partir do móvel pode dar conta de questionamentos como: é possível a educação, no sentido de formar sujeitos mais responsáveis com o outro, com seu entorno e com o mundo?

Os sujeitos se deslocam no mundo; os contextos onde esses migrantes se movem também estão em constante movimento; as imagens que mostram esses sujeitos e contextos são imagens que capturaram esse movimento e que reproduzem esse movimento: relatos, fotografias, filmes, vídeos. Convida-se, então, também para uma educação movente.

Também a tragédia é movimento, representa uma ação e a vida. Jean-Pierre Vernant, fala da tragédia como tipo particular de experiência humana, que tem seu próprio mundo, pensamento e noção de homem que sucede à epopéia e à poesia lírica gregas, apagando-se no momento em que a filosofia triunfa. A tragédia grega, enquanto forma literária possui um contexto que lhe subjaz, e como nos ensina Vernant está mais para um subtexto que deve ser decifrado “na própria espessura da obra por um duplo movimento, uma caminhada alternada de idas e vindas” (p.9). A própria tragédia é movimento, vida e ação representados na obra trágica que é uma cifra desse movimento, que deve ser interpretada e pensada num exercício movente.

E as imagens mostram a tragédia, e os relatos a descrevem. E o pesquisador educacional, tem nas mãos e diante dos olhos uma descrição etnográfica densa (Geertz) dessa tragédia humana.

Mas, talvez, na mesma medida em que as imagens e relatos nos trazem a tragédia a impossibilitem. Porque a própria pesquisa, a imagem, o próprio olhar talvez a anule. Os mecanismos de anulação da tragédia através da sua representação nos remetem a uma

discussão antiga sobre o estatuto da imagem. Um estatuto forjado no interior de uma visão soterológica da vida, visão que anula a tragédia. Há muito a visão grega se incorporou, ou foi por ela fagocitada, à visão cristã de tragédia. O cristianismo se incumbiu de cumpri-la de uma vez por todas: não há tragédia no cristianismo (Ricoeur). Isso afeta diretamente o domínio das imagens. É Perniola quem nos guia nessa descrição do valor das imagens para os iconoclastas, iconófilos e iconólatras.

Os iconólatras, que pertencem ao reino do simulacro, Simulacro e educação. Um risco. A educação é reinserida na tragédia. A educação incorpora a tragédia humana e não a sublima, a sobrevoa. Apropria-se dela. Uma educação movente é uma educação que se apropria da tragédia humana presentes na sua imagem/simulacro. Imagem que não representa, mas apresenta.

Lado a lado o boliviano no altiplano, com suas asas de condor encarnadas as costas e o africano inerte flutuando nas águas do oceano.

Então chega um novo olhar fotográfico. Olhar de pessoas pouco recomendáveis como Pierre Verger que pousaram um novo olhar sobre a África, pactuando com os diabos negros, os adoradores de ídolos: imagens que interpelavam, que perturbavam. Fazendo de suas fotos hierofanias, mostrando o que não somos capazes de ver.

A imagem constitui, a um só tempo, a fonte, o registro e a descrição densa. Ela é, coincidentemente, o sujeito e sua fala, as “anotações” no caderno de campo e a narrativa do pesquisador. A imagem a muito deixou de ser ilustração, ela é mais: talvez, um texto intersubjetivo, um não dito.

Fonte, registro, instrumento. Caderno de campo, descrição densa, narrativa. A imagem fílmica ou fotográfica: uma presença que cruza metodologias, atravessando a pesquisa etnográfica, a fenomenológica e a de histórias de vida. Não apenas instrumento, mas presença/metodologia, designada aqui, por inspiração mais que por definição: pesquisa existencial.

A grande resistência: não se trata de um texto ou da transcrição da fala do sujeito. A imagem fala do sujeito a pesar dele. A imagem conta do sujeito, fala dele, o delata, o entrega. Cristaliza um gesto, uma atitude, mas permite a imaginação ir além.

Ao mesmo tempo a imagem também fala do pesquisador, de suas preferências, gostos. O essencial da imagem é o que está detrás da câmera? Talvez não. Pois não se procura aqui o essencial, mas o existencial naquilo que se manifesta.

No que se refere à imigração especificamente andina, o documentário *Kantuta* parece que encontra um nexos com *La Vertiente*, do boliviano Jorge Ruiz, preciosamente analisado por Ferreira Santos (2006: 213-215). Aqui, o boliviano é um migrante em sua própria terra, no seu altiplano, na sua montanha. Por certo que ele atualiza a sua ancestralidade andina fundindo-se à sua paisagem, encarnando-se nela, numa estratégia de retorno – retorno necessário, pois tem às costas a violação do colonizador que subrepticamente o arranca e esgarça essa tessitura de carne e paisagem diante dos seus próprios olhos – mas, trata-se de um exaustivo exercício de travessia perpétua, não mais da calmaria dos dias pré-colón. Quando Ferreira Santos fala do homem da metrópole, que não entende esse ser ameríndio e sua gravidez recíproca com suas paisagens singulares, certamente não se refere ao homem que habita a Praça Kantuta. Porque é este, outro desterrado.

Em *Kantuta*, documentário de Daniela Soares Araújo, o território é outro, o urbano. Cercada por muros e antigas fábricas do Pari, ali está a praça. Poucas árvores, muito concreto e asfalto. Na placa o nome Kantuta. Um território conquistado palmo a palmo como nos conta Carlos, o boliviano que batizou o local. Carlos, de La Paz, escolheu aquele lugar, pois quem sabe ali não seriam retirados, como ocorreu na antiga praça ocupada pela feira dos bolivianos. Araújo nos mostra uma praça habitada por cores, música, comida e crianças. Imigrantes das montanhas e precipícios andinos; das latitudes apresentadas em *La Vertiente*, visitam nossas ruínas. As suas crianças, que no caso do filme de Jorge Ruiz, belamente descrito por Ferreira Santos (2006: 213-214) são

muchachos quechuas, de espalda a la cámara, con sus ponchos rotos, sobre las piedras de algunas ruínas, mirando al horizonte montañoso, involucrado en la niebla, bajo la luz tenue del crepúsculo andino. Uno de los muchachos, a la izquierda, está sobre una piedra, se funden en el paisaje, uno es la continuidad del outro... epifanía profana y pétrea, que nos petrifica si consideramos el corazón palpitante de piedra en el universo quechua... Cruzando la carne de su corporeidad con la carne del mundo.

Quando esse *muchacho* quéchua, agora em outro documentário – O Bom Retiro é o Mundo, de André Klotzel – passeia pelas ruas do bairro Bom Retiro em São Paulo (muito

longe da sua paisagem natural, de seus abismos e montanhas, crepúsculos e névoas) entre carros, vitrines e pedestres: que tipo de cruzamento com a carne deste mundo a carne de sua corporeidade realizará? Será que a suavidade da sua travessia, quase aérea, lhe permitirá não ser tragado pela da metrópole em ruínas?⁵

É nesse sentido que a imagem da travessia é ao mesmo tempo uma expressão que confunde a travessia real dos imigrantes em seu deslocamento rumo à novas e estranhas paisagens e a travessia enquanto noção que transita entre tema, conceito e inspiração. E, ao mesmo tempo, revela o país que os recebe, que continua a produzir imagens do exótico, e do espectador, que continua a apreciá-las e utilizá-las. Travessia que representa pluralidade cultural em contextos móveis. Ou seja, a convivência dessas singularidades irreduzíveis e complexas e a revelação desses seres humanos encarnados se dá em contextos dinâmicos.

O imigrante se move pelo território e também o estatuto do espaço se altera. A própria permanência do imigrante, a qual a imagem testemunha, em territórios de passagem (o deserto, o mar, os espaços que margeiam as cercas de contenção, as casas de ajuda ao imigrante, as praças, ruas e cortiços) modifica o território. Portanto, são imagens que revelam, interpelam o imprevisível e o inevitável envolvidos nos deslocamentos dos imigrantes por esses espaços certamente de violência, mas, às vezes, alvissareiramente, também de concerto. Imagens que focalizam a própria configuração da pluralidade cultural nesses contextos moventes: a travessia.

Imagens de uma travessia que abriga fragilidade. Porque a esperança, que incita à travessia, está permeada de necessidades, medos e preocupações, e remete ao deslocamento desse grupo de imigrantes através do deserto, do mar (no caso dos africanos), das estradas e da própria cidade. Fragilidade individual de uma pessoa com nome, história e memória. Imagens que mostram a experiência de indivíduos que elaboram e reelaboram seu próprio tempo e espaço. Fragilidade como metáfora da transitoriedade da identidade e das relações que se estabelecem nesses ambientes móveis.

⁵ Na escola, as crianças ameríndias são as mais suaves e menos agressivas. Assim atestam as professoras da Escola Municipal de Educação Infantil João Theodoro, situada no centro do Bom Retiro e que recebe todos os anos um número cada vez maior de alunos bolivianos. Mas, há depoimentos feitos aos professores da mesma escola, de crianças moradoras dos cortiços da região que, por terem a água desligada durante vários dias na semana pelos donos dos cortiços, não tomavam banho diariamente, o que ocasionava feridas espalhadas pela cabeça.

Então, o pesquisador, ao se deparar com a arte da imagem fotográfica, ou fílmica – dimensões simbólicas da ação social, como afirma Geertz (1989: 40-41) – é convidado a “mergulhar no meio delas”. Impregnar-se desses registros de “consultas sobre o que o homem falou”, sobre o que o homem foi: suas memórias. Memórias conservadas e elaboradas de um passado em constante elaboração (Bosi, 2003: 68). Um passado em travessia. Uma espécie de possessão pelas imagens, imagens transfiguradas (passagem de uma figura para outra). Nesse sentido, a imagem, não duplica a realidade, pois a realidade, assim como o tempo, se desloca. Tampouco a imagem é reflexo, pois quem se apresenta diante, já não existe mais. É antes, como afirma Maffesoli (1995: 138) “um buraco sem fundo, um sol negro que pode cegar”, mas também, um símbolo da espera cheia de esperança... um movimento sem fim.” Pensada assim, deixa-se atrás todo um debate entre a imagem e o original⁶. Sendo movimento, hierofania, local de encontro provisório, a imagem é abertura, não cristalização.

Assim, priorizo as imagens como forma de descrever densamente a minha pesquisa de campo. Meus registros são as imagens fotográficas e imagens fílmicas: fotografias, fotogramas e vídeos.

Uma metodologia que contemple as imagens da imigração talvez se exercite sobre um equilíbrio delicado entre os meios e os fins. De um lado sabe-se que uma metodologia não é neutra, e que, de certa forma, ela tende a fundar seu próprio objeto, instaurando aquilo que se propõe examinar no mesmo instante em que o examina, (con)fundindo-se. De outro, aborda-se essas imagens para melhor compreender o sentido delas e, por meio delas, o que mostram da própria condição humana. Uma metodologia que nos aproxime criticamente das imagens da imigração pode nos permitir vê-las melhor desde que não se torne uma cortina de fumaça diante delas. Uma metodologia que faça perder de vista as imagens nelas próprias, tornando-as objetos de hipóteses engenhosas e inteligentes, que impeçam de ver o que está na imagem e substituam o olhar por raciocínios que não saem de si mesmos.

⁶ Debate amplamente discutido por Mario Perniola em *Pensando o Ritual*. São Paulo : Nobel, 2000. pp. 127-133.

Unir o olhar fotográfico e videográfico ao olhar pedagógico, não como uma contribuição teórica, mas como uma incitação metodológica que desperta para uma reflexão: como nós educadores olhamos o outro?

Uma possível resposta: a fotografia – como nos fala Ferreira Santos (2004: 128) comentando as fotografias de Scandaroli – “nas mãos de um ferreiro/jardineiro: insiste em gravar no papel esse instante de vida que canta, que embala, que grita, que narra... em silêncio.” E se penetra, através da imagem na dimensão educativa, pois tal experiência, ao “(d)escrever com imagens, numa grafia iconográfica”, revela, “não apenas o interior do mundo visitado, mas também visitação do mundo interior, numa relação essencialmente pedagógica”.

A EDUCAÇÃO

RUMO A UMA EDUCAÇÃO TRANSITÓRIA

"Mamá ¿por qué está todo tan sucio? Mira, hay unos hombres durmiendo en el suelo", señalaba con el dedo. "¿No deberían estar en su cama?". Le conté que habían venido a buscar trabajo y que si dormían en sus camas era probable que se quedaran sin conseguirlo y que además se los llevarían a su país. "¿Pero dónde tienen su cama?", seguía preguntando ella. Le respondí que en su casa, pero que su casa estaba muy lejos. "Entonces les podemos decir a todos que vengan a la nuestra. ¿No te parece?". Le dije que era una buena idea, pero que tendríamos que estudiarlo porque posiblemente no cabrían. Con esto casi habíamos llegado a la escuela y se puso a correr para alcanzar a una amiga. Y allí terminó su interés por la inmigración. (Isabel Olesti. De cómo un niño se interesa por la inmigración, El País, 2005)

Aproximo-me da educação através do seu sentido de encontro provisório, de passagem, de crepúsculo. É na pluralidade étnico-cultural da travessia que marca o corpo individual e o corpo coletivo das culturas, travessia mostrada em imagens da migração, que se intui a experiência pedagógica como transitória. Uma educação que acontece no trânsito, na atopia em direção a uma utopia. Educação que sorve do trânsito, que é o próprio trânsito feito carne, feito pele, pele rasgada pelos arames farpados das cercas que interditam o caminho do migrante. Experiência pedagógica que se dá no vai-e-vem dos cayucos e trens que os transportam. Educação do encontro com o outro semimorto chegando em grupos do mar e deixando-se cair nas areias cheias de veranistas. E no limite, a experiência pedagógica do corpo inerte flutuando nas calmas águas do alto mar. Todavia também a experiência pedagógica das memórias que refazem o passado, das lembranças e saudades. A casa provisória no país estranho que abriga os objetos sagrados da memória. O quarto da pensão, a rua, as praças e a cidade. Cidades onde a morte reina (Baudrillard), mas que abrigam rincões vivos, a vida pulsante das histórias individuais. Um “tempo vivo da memória”(Bosi). E essas coisas também são imagens, simulacro no sentido de instauração de uma troca lá onde havia apenas o fato bruto: da morte natural, aleatória, irreversível, passa-se à morte dada e recebida, numa morte simulada que funda a própria sociabilidade (Perniola; Baudrillard). E essa transmutação do inerte ao vivo – movimento vivo, ressurreição, milagre, ousadia – troca iniciatória onde se inaugura a sociabilidade, é a própria experiência pedagógica. E é nesse sentido que não se trata de um equívoco a

repetição das epígrafes usadas na parte dedicada à migração. Retornamos a elas aqui, como quem retorna numa circularidade virtuosa.

A educação peregrina

A Antropologia Filosófica de Ferreira Santos (2004) se realiza num exercício da mithohermenêutica na interface com a Cultura e Educação, mediados pela Arte. Analisando a consolidação de uma hermenêutica simbólica de cunho antropológico na reflexão educativa como desdobramento do movimento paradigmático nas ciências da educação, Ferreira Santos entende a Filosofia da Educação como a atitude reflexiva de busca de sentido para a práxis educativa. Mergulhado no diálogo com o pluralismo epistemológico contemporâneo sem escamotear o traço trágico da experiência pedagógica.

Na paisagem dessas reflexões mais abrangentes é que Ferreira Santos se inspira (ou conspira) com a figura do peregrino e expõe os desdobramentos educativos deste encontro.

Para nós, que procuramos desvendar – ou nos desvendar – (melhor que desvelar, pois a figura do véu – e seus mistérios – vem bem quando mencionamos a experiência educativa, e desvendar nos remete a retirar as vendas: dos olhos? das feridas?) para enxergar os caminhos de uma educação transitória, e ressaltarmos, como Ferreira Santos, a possibilidade de “harmonizar caminhos”, no nosso caso através das imagens dos migrantes, é oportuna a reflexão do autor sobre os peregrinos.

Ferreira Santos tece uma delicada, mas resistente, rede de significados em torno dos ofícios de sapateiro, tecelão e peregrino. O sapateiro-remendão-peregrino “é aquele que percorre a vila para executar os seus serviços. Deixa a oficina-antro para officiar na estrada. O cheiro deixa o antro e se antropologiza” (2004: 155). E podemos, num exercício de imaginação, ultrapassando os portais da cidade, das vilas, ou até se situando nos mesmos umbrais e realizando seu trabalho. Algum sinal ele emitiria, algum ruído, algum chamado para que os moradores dessem conta da sua presença? De qualquer forma ele estava ali. A sua presença em si já era convidativa: Eu vim até vocês e agora vocês vêm a mim. Ao meditar sobre o peregrino-sapateiro-remendão me lembro do migrante, cujo ofício, único e essencial ofício é ser migrante, o estranho ofício das mãos vazias como a do peregrino: “nada que vender, nada que perder”, como nos canta Manoel Serrat. Uma experiência educativa centrada no peregrino-migrante talvez deva nos ensinar, educadores, a chegar

com as mãos vazias, porém “mãos que costuram e calçam” o caminhar do outro: uma “pedagogia das mãos” (Ferreira Santos, 2004: 156, 157). Apenas com as sandálias, o bastão e o bernal, ou até mesmo sem eles. Tudo aquilo que levavam os também peregrinos Mahatma Gandhi e Francisco de Assis (personagens caros a Ferreira Santos).

Gandhi é o tecelão que peregrina e no seu caminho de paz vai urdindo uma paz continental. Gandhi está a caminho, em direção às salinas, em direção à Inglaterra, em direção ao interior povoado de tecelões, em direção à prisão.

Uma educação que aprende no caminho, que aprende com os peregrinos, que aprende na peregrinação, se aproxima dessa educação transitória, em movimento, em ação, que insistimos em defender neste texto. Uma educação que aprende com o deslocamento humano. Com as pontes que representam esses deslocamentos. Quando os homens se traduzem em outros homens e o novo se instala no mundo.

Porque é o peregrino que estende ele mesmo como ligação, ou religação entre os homens. Os peregrinos, nos ensina Ferreira Santos, “são aqueles seres da estrada, da ligação entre lugares diferentes, que transitam pelo diverso, confluem e divergem nos caminhos que tecem a rede dos lugarejos... São filhos do horizonte, amantes do ar aberto e ventos zéfiros e das brisas raptoras. Com suas sandálias, suas vestes simples e um ocasional cajado, por vezes, um bernal.. De corpo esguio, às vezes alto, às vezes pequeno e franzino, dedos longos e pés calejados, seu olhar se alimenta de sendas e seu espírito de crepúsculos”(2004: 164, 165).

Aprender com o ofício deste peregrino contemporâneo que é o migrante atual é uma tarefa árdua. O migrante não é um peregrino porque assim o quer, ele é empurrado a essa condição. A sua condição é por vezes dramática mesmo depois de anos de estabelecimento no país anfitrião. Mas, sobretudo, sua travessia é muitas vezes trágica e fatal. O que aprender com esse peregrino, muitas vezes peregrino morto?

Se o tecelão peregrino pode vestir o aluno, o sapateiro peregrino pode calçá-lo, “para que estes mesmos alunos possam, em seus próprios caminhos, andejar pela amplidão”. O que um educador migrante-peregrino ou um aluno, ele mesmo, já um migrante-peregrino que andeja pelas amplidões pode aprender do seu ofício?

Educação e pluralidade cultural

As práticas festivas realizadas por esses migrantes na nova cidade – como a feira na Praça Kantuta dos bolivianos – revelam, portanto, a vitalidade cultural de um grupo que, apesar da conjuntura adversa em que está inserido, procura mostrar que eles têm algo a mais para oferecer à sociedade paulistana, além de sua mão-de-obra mal paga nas oficinas de costura. E representariam bem esse momento de porosidade cultural, onde o anfitrião e o imigrante se avizinham e coabitam.

Podemos perceber nessas atividades de cunho cultural ou festivo estabelece-se uma relação entre identidade e alteridade. Ou seja, não apenas o imigrante reflete e age a partir de sua identidade cultural, mas também o autóctone é afetado. Portanto o hibridismo é uma aposta de mão dupla no qual as fronteiras culturais são perpassadas nos dois sentidos, numa interpenetração cultural. Um fenômeno que se circunscreve muito bem à categoria de disseminação cultural proposta por Bhabha (2005).

Bhabha propõe a disseminação que transita dialeticamente entre a dispersão e a reunião dos povos nos locais do cotidiano. Um tempo de reunião, às margens de culturas “estrangeiras”, reunindo-se nas fronteiras.

O desafio é como incorporar estas reflexões sobre identidade cultural e suas medições nas teorias e práticas educacionais. Experiência pedagógica extrema, porque, além de transcender os ambientes formais da escola, o que está em jogo aqui é o estatuto da identidade cultural nas fronteiras das culturas, as fragilidades envolvidas nas dispersões e reuniões que envolvem o contato humano e a própria condição humana revisitada na diáspora (Hall).

A identidade é vista aqui como algo movente, identidade e alteridade se confundem, oscilam. A imagem do outro e de si mesmo transitam no olhar do narrador, do alheio e do pesquisador. O narrador fala não só de suas lembranças, mas delas a partir do desterro, do expatriamento, do exílio e também do retorno. Fala de si como fala do outro.

O desafio é pensar a educação não somente em meio às reflexões sobre identidade e pluralidade cultural em contextos móveis, mas pensar a educação **como** pluralidade cultural em contextos móveis. Experiência pedagógica extrema, porque o que está em jogo aqui é tanto o estatuto da educação como o da pluralidade cultural nesses contextos específicos: identidade cultural nas fronteiras das culturas, as fragilidades envolvidas nas dispersões e

reuniões que envolvem o contato humano. Em fim, a própria condição humana revisitada na diáspora (Hall).

Nesse sentido, se mostra fundamental a reflexão de Fischmann (2005). Nesse texto a autora defende a dimensão cultural como um tipo de “tema transversal” na pesquisa educacional, constituindo-se numa pesquisa que se constrói considerando os resultados de trabalhos que focalizam as questões culturais em geral e em particular as relações de etnia.

E poderíamos arriscar a afirmação de que a transversalidade da dimensão da cultura na pesquisa educacional é o que torna a pesquisa efetivamente educacional. Pois a autora ainda relembra, partindo de Lévinas, que “o contato com o Outro e a busca do Absolutamente Outro é o verdadeiro ensino”. Assim,

tratar a dimensão cultural na pesquisa educacional, em particular na abordagem da pluralidade cultural, traz possibilidades de alcance ainda incipientemente explorados no que se refere à melhor compreensão tanto do próprio fenômeno educativo quanto das decorrências práticas que daí podem advir. (Fischmann, 2005)

Isso porque ao tratar-se a dimensão da pluralidade cultural, trata-se fundamentalmente da discriminação, diferença, desigualdade e exclusão, temas indissociáveis da educação, defrontando-nos ao “paradigma do Outro”.

Apoiando-se em Thomas Kuhn e Emmanuel Lévinas, Fischmann, desenvolve a idéia de “paradigma do Outro” para buscar compreender como grupos humanos desenvolvem modos de “ver” outros grupos, e assim reciprocamente. Ao apresentar a hipótese de que “as manifestações de preconceito, discriminação e estigma têm uma ‘unidade histórica e pedagogicamente anterior’, da qual seriam uma aplicação” – um tipo de “‘paradigma de senso comum’, que por encontrar-se articulado traduz-se em expectativas com relação ao comportamento do Outro” – Fischmann aponta para a solicitação e a possibilidade de um outro tipo de esforço pedagógico que poderia reverter tal situação.

Articular esse esforço pedagógico em meio à travessia ou pluralidade cultural em contextos móveis, provavelmente situe no esforço mais no campo do acaso que do concreto, do mistério mais que da elucidação; e é cabível que justamente nisto resida a importância de sua solicitação. Ou seja, os contextos dinâmicos solicitam mais que propõem. E uma proposta educacional – se for possível – baseada nesses ambientes, serão sempre hesitantes, pois transitam entre o imprevisível e o inevitável. Solicitação que ganha

em sentido pela imprevisibilidade da experiência pedagógica. E me parece que essa própria contingência, a incerteza, o caos, o acaso, apontados por Ferreira Santos (2004: 19-20) se constitui como uma experiência altamente pedagógica para a compreensão do fenômeno humano, podendo-se falar propriamente de uma educação em contextos móveis.

Creio que nos encontramos aí, em meio à incerteza, ao caos e ao acaso quando mencionamos esse outro lugar, da travessia, tão alvissareiro e inventivo como improvável, onde, talvez, seja possível a educação num acontecimento do bom-encontro com o Outro.

Encontro esse que se caracteriza por não estar apenas *com* o Outro mas, antes, ser disponível *para* o Outro (Bauman, 2003: 19). Encontro que exige a *minha* responsabilidade com o Outro, esse Tu que se inaugura com a minha responsabilidade. Sem ela não há bom-encontro e nem há, verdadeiramente, um Tu ou mesmo um Eu (Lévinas: 1997; Buber, 2001: 3-4).

E nos deparamos com uma realidade ainda mais chocante. Os estranhos não esperam ser compreendidos, tampouco educados, mas, surpreendentemente não se refugiam para longe, ao contrário, sem esperar convites ou boas vindas se instalam confortavelmente diante dos olhos incrédulos. Como observa Bauman (2003: 175),

os estranhos ficam e recusam-se a ir embora (...), escapando teimosamente da rede de regras internas e permanecendo assim estranhos. Não são visitantes: aquela mancha de obscuridade sobre a superfície transparente da realidade diária, que se pode suportar, esperando que desaparecerá amanhã (embora ainda pudesse alguém ser tentado a lavá-la imediatamente). Eles não usam espadas; nem parecem esconder punhais nas fímbrias dos mantos (embora nunca se possa estar certo quanto a isso). Não são como os inimigos declarados que levam alguém sacar da espada (ou pelo menos é isso que dizem). Todavia não são como os próximos. Na verdade, não se pode evitar ter consciência de sua presença, vê-los, ouvi-los e cheirá-los, mesmo falar a eles ou ser abordados por eles ocasionalmente. Mas os encontros são bastante breves e casuais para se poder tomar firme decisão classificatória e, ademais, há muitos deles vindo e indo.

Assim o Outro pode estar próximo fisicamente mas é classificado imediatamente como estranho depois de ser detalhadamente examinado por um olhar perversamente esquadrinhador.

Alguns pensadores têm se empenhado em discutir uma saída para esse impasse; Uma resposta a essa ausência persistente de possibilidade do estranho converter-se em Outro, alternativas para o dismantelamento desses espaçamentos de expulsão, banimento,

cassação, segregação e relegação. Nas idéias destes pensadores talvez encontremos uma indicação para a possibilidade de um outro esforço pedagógico.

A educação talvez possa ocorrer em meio à travessia. Na dinâmica da pluralidade cultural em contextos móveis. Lugar da ambivalência e do risco, mas também local da responsabilidade e do amor. Lugar da busca da individuação por excelência e da experiência pedagógica como instauradora do Outro.

A educação possivelmente pode oferecer locais e condições de concerto e compreensão, dádiva e acolhimento. Lugares onde se ouve a voz do outro e onde se passa a conhecer o seu nome. Espaços por vezes provisórios e móveis onde o paradigma do Outro se estabelece.

O desafio é pensar a educação não somente em meio às reflexões sobre identidade e pluralidade cultural em contextos móveis, mas pensar a educação como pluralidade cultural em contextos móveis. Experiência pedagógica extrema, porque o que está em jogo aqui é tanto o estatuto da educação como o da pluralidade cultural nesses contextos específicos: identidade cultural nas fronteiras das culturas, as fragilidades envolvidas nas dispersões e reuniões que envolvem o contato humano. Em fim, a própria condição humana revisitada na diáspora (Hall).

Nesse sentido, se mostra fundamental a reflexão de Fischmann (2005). Nesse texto a autora defende a dimensão cultural como um tipo de “tema transversal” na pesquisa educacional, constituindo-se numa pesquisa que se constrói considerando os resultados de trabalhos que focalizam as questões culturais em geral e em particular as relações de etnia.

E poderíamos arriscar a afirmação de que a transversalidade da dimensão da cultura na pesquisa educacional é o que torna a pesquisa efetivamente educacional. Pois a autora ainda relembra, partindo de Lévinas, que “o contato com o Outro e a busca do Absolutamente Outro é o verdadeiro ensino”. Assim,

tratar a dimensão cultural na pesquisa educacional, em particular na abordagem da pluralidade cultural, traz possibilidades de alcance ainda incipientemente explorados no que se refere à melhor compreensão tanto do próprio fenômeno educativo quanto das decorrências práticas que daí podem advir. (Fischmann, 2005)

Isso porque ao tratar-se a dimensão da pluralidade cultural, trata-se fundamentalmente da discriminação, diferença, desigualdade e exclusão, temas indissociáveis da educação, defrontando-nos ao “paradigma do Outro”.

Apoiando-se em Thomas Kuhn e Emmanuel Lévinas, Fischmann, desenvolve a idéia de “paradigma do Outro” para buscar compreender como grupos humanos desenvolvem modos de “ver” outros grupos, e assim reciprocamente. Ao apresentar a hipótese de que “as manifestações de preconceito, discriminação e estigma têm uma ‘unidade histórica e pedagogicamente anterior’, da qual seriam uma aplicação” – um tipo de “‘paradigma de senso comum’, que por encontrar-se articulado traduz-se em expectativas com relação ao comportamento do Outro” – Fischmann aponta para a solicitação e a possibilidade de um outro tipo de esforço pedagógico que poderia reverter tal situação.

Articular esse esforço pedagógico em meio à travessia ou pluralidade cultural em contextos móveis, provavelmente situem-no esforço mais no campo do acaso que do concreto, do mistério mais que da elucidação; e é cabível que justamente nisto resida a importância de sua solicitação. Ou seja, os contextos dinâmicos solicitam mais que propõem. E uma proposta educacional – se for possível – baseada nesses ambientes, serão sempre hesitantes, pois transitam entre o imprevisível e o inevitável. Solicitação que ganha em sentido pela imprevisibilidade da experiência pedagógica. E me parece que essa própria contingência (a incerteza, o caos, o acaso) se constitui como uma experiência altamente pedagógica para a compreensão do fenômeno humano.

Creio que nos encontramos aí, em meio à incerteza, ao caos e ao acaso quando mencionamos esse outro lugar, da travessia, tão alvissareiro e inventivo como improvável, onde, talvez, seja possível a educação num acontecimento do bom-encontro com o Outro.

Encontro esse que se caracteriza por não estar apenas *com* o Outro mas, antes, ser disponível *para* o Outro (Bauman, 2003: 19). Encontro que exige a *minha* responsabilidade com o Outro, esse Tu que se inaugura com a minha responsabilidade. Sem ela não há bom-encontro e nem há, verdadeiramente, um Tu ou mesmo um Eu (Lévinas: 1997; Buber, 2001: 3-4).

Identifico aqui educação e experiência pedagógica a esse bom-encontro, e afirmo assim a educação como possível lugar para esse encontro.

O bom-encontro se diferencia do mau-encontro que, como define Zygmunt Bauman ((2003: 176-181) “constitui o outro como estranho, reafirmando-o nessa qualidade”; lugares onde se desenvolve a “arte do mal-encontrar”, na qual se relega os Outros “para o

fundo”, tornando-os apenas “borrões sem forma”, manchas “cinzas”, resíduos, restos que se movem em “espaços semioticamente vazios.” Bauman (2001; 2003) fala de lugares invisíveis e de estrangeiros, de não lugares, de não indivíduos. Como na relação EU-ISSO, em que o estranho permanece coisa, sem face, sem feição (Buber, 2003; Bauman, 2003). Estranho habitante do outro lado da fronteira, onde se estende “a terra inculta, o vazio semântico, o deserto: o mundo intelectualmente estranho, habitado por corpos sem rosto”. Como poderia, ou pode, alguém sem corpo ser incorporado? De forma alguma! Antes bem não é necessário “nenhuma misericórdia, nenhuma compaixão, nenhum sentimento de camaradagem para com o desconhecido.” Pois não há “regras para tratar com os estranhos”, porque estes se encontram “além de normas e regras” (Bauman, 2003: 174). Bauman (2003: 172) afirma que evitar o contato com o estranho é a única forma de manter a ordem vigente, “mas mesmo evitá-lo completamente, se fosse possível, não nos salvaria de grande grau de ansiedade e desassossego (...) [pois], a ‘estranheza’ dos estranhos é no fundo nossa ignorância”.)

Entretanto, esse mesmo estranho, mesmo tão próximo (mas não tornado o próximo), ainda enfrenta a barreira, menos intransponível que muros, que é a do espaçamento social/cognitivo que se apóia nas definições sociais, num suposto conhecimento prévio e em capacidades humanas “como exame, comparação, cálculo, avaliação.” (Bauman, 2003: 189). Assim o Outro pode estar próximo fisicamente mas é classificado imediatamente como estranho depois de ser detalhadamente examinado por um olhar perversamente esquadrinhador. E é perverso porque é busílis. O busílis, segundo Bauman (2003: 178), é ver fingindo que não está olhando. Olhar ‘inofensivamente’, não provocando nenhuma reação, nem convidando nem justificando reciprocidade; esperar, demonstrando desatenção. O que se requer é exame disfarçado como indiferença.” E é nesse exame, aparentemente, tão distraído, que se compara, se calcula, se avalia.

Alguns pensadores têm se empenhado em discutir uma saída para esse impasse; Uma resposta a essa ausência persistente de possibilidade do estranho converter-se em Outro, alternativas para o dismantelamento desses espaçamentos de expulsão, banimento, cassação, segregação e relegação. Nas idéias destes pensadores talvez encontremos uma indicação para a possibilidade de um outro esforço pedagógico que nos inspira Fischmann.

Segundo o filósofo austríaco Martin Buber na sua obra *EU e TU* ([1923] 2001), é na própria relação entre o EU e TU, no próprio “pronunciar” dessas “palavras princípio”, que se instauram o EU e TU. A própria relação é instauradora, sem ela não existem os seus participantes.

Portanto, não apenas os participantes realizam os bons-encontros, mas é próprio dos bons-encontros, eles mesmos, “realizarem” seus participantes. O bom-encontro cancela a relação EU-ISSO e estabelece o EU-TU. O Outro abandona sua condição de coisa e passa a ser alguém; o invisível torna-se visível, o estranho deixa de sê-lo e o resto torna-se o principal. Isso não acontece por uma operação fágica de assimilação e absorção do estranho TU, transformando-o em conhecido EU, mas no estabelecimento da intimidade: boas-vindas. Então aquilo que é resto passa a ser o principal e o estranho senta-se à mesa. Instala-se então um espaço de celebração e festa.

Quando um mau-encontro se transforma num bom-encontro (ou melhor, quando em meio a maus-encontros o bom-encontro se faz presente), o estranho torna-se verdadeiramente o Outro, o mEU Outro, o TU. Humanos que EU não conhecia (mesmo num esforço cognitivo de exame e classificação) outrora, passam a ser visíveis e interagimos. Deixa de ser tipo, objeto, e passa a ser pessoa com nome e história.

De mero participante secundário de episódios da minha vida, passa a ocupar o espaço dramático. As histórias do TU já não são eventos paralelos de um elenco secundário, mas o TU compartilha o mEU momento trágico, não como coadjuvante: Tu tecendo comigo e EU contigo a nossa trama, nosso drama.

Em termos educacionais, a educação já não se confina em lugares pré-escolhidos, mas pode ocorrer sempre em um outro lugar. Há uma revolução de relevância tópica quando nos ocupamos das imagens que os espaços de limiar nos sugerem; e bons-encontros podem acontecer. Num terreno que não perde suas características de inospitável e hostil, porém, agora não mais indiferente ou apenas tolerante, torna-se habitável, aconchegante para o passageiro, o estrangeiro que encontra o sEU responsável. Pois os bons-encontros são encontros em que há responsabilidade. Não se está apenas com o Outro mas se é para o Outro.

Emmanuel Lévinas (1997: 148) nos fala de uma forma marcante dessa responsabilidade por outrem:

Na realidade, sou responsável por outrem, mesmo quando pratica crimes, mesmo quando outros homens cometem crimes. (...) É o essencial da consciência humana: todos os homens são responsáveis uns pelos outros, ‘e eu mais que todo mundo’. Uma das coisas mais importantes para mim é essa assimetria e esta fórmula: todos os homens são responsáveis uns pelos outros, e eu mais do que todo o mundo.

A responsabilidade é o momento em que se escuta a palavra de “Deus” (não no sentido teológico, mas no de o totalmente desconhecido), a palavra do Outrem. Palavra que “está inscrita no Rosto de Outrem, no encontro de Outrem; dupla expressão de fraqueza e de exigência. (...) Palavra que me exige como responsável pelo Outro; e há ali uma eleição, porque esta responsabilidade é incessível. Uma responsabilidade em que se cede a alguém não é mais responsabilidade. Eu me substituo a qualquer homem e ninguém pode substituir-se a mim, e nesse sentido sou eleito.” O filósofo lituano afirma que sempre pensou “que a eleição não é, em absoluto, um privilégio”, mais sim “é a característica fundamental da pessoa humana, enquanto moralmente responsável. A responsabilidade é uma individuação, um princípio de individuação (...), sustento a individuação pela responsabilidade por outrem (...). O único valor absoluto é a possibilidade humana de dar, em relação a si, prioridade ao outro” (Lévinas, 1997: 149-150).

Então, a educação talvez possa ocorrer em meio à travessia. Na dinâmica da pluralidade cultural em contextos móveis. Lugar da ambivalência e do risco, mas também local da responsabilidade e do amor. Lugar da busca da individuação por excelência e da experiência pedagógica como instauradora do Outro, inaugurando o espaço da criação e da invenção, lugar em que se profere a palavra TU; e, como afirma Buber (2001: 5; 10), “quem diz TU não possui coisa alguma, não possui nada. Ele permanece em relação.” E relação é dádiva, oferta. Oferta que não se localiza num espaço, mas “o espaço na oferta. (...) Santuário da palavra-princípio [EU-TU].”

A educação certamente pode oferecer locais e condições de concerto e compreensão, dádiva e acolhimento. Lugares onde se ouve a voz do outro e onde se passa a conhecer o seu nome. Espaços por vez provisórios e móveis de pluralidade cultural onde o paradigma do Outro se estabelece provisoriamente.

E é na condição da migração que encontramos a imagem mais apropriada, a metáfora mais abrumadora, o devaneio mais fugidio e o pensamento mais luminoso (entendemos essa luz como a luz do crepúsculo) do que é a educação. Não discorreremos

aqui sobre um estatuto ou uma ontologia da Educação, pois “estar” e “ser” acarreta repouso, imobilidade. E, talvez, o único repouso a que a educação evoca seja o do vôo, o do planar (Bachelard). Portanto, educação também é vôo e sonho. E o é na fuga da imobilidade. Sendo assim até mesmo o “é” definidor usado aqui trai a sua condição de transitoriedade, migração, travessia. E a arte, o cinema, o vídeo, a fotografia, em fim, a imagem, que mediam essa sua condição movente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Imagem 17

A travessia que mancha o corpo e a educação movente

Educação é movimento! Não qualquer movimento, mas um movimento de travessia, inspirado nas travessias humanas, nas travessias da condição humana, nos deslocamentos da identidade e da alteridade encarnados na migração. O Corpo se move, a memória se move – se refaz. A imagem do migrante remete ao seu movimento, sendo ela mesma movimento enquanto cinema. Pensamento é movimento. Pensamento do movimento ou mobilidade pedagógica. Cultura é movimento, enquanto dialética, enquanto crítica. A educação se dá e se faz em meio ao movimento, não no repouso, mas no turbilhão que se instala em meio a atopia, a acronia, a anomia do migrante. Andarilho este, sem tempo, sem espaço, sem lei. Perambulante como aquela deve ser: caminhando pelas margens, por fora dos contornos seguros, das formalidades.

O imigrante é obrigado a emigrar. Não há nada de enobecedor nem enaltecedor nisso. O imigrante mergulhou numa condição, e nessa condição que se pensa aqui a educação. Uma educação que trabalha baixo o signo do movimento, mas que também

aponta para o repouso (mesmo que seja provisório), das horas quente do meio-dia. Uma educação que se infiltra nos mecanismos do movimento, do deslocamento e da mobilidade, mas que tenta subvertê-lo por dentro, não se comprazendo nele como fim último, mas acenando para fora dele, descreve o tempo apontando para o eterno (Bergson).

Gandhi e Assis, não caminhavam pelo simples prazer de caminhar, havia neles uma intenção, um aceno a algo maior. Algo maior que emergia da própria caminhada, mas que poderíamos dizer com Nietzsche, apontavam para a recompensa que o andarilho tem com as “deliciosas manhãs de outras regiões e dias, em que já no alvorecer da luz ele vê, na névoa da montanha, os enxames de musas passarem dançando perto de si, em que mais tarde, quando ele, tranqüilo, no equilíbrio da alma de antes do meio-dia, passeia entre árvores, lhe são atiradas das suas frondes e dos recessos das folhagens somente coisas boas e claras, os presentes de todos aqueles espíritos livres, que na montanha, floresta e solidão estão em casa... Nascidos dos segredos da manhã, meditam sobre como pode o dia, entre a décima e a décima segunda badalada, ter um rosto tão puro, translúcido, transfiguradamente sereno...”

Entre o tempo vivo da memória, a transitoriedade do presente e o devir encontramos a dinâmica do entremeio identidade-alteridade no tempo pedagógico: o corpo que atravessa em meio e rumando a uma educação sensível. A educação é movimento quando é sensível. E o tempo das tribos torna-se tempo do movimento, do devaneio, do relance, os espaços de limiar. E a razão sensível é razão do devaneio, em meio ao devaneio: razão-devaneio. E por isso razão movimento. A educação se dá entre, na dinâmica do entre, na “energia” do entre, a “mancha”. O entre não é estático, mas um movimento, como o lugar da alma (Gil). O corpo movente, o pensamento movente. Assim a travessia é a educação. Condição de transição, convulsionada e pouco pacífica. Que mancha o corpo e acena para um mais além.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo : Estação Liberdade, 2002.
2. AUMONT, Jacques et. al. **A Estética do Filme**. São Paulo : Papyrus, 1995.
3. _____. **A Imagem**. São Paulo : Papyrus, 2001.
4. AVELLAR, José Carlos. **O Chão da Palavra: Cinema e Literatura no Brasil**. São Paulo : Rocco, 2000.
5. ARENÓS, Paloma. **El Arte contra la Xenofobia**. Barcelona ; La Vanguardia, 2006.
6. BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo : Martins fontes, 1998.
7. BAUDRILLARD, Jean. **A Troca simbólica e a Morte**. São Paulo : Loyola, 1996.
8. BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro : Zahar, 2001.
9. _____. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro : Zahar, 1998.
10. BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. São Paulo : Martins Fontes, 1990.
11. BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte : UFMG, 2005.
12. BOSI, Ecléa.. **Memória e sociedade**. São Paulo : Companhia das Letras, 2003.
13. _____. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo : Ateliê Editorial, 2004.
14. BRÜNNER, José Joaquín. **Globalización Cultural y Posmodernidad**. Barcelona : FCE, 2004.
15. BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo : Centauro, 2001.
16. CALLIGARIS, Contardo. **A Vergonha de ser pobre**. São Paulo : Folha de São Paulo,, 23/fev/2006.
17. CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas**. São Paulo : Edusp, 2003.
18. CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. São Paulo : Paz e Terra, 2002. vol 2
19. CASSIRER, Ernest. **Ensaio sobre o Homem**. São Paulo : Martins fontes, 1997.
20. DI FELICE, Massimo. **Paisagens flutuantes, outdoors e arquiteturas móveis**. São Paulo : ECA, 2005.
21. FERREIRA SANTOS, Marcos. **Crepusculário: conferência sobre mitohermenêutica e educação em Euskadi**. São Paulo : Zouk, 2004.

22. _____. **Fiestas e Educação Ancestral em Ameríndia: um exercício mitohermenêutico.** São Paulo : Universitária, 2005.
www.marculus.net/textos/fiestas%20amerindia.pdf
23. _____. **Mitohermenêutica de la Creación: arte proceso identitario y ancestralidad.** São Paulo : Universitária, 2006.
www.marculus.net/mitohermeneuticas.pdf
24. FÉTIZON, Beatriz. **Da Infância à Velhice.** São Paulo : Zouk, 2003.
http://www.editorazouk.com.br/texto_complementar.asp?cod=82
http://www.editorazouk.com.br/texto_complementar.asp?cod=90
25. FISCHMANN, Roseli. **Relevância da Dimensão Cultural na pesquisa Educacional:** uma proposta de transversalidade. *Eccos* : São Paulo, v. 7, n. 1, p. 41-56, jun. 2005.
26. ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade.** 5. ed. São Paulo : Perspectiva, 1998.
27. ENCICLOPÉDIA filosófica. Firenze : Sansoni, 1967. vol. 1.
28. GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método:** Traços fundamentais de uma Hermenêutica filosófica. Petrópolis : Vozes, 1998.
29. GAMBOA, Santiago. **A Síndrome de Ulisses.** São Paulo : Planeta, 2006.
30. GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro : LTC, 1989.
31. GIL, José. **Metamorfoses do Corpo.** Lisboa : Relógio D'Água, 1997.
32. GOULD, Stephen Jay. **A Falsa Medida do Homem.** São Paulo : Martins Fontes, 1999.
33. HALL, Stuart. **Da Diáspora:** identidade e mediações culturais. Belo Horizonte : UFMG, 2003.
34. _____. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro : DP&A, 2005.
35. LÉVINAS, Emmanuel. **Entre Nós:** Ensaios sobre a alteridade. Petrópolis : Vozes, 1997.
36. MAFESOLLI, Michel. **A Contemplação do Mundo.** Porto Alegre : Ofícios, 1995.
37. _____. **Elogio da Razão Sensível.** Petrópolis : Vozes, 2001.
38. OLESTI, Isabel. **De cómo un niño se interesa por la inmigración.** Madrid : El País, 2005.

39. PERNIOLA, Mário. **Pensando o Ritual:** sexualidade, morte, mundo. São Paulo : Studio Nobel, 2000.
40. PRATS, Jayme. **Unidos por los más indefensos.** Tendrara : EL PAÍS, - 23-05-2005.
41. RICOEUR, Paul. **Nas Fronteiras da Filosofia.** São Paulo : Loyola, 1996.
42. ROUCH, Jean; MORIN, Edgar. **Crônica de um Verão:** textos. Rio de Janeiro : Videofilmes, 2008.
43. SALLES, Walter. **O Cinema Invisível.** São Paulo : Folha de São Paulo - Caderno Mais! 26 de novembro de 2006.
44. SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração:** ou os paradoxos da alteridade. São Paulo : Edusp, 1998.
45. SILVA, Sidney. **Costurando sonhos:** trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo. São Paulo: Paulinas, 1997.
46. SILVEIRA Jr. Mesac Roberto. **O Corpo que Mancha a Travessa:** arte de rua e a educação em um outro lugar. FE-USP : São Paulo, 2006. Dissertação de Mestrado.
47. VASCONCELLOS, Jorge. **Deleuze e o Cinema.** Rio de Janeiro : Ciência Moderna, 2006.
48. VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Pensamento entre os Gregos.** Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1990.
49. _____. **Entre Mito & Política.** São Paulo : Edusp, 2001.

REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

1. ARAÚJO, Daniela Soares. **Kantuta:** bolovianos em São Paulo. Universidade Anhembi Morumbi : São Paulo, 2006.
2. KLOTZEL, André. **O Bom Retiro é o Mundo.** Brasfilmes : São Paulo, 2007.

REFERÊNCIAS FOTOGRÁFICAS

1. Imagens 1; 2; 17:
www.boliviaweb.com/photography
2. Imagens 3-16:
www.elpais.es/fotos